

Maria do Carmo Viegas  
(Org.)

**MINAS  
É PLURAL**

Minas é plural

Maria do Carmo Viegas  
Organizadora

# Minas é plural

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

Copyright © 2011 Maria do Carmo Viegas

**Faculdade de Letras da UFMG**

DIRETOR: Luiz Francisco Dias

VICE-DIRETORA: Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

COORDENADORA: Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

SUB-COORDENADORA: Gláucia Muniz Proença Lara

Projeto Gráfico e Editoração: Marco Antônio e Alda Durães

Capa: Alda e Marco Antônio Durães

Revisão: Tânia Sifuentes

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

**V6S6M**

Minas é plural / Maria do Carmo Viegas, organizadora. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

179 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7758-095-8

1. Mudanças linguísticas. 2. Língua portuguesa – Vogais. 3. Língua portuguesa – Fonologia. 4. Sociolinguística. 5. Língua portuguesa – Variação – Ouro Branco (MG). 6. Língua portuguesa – Variação – Piranga (MG). 7. Língua portuguesa – Variação – Machacalis (MG). 8. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Gerais. 9. Língua portuguesa – Português falado – Ouro Branco (MG). 10. Língua portuguesa – Português falado – Piranga (MG). 11. Língua portuguesa – Português falado – Machacalis (MG). 12. Língua portuguesa – Dialetos – Ouro Branco (MG). 13. Língua portuguesa – Dialetos – Piranga (MG). 14. Língua portuguesa – Dialetos – Machacalis (MG) I. Viegas, Maria do Carmo. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.15

# SUMÁRIO

Apresentação <i>Maria do Carmo Viegas</i>	9
Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente <i>Maria do Carmo Viegas</i> <i>César Nardelli Cambraia</i>	13
Hierarquização da variação das vogais pretônicas em falares de Minas Gerais <i>Maria do Carmo Viegas</i> <i>Seung-Hwa Lee</i>	45
Estudo comparativo do alçamento das vogais pretônicas em Ouro Branco, Piranga e Machacalis/MG <i>Melina Rezende Dias</i>	55
Estudo comparativo da abertura das vogais pretônicas em três falares mineiros <i>Melina Rezende Dias</i>	71
Identificação e análise da interação entre variáveis independentes em estudos variacionistas <i>Alan Jardel de Oliveira</i>	93
Velarização da lateral alveolar no falar de Itaúna/MG <i>Alan Jardel de Oliveira</i>	113
A expressão <i>não obstante</i> : gramaticalização no português <i>Pâmella Alves Pereira</i> <i>Maria do Carmo Viegas</i>	143
Análise do <i>não</i> em formações nominais do português <i>Pâmella Alves Pereira</i> <i>Maria do Carmo Viegas</i>	171

Para Antônio e  
Maria do Carmo (*in memoriam*)

Para Celso e Juliano

# APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado do trabalho do grupo de pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado por mim, VARFON-Minas/CNPq, Variação Fonético-Fonológica, Morfológica e Lexical em Minas Gerais. Contamos ainda, nesta publicação, com a parceria do Prof. César Nardelli Cambraia e do Prof. Seung-Hwa Lee, ambos da UFMG, pesquisadores do CNPq, que gentilmente aceitaram o convite para participarem deste livro.

Por que falamos deste jeito em Minas? Para responder a essa questão, inicialmente, o VARFON-Minas tem como um dos objetivos descrever os vários falares mineiros. Como sabemos, há bastante variação em Minas Gerais – o que torna Minas um estado-chave para a pesquisa linguística. Estudando os vários falares mineiros, em projeção, talvez possamos falar em português do Brasil (PB).

Utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, conforme Labov (1972), na maioria dos capítulos. Preocupamo-nos com o rigor e o controle na utilização dos métodos e técnicas de captação de dados, assim como com as ferramentas de análise, em especial com as ferramentas estatísticas. Contamos com o apoio, em algumas pesquisas, da Profa. Cibele Comini César, do Departamento de Estatística do ICEX da UFMG, pesquisadora do CNPq. Os dados apresentados neste livro foram coletados com a aprovação do COEP – Comitê de Ética em Pesquisa – da UFMG.

Em consequência do rigor e do ineditismo de algumas pesquisas, fomos convidados a participar da mesa-redonda “Pesquisa de ponta em sociolinguística” no XXI Encontro da ANPOLL, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, em 2006. Tivemos também a dissertação de Alan Jardel de Oliveira agraciada com o Prêmio dos 25 Anos da ANPOLL, em 2010. Contamos com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG e da Diretoria da Faculdade de Letras da UFMG para a publicação desta obra.

Damos, nesta publicação, ênfase ao estudo das vogais, visto que, nas divisões dos falares brasileiros, a realização das vogais é sempre um dos fatores mais importantes. O *corpus* utilizado em grande parte das pesquisas é o VARFON-Minas. Neste livro, foram analisados dados de quatro municípios mineiros de diferentes regiões: Ouro Branco, Região Central; Piranga, Zona da Mata; Machacalis, Vale do Mucuri; e Itaúna, Centro-Oeste mineiro. Ao total são quase 40.000 *tokens*, que foram codificados em relação à variável dependente e a diversas variáveis independentes. No caso da análise das pretônicas, fizemos várias análises e várias formulações. Apresentamos algumas aqui, mas ainda não chegamos a nossa melhor formulação, que deverá ser alcançada em breve.

No primeiro capítulo, Viegas e Cambraia tratam da história das pretônicas e da descrição dessas vogais em falares mineiros, buscando principalmente uma relação entre a abertura existente nesses falares hoje e o processo de abertura que ocorreu em etapas anteriores da língua portuguesa. A abertura em certos falares vai além daquela presente em relatos de etapas anteriores do português.

Em Viegas e Lee, propõe-se uma hierarquização na TO, segundo Coetzee (2005), dos processos fonológicos diversos que se podem formular com os dados de dois municípios mineiros. Observa-se ainda que, no PB, a vogal *a* deve ser especificada com o traço [+baixo] para dar conta da realização da pretônica nos falares em questão, mas não apenas com esse traço.

No terceiro e quarto capítulos, Dias mostra os resultados comparativos de três municípios mineiros em relação ao alçamento, ou elevação, e em relação à abertura, respectivamente. Esses são resultados de uma das formulações apresentadas por ocasião da defesa das dissertações de Dias e Almeida, em 2008. É importante salientar aqui que há comparatividade entre os bancos de dados.

No quinto capítulo, utilizando-se de Paollilo (2002), entre outros, Oliveira mostra-nos que a interação entre fatores merece atenção e deve ser considerada na análise estatística.

No capítulo seguinte, Oliveira apresenta como um marcador de grupo a velarização do /l/, em Itaúna. Nesse texto temos o desenvolvimento de parte dos resultados de uma das variantes da variável sílaba átona final /lV/ apresentados em sua dissertação de mestrado, em 2006.



No sétimo capítulo, Pereira e Viegas tratam do estudo da gramaticalização do *não obstante*, segundo Hopper e Traugott (1993), e da variação *não obstante* ~ *embora* possivelmente interferindo no processo de gramaticalização do *não obstante*.

Pereira e Viegas, no capítulo oitavo, com embasamento na Fonologia Lexical, conforme Kiparsky (1983), analisam as formações nominais com *não*, como em *não sócio*, por exemplo, e propõem que essas sejam tratadas como formações pós-lexicais. Esses dois últimos capítulos fazem parte da tese de doutorado de Pereira, em andamento.

Resultantes de apresentações e discussões no interior do grupo VARFON-Minas, esses trabalhos refletem principalmente um momento importante do estudo da variação fonético-fonológica em Minas Gerais em que há comprovação empírica e embasamento teórico.

Maria do Carmo Viegas  
Belo Horizonte, 16 de maio de 2011.  
mariadocarmo.viegas@gmail.com

# Vogais médias pretônicas no português brasileiro: contrastando passado e presente

Maria do Carmo Viegas  
UFMG

César Nardelli Cambraia  
UFMG/CNPq

Um dos fatos linguísticos mais salientes na diferenciação das variedades do português brasileiro são as vogais pretônicas médias. Como assinalou Nascentes (1953), o domínio linguístico do português no Brasil apresenta, nesse aspecto, *grosso modo*, uma divisão em duas grandes áreas: uma ao norte, em que as vogais pretônicas médias seriam abertas; e outra ao sul, em que seriam fechadas. Em função de sua amplitude, trata-se de um fenômeno de grande importância para a compreensão de como a língua portuguesa se fixou e se diferenciou no território brasileiro.

Com o objetivo de contribuir para um melhor conhecimento da história das vogais médias pretônicas na língua portuguesa, realiza-se aqui uma análise comparativa do seu comportamento no passado e no presente, com especial referência à situação dialetal de Minas Gerais.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Agradecemos os valiosos comentários feitos pela Profa. Sueli Coelho.

# 1. Vogais pretônicas: do latim ao português moderno

## 1.1. Dados de estudos sobre a história da língua portuguesa

A língua latina apresentava um sistema vocálico composto de cinco elementos que se diferenciavam em termos de duração entre breves e longas (FARIA, 1958, p. 19), de forma que se compunha, na verdade, de 10 unidades distintivas – / ī, ĭ, ē, ē̄, ā, ă, ō, ō̄, ŭ, ū / – passíveis de ocorrer em diferentes contextos (pretônico, tônico ou postônico). O lugar do acento de intensidade estava relacionado à duração da vogal da penúltima sílaba: se fosse longa, o acento recairia sobre ela; se fosse breve, recairia sobre a anterior (FARIA, 1958, p. 27).

Esse sistema modificou-se sensivelmente no curso da história: a quantidade deixou de apresentar valor distintivo, adquirindo esse *status* o grau de abertura das vogais, uma vez que, mesmo na época do sistema quantitativo, as vogais já apresentavam diferenciação entre abertas (as breves) e fechadas (as longas). Além disso, o desenvolvimento do sistema tornou-se sensível ao acento de intensidade, de forma que, dependendo desse aspecto, o sistema resultante diferia. Segundo Lausberg (1981, p. 110-114, 148-149), os sistemas resultantes podem ser distribuídos em quatro tipos: sistema do latim vulgar (SLV); arcaico da Sardenha, Lucânia e África (SA), de compromisso da Lucânia oriental e no românico dos Balcãs (SC); e siciliano (SS). Vejam-se a seguir os padrões resultantes para o vocalismo tônico e átono em comparação com o do latim clássico (SLC), segundo Lausberg (1981):

QUADRO 1  
Evolução das vogais tônicas e átonas

	Tônicas										Átonas										
SLC	ī	ĭ	ē	ĕ	ā	ă	ō	ō̄	ŭ	ū	ī	ĭ	ē	ĕ	ā	ă	ō	ō̄	ŭ	ū	
SLV	i		e	ɛ	a	ɔ		o	u	u	i		e		a		o		u	u	
SA		i		e		a		o		u	i		e		a		o		u	u	
SC	i		e		ɛ		a		o		u	i		e		a				u	
SS			i		ɛ		a		ɔ		u			i		a				u	

Vê-se, pelo contraste entre os dados do vocalismo tônico frente aos do átono, que este apresenta um inventário mais reduzido em SLV, SC e SS do que aquele: a diferença essencial diz respeito à evolução das médias breves, que no contexto tônico resultaram em geral em médias abertas, mas

que no átono resultaram em geral em médias fechadas. Observa-se, de modo geral, *uma tendência à menor diferenciação de abertura das vogais no subsistema átono*. Lausberg (1981, p. 149) alerta, no entanto, que o resultado da evolução histórica das átonas nas línguas e dialetos românicos é bastante variado, representando a descrição dos quatro sistemas resultantes apenas os aspectos fundamentais do processo. O sistema do latim vulgar deu origem aos sistemas de diferentes línguas românicas, como o do português, o do espanhol, o do catalão, o do francês, o do occitânico, o do reto-românico e o do italiano (toscano); o sistema de compromisso, ao do romeno; o sistema arcaico, ao do sardo; e, por fim, o sistema siciliano, ao do dialeto siciliano na Itália.

Há diferentes interpretações para as motivações da reorganização do sistema vocálico latino em distintos sistemas românicos. Fradejas Rueda (2000, p. 43-47) as divide em três grupos: *estrutural* (WEINRICH, 1958; NOVAK, 1932; e LLOYD, 1993), *substratística* (LAUSBERG, 1981; ARIZA VIGUERA, 1989) e *fonética* (STRAKA, 1959). Segundo Weinrich (1958), seriam possíveis no latim quatro tipos de combinação entre fonemas longos e breves no meio de palavra: (a) vogal breve + consoante breve [ex.: *rōta*], (b) vogal breve + consoante longa [ex.: *gūtta*], (c) vogal longa + consoante breve [ex.: *sōlus*] e (d) vogal longa + consoante longa [ex.: *sĕlla*]. Teria havido, desde cedo, uma tendência a fazer a quantidade das vogais e a das consoantes dependerem entre si. Em um primeiro momento, teria desaparecido o último tipo de combinação, pois as vogais longas se tornariam breves antes de consoantes longas [ex.: *mĭtto* > *mĭtto*]; posteriormente, as vogais breves se tornariam longas antes de consoantes breves; e, por fim, se instalaria um sistema de correlação oposta entre a quantidade das vogais e a das consoantes, ou seja, ocorreria vogal breve antes de consoante longa e vogal longa antes de consoante breve. Com esse novo sistema, a quantidade original das vogais (quantidade por natureza) teria passado a ser determinada pelo contexto (quantidade por posição), deixando então de ter valor distintivo. Já segundo Novak (1932, p. 45-47), a origem do desaparecimento do sistema de quantidade está relacionada à monotongação do ditongo /ae/, que teria gerado um fonema anterior longo aberto /ɛ:/. Esse novo fonema criaria instabilidade na correlação, existente até então, entre quantidade e abertura (breves = abertas, e longas = fechadas), fazendo prevalecer apenas a abertura como traço distintivo. Para Lloyd (1993, p. 184), quatro fatores influíram na desfonologização da quantidade: ineficácia da distinção quantitativa

(= duração) diante da qualitativa (= abertura); redução dos contextos em que vogais breves e longas eram distintivas a apenas três; ação do acento, que vinculou a quantidade da vogal à posição do acento; e tendência de eliminação da combinação vogal longa + consoante longa. Segundo a proposta de Lausberg (1981, p. 110), o desaparecimento do sistema quantitativo seria interferência de substrato das comunidades aloglotas, que foram paulatinamente adotando o latim como língua materna, embora estivessem acostumadas a outros sistemas vocálicos. Para Ariza Viguera (1989, p. 14), a interferência, segundo o escrito latino Cosêncio, seria um “vitium afrorum familiare” (“vício familiar aos africanos”). Por fim, tem-se a proposta de Straka (1959), segundo a qual as mudanças seriam decorrentes de leis que regeriam as mudanças de abertura vocálica: vogais de pequena e média abertura (/e, o/ para cima) alçam quando longas; e vogais de maior abertura (/ɛ, ɔ/ para baixo) rebaixam quando longas.

No período compreendido entre 1200 e aproximadamente 1350, o galego-português (complexo linguístico que ainda não se havia diferenciado nos domínios do português e do galego) continuava a apresentar uma organização do sistema vocálico igual à do referido sistema do latim vulgar: Teyssier (1993, p. 24-25) assinala que o sistema vocálico dessa época se compunha de sete fonemas vocálicos – /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/ – em posição tônica e cinco – /i, e, a, o, u/ – em posição átona não final (essencialmente em posição pretônica). Note-se que se mantinha a ausência de oposição fonológica entre vogais médias abertas e fechadas na posição pretônica.

Como salienta Teyssier (1993, p. 41-43), uma mudança fônica em especial modificou esse sistema a partir do séc. XIV: trata-se da contração de duas vogais em uma única. Por um lado, as contrações com vogal tônica mudaram levemente o inventário de fonemas: no que diz respeito às vogais médias e altas, o resultado foi sempre um fonema que já existia no sistema – cf. *venire* > *vīir* > *v[i]r*; *legere* > *leer* > *l[e]r*; *pede* > *pee* > *p[ɛ]*; *colubra* > *coobra* > *c[ɔ]bra*; *colore* > *coor* > *c[o]r*; *nudu* > *nuu* > *n[u]*. Por outro lado, no que se refere à vogal baixa, houve a criação de uma oposição fonológica manifesta apenas diante de nasal entre um fonema aberto /a/ (derivado de contração – cf. *ganho* > *g[a]nho*) e um fonema fechado /ɑ/<sup>2</sup> (continuação histórica do /a/ que não derivou de contração – cf. *cama* > *c[ɑ]ma*); se não

<sup>2</sup> Teyssier (1993, p. 42-43) utiliza o símbolo / ä /.

estivesse diante de nasal, a contração geraria um fonema baixo aberto /a/ – cf. *mala* > *maa* > *m[a]*.<sup>3</sup> O sistema vocálico em posição tônica passou então a apresentar oito fonemas: /i, e, ε, a, α, ɔ, o, u/. Em posição átona pretônica, as contrações geraram uma modificação mais ampla, pois se estabeleceu uma oposição entre abertas e fechadas não apenas em vogais baixas (como no caso da tônica diante de nasal) mas também em médias – cf. \**calavaria* > *caaveira* > *c[a]veira*; *predicare* > *preegar* > *pr[ε]gar*; e *colorare* > *coorar* > *c[ɔ]rar* diante de *cathedra* > *c[α]deira*; *plicare* > *pr[e]gar*; *morare* > *m[o]rar*. O par *pr[ε]gar* (“fazer sermão”) e *pr[e]gar* (“fixar com prego”) evidencia claramente o valor fonológico da oposição entre média aberta e fechada em posição pretônica. O sistema vocálico em posição pretônica passou a apresentar também oito fonemas: /i, e, ε, a, α, ɔ, o, u/. Vê-se, portanto, que os fonemas vocálicos orais em posição tônica e os em posição pretônica tinham se igualado em oito por volta do séc. XVI (TEYSSIER, 1993, p. 43). Esse sistema se manifestaria posteriormente em sistemas distintos na Europa e no Brasil.

No português europeu, a mudança mais notável foi a redução das vogais médias pretônicas: o fonema /o/ passou a /u/ a partir da segunda metade do séc. XVII (TEYSSIER, 1993, p. 61-62), e o fonema /e/ passou a /ə/<sup>4</sup> provavelmente depois de 1750 (TEYSSIER, 1993, p. 62-63). Neste segundo caso, é importante salientar que há atestações de palavras em que o resultado seria um [i], razão pela qual Teyssier (1993, p. 62) aventa a hipótese

<sup>3</sup> A rigor, os dados apresentados por Teyssier (1993, p. 42) indicam que haveria duas realizações fônicas diferentes para as vogais baixas, mas não parecem suficientes para se postular que já fossem duas unidades fonológicas distintas, uma vez que não há evidência de par mínimo no português dessa época em que essas duas realidades fônicas contrastassem, ou seja, [a] e [α] seriam, na verdade, alofones de um mesmo fonema. A oposição em posição tônica, mencionada por Teyssier (1993, p. 42), entre perfeito da 1ª conjugação (-*amos*), com vogal aberta, e presente da mesma conjugação (-*amos*), com vogal fechada, exige uma análise à parte, já que a tônica da forma de perfeito (cf. lat. *amauimus* > port. *amamos*) não deriva da fonte comum da vogal aberta, ou seja, de crase. Williams (1991, p. 197) atribui sua origem a analogia com a tônica da 2ª pessoa do singular e da 2ª e da 3ª pessoa do plural (casos em que não era seguida de nasal e seria, portanto aberta), sem, entanto, indicar em que momento da história do português a analogia teria se consumado.

<sup>4</sup> Teyssier (1993, p. 62-63) utiliza o símbolo / ə /.

de que poderia ter havido uma fase intermediária de /i/ no trajeto de /e/ a /ə/, embora o referido autor considere que ainda não haja informações suficientes para comprová-la. As duas mencionadas mudanças deixariam a “casa” das médias fechadas vazias, entretanto a monotongação de /ou/ em /o/ por volta do séc. XVII preencheu a lacuna deixada pelo alçamento da média posterior fechada (TEYSSIER, 1993, p. 63). É interessante salientar que igual efeito não teve a monotongação de /ei/: Teyssier (1993, p. 63-64) considera que esse fenômeno, próprio do sul de Portugal, já teria se consumado na segunda metade do século XVIII naquela região, enquanto na região de Lisboa (parâmetro da língua padrão) o elemento inicial do ditongo teria aumentado sua diferenciação em relação ao segundo ao passar a um /α/.<sup>5</sup> Em síntese, após os três fenômenos gerais citados (alçamento de /o/, redução de /e/ e monotongação de /ou/), o sistema pretônico da norma padrão do português europeu acabou mantendo um inventário de oito unidades fonológicas, mas com mudança da natureza da média fechada (que se tornou central): /i, ə, ε, α, a, ɔ, o, u/.

Diferentemente do português europeu, o português brasileiro apresenta atualmente sistemas vocálicos tônico e pretônico semelhantes ao da fase arcaica, ou seja, sete fonemas vocálicos em posição tônica – /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ – e cinco em posição pretônica – /i, e, a, o, u/. Teyssier (1993, p. 81) considera que o “conservadorismo do português do Brasil, no que se refere às vogais átonas, é (...) um dos pontos que mais o distinguem hoje do português europeu”. Essa afirmação baseia-se no fato de o português do Brasil ter mantido: (a) a pronúncia [u] e [i] para, respectivamente, *-o* e *-e* gráficos (átonos finais), exceto no extremo sul; (b) a pronúncia mais breve e mais aberta do *-a* (átono final); (c) o timbre de *e* e *o* (átonos pretônicos), fechados no Centro-Sul e abertos no Norte e Nordeste; (d) as transformações excepcionais (alçamentos) de *e* e *o* existentes na língua antiga; e (e) a realização aberta do *a* pretônico (TEYSSIER, 1993, p. 80-81). Estes três últimos itens são de especial interesse aqui, porque envolvem as pretônicas. A natureza conservadora desses aspectos, defendida por Teyssier (1993), naturalmente não significa ausência de mudanças na formação do sistema vocálico pretônico do português do Brasil. Em primeiro lugar, quando Teyssier (1993, p. 80-81) diz, sobre as pretônicas, que “o [português] ‘brasileiro’ conservou

<sup>5</sup> Teyssier (1993, p. 64-65) utiliza o símbolo / ä /.

o antigo timbre de *e* e *o*”, certamente se refere ao fato de não terem passado respectivamente a /ə/ e /u/ de forma geral (mudança ocorrida no domínio europeu), mas isso não significa que se manteve exatamente a situação do séc. XVI, pois, naquela época, o português apresentava em posição pretônica quatro fonemas médios (/e, ε, o, o/) e o português brasileiro tem atualmente apenas dois fonemas (/e, o/), que se realizam predominantemente como fechados no Centro-Sul ([e, o]) e predominantemente abertos no Norte e Nordeste ([ε, o]): houve, portanto, uma redução no inventário dos fonemas médios pretônicos de quatro para dois. Em segundo lugar, quando Teyssier (1993, p. 81) afirma que “o [português] ‘brasileiro’ pratica algumas das transformações excepcionais das pretônicas que a língua antiga conhecia”, seguramente não pode estar defendendo que o português brasileiro espelhe a situação do séc. XVI, já que, pelo menos na escrita daquela época, os alçamentos (/o/ > /u/ e /e/ > /i/) não apareciam de forma categórica, mas sim eventual: portanto, ainda que, no português brasileiro, haja um fenômeno que remonte a fases bem mais antigas, sua ampla difusão (no léxico e no território brasileiro) já constitui por si só uma mudança. Em terceiro lugar, mesmo a mencionada realização aberta do *a* pretônico também reflete uma mudança: se, nos casos em que o *a* pretônico se origina de crase, a realização aberta no português brasileiro pode ser interpretada como uma manutenção; já nos casos em que deriva de um *a* simples, a realização aberta, comum em vários dialetos, deve necessariamente ser considerada como uma mudança, pois no português do séc. XVI sua realização seria fechada, segundo apurou Teyssier (1993) com base em gramáticos da época. Em síntese, comparando o sistema fonológico do português arcaico e do português brasileiro, nota-se uma quase identidade no inventário, mas isso não significa a ausência de mudanças fônicas do sistema arcaico ao do Brasil contemporâneo, já que diferentes alterações ocorreram do séc. XVI ao XXI, para que essa quase identidade se constituísse.

É interessante citar aqui algumas das considerações de Maia (1997) sobre a história das pretônicas do português, uma vez que fundamenta sua análise na edição que fez de farta documentação notarial produzida na Galiza e no norte de Portugal do séc. XIII ao XVI. Primeiramente, no que diz respeito ao *a* pretônico, Maia (1997, p. 327-329), baseada nos relatos de gramáticos (Fernão de Oliveira, Duarte Nunes de Leão e João de Barros), defende, como Teyssier (1993), que a repartição entre [α] (fechado) e [a]



(aberto)<sup>6</sup> na linguagem da corte seria idêntica à do português europeu atual, ou seja, aberto nos casos que correspondem etimologicamente a resultado de crase de dois *as* etimológicos e fechado nos demais casos. O contraste entre a situação das variedades europeias do português (com a já referida repartição) e a do português do Brasil (com pronúncia apenas aberta) levou-a a aventar duas hipóteses: (a) a pronúncia geral aberta do português do Brasil seria continuação de uma pronúncia antiga que já não mais existia na linguagem da corte portuguesa do séc. XVI, mas continuava viva em variedades regionais lusitanas; ou (b) a pronúncia fechada do sistema com repartição em [α] e [a] existiria desde um período mais antigo (o que significa que a abertura generalizada no português do Brasil seria uma inovação). Para este último caso, Maia (1997, p. 330-331) chama a atenção para a hipótese de Révah (1958, p. 398), de que a abertura das pretônicas seria um movimento de restauração, com base na existência de correlação entre formas morfológicas em que a vogal ora é acentuada ora é pretônica, tal como nas formas verbais *máto* e *matár*, situação em que a abertura das formas rizotônicas teria se difundido para as arrizotônicas (e, portanto, para as pretônicas). O exame que Maia (1997, p. 332) fez da documentação do português antigo por ela editada, porém, não permitiu determinar se a pronúncia do *a* pretônico de forma geral seria aberta ou fechada. Em segundo lugar, no que se refere ao *e* pretônico, Maia (1997, p. 357-358) afirma que o fonema /e/ poderia se realizar em posição inicial absoluta como [i-], [ei-] ou, mais regularmente, [e-] (neste último caso, como nos falares do Alentejo e Algarve, bem como nas variedades brasileiras), além de esporadicamente como [a-]; já em posição não inicial absoluta, Maia (1997, p. 358-359), opondo-se à proposta de Carvalho (1962), de que até no século XVIII a realização seria como [e], propõe que haveria flutuação entre esse [e] e “um [e] muito breve e relaxado possivelmente já bastante próximo do moderno [ə] central”, havendo, porém, casos em que, por diferentes fenômenos fonológicos (harmonia vocálica, influência de palatal, presença em hiato), o *e* pretônico alternaria com [i] – e em casos mais esporádicos, e por outros desses fenômenos, com [o], [u] ou [a]. Por fim, no que tange ao *o* pretônico, Maia (1997, p. 399) informa que o fonema /o/ poderia se realizar em posição inicial absoluta como [o-], [ou-] e, possivelmente,

<sup>6</sup> Maia (1997, p. 329) utiliza os símbolos [a] (fechado) e [a̠] (aberto).

[u-]; já em posição não inicial absoluta, Maia (1997, p. 407-408) afirma que o grafema *o* representaria regularmente um [o], havendo, porém, alguns poucos casos especiais em que existiria alternância com [u].

## 1.2. Dados da tradição gramatical

Como se vê, a história do sistema vocálico pretônico da língua portuguesa é complexa e, por isso, demanda dados de diferentes fontes para sua melhor compreensão. O recurso aos testemunhos de gramáticos do passado tem sido bastante revelador, tal como se percebe pelas inferências produtivas realizadas, por exemplo, por Carvalho (1962), Teysier (1993), Maia (1997) e Mattos e Silva (1989, 2006). De forma geral, as gramáticas contribuem para o conhecimento da realidade dos sistemas fonológicos do passado através de três aspectos: (a) da descrição articulatória dos sons, (b) do sistema gráfico adotado (em que se pode marcar a diferença entre abertas e fechadas) e (c) de listas de palavras com sua pronúncia considerada “correta”. Considerando que os estudos acima referidos não exploraram todas essas possibilidades para as obras gramaticais do passado, certamente vale a pena revisitá-las, dando especial atenção à questão das pretônicas.

Fernão de Oliveira descreve o sistema vocálico do português como composto de oito vogais: “nã temos (...) diuersidade ã .i. nem .v. Temos a grãde como almadα 2 α pequeno como alemãnhα: temos ε grande como festa 2 e pequeno como festo:2 temos o grande como fermwsos 2 o pequeno como fermoso”<sup>7</sup> (OLIVEIRA, 1536, fól. Avj-v). Os exemplos apresentados pelo gramático sugerem existência da oposição aberta (“grande”) x fechada (“pequena”) em posição pretônica para baixas (cf. <a> em <almada> e <α> em <alemãnhα>). Infelizmente, a oposição gráfica que diferencia as vogais abertas e fechadas, proposta pelo gramático (OLIVEIRA, 1536, fól. Avij-r), não é adotada sistematicamente no sistema gráfico da sua própria obra, apenas em alguns poucos dados que são apresentados como exemplos.

João de Barros também descreve o sistema vocálico do português como composto de oito vogais: “uogães sam, á a e e i ó o u” (BARROS, 1540, fól. 40v) e “Nós (...) temos oito .s, á grande, a, pequeno .e. grãde, e, pequeno .i.

<sup>7</sup> O sinal 2 é a chamada *nota tironiana*, que serve de sinal abreviativo para a conjunção aditiva *e* (CAMBRAIA, 2005, p.129).

*comũ, ó, grãde, o, pequeno*”<sup>8</sup> (BARROS, 1540, fól. 42v). Diferentemente de Oliveira, Barros adota esse sistema de representação vocálica ao longo de toda a sua obra (e não apenas nos dados apresentados como exemplos), mas parece adotá-lo essencialmente para a posição tônica.<sup>9</sup> Em posição átona, as vogais “grandes” ocorrem essencialmente nos advérbios em *-mente* (cf. *sómẽte* (fól. 1v18)), em crase entre preposição e artigo feminino (cf. *à escola* (fól. 43v9-10)) ou demonstrativo (cf. *àquella* (fól. 4r7)) e no pronome pessoal átono (cf. *ô* (fól. 4r15); *â, á* (fól. 42r11-12)).<sup>10</sup> Entretanto, a forma *sádios* (< lat. *sanativos*) na gramática de Barros (fól. 10v8) atesta a existência da vogal baixa aberta em posição pretônica (no caso, decorrente de crase). Para as vogais médias em posição pretônica, a obra de Barros nada parece informar em termos de oposição entre abertas e fechadas.

Duarte Nunes Leão afirma que, das letras que apresenta, “seis são vogaes .s.<sup>11</sup> a.e.i.o.u.y”<sup>12</sup> (LEÃO, 1576, fól. 2r). Embora conteste a visão de que haja graficamente dois *as*, explica que “quando teem o accento agudo, parece grande, como em prato, & quando graue, parece pequeno, como em prateleiro. E todalas vezes, que despois do .a. se segue .m. ou .n.” (fól. 3r), ou seja, informa que haveria rebaixamento de uma aberta quando esta passa da posição tônica (*pr[a]to*) para pretônica (*pr[α]teleiro*), bem como o fato de ser fechada antes de nasal. Leão faz basicamente a mesma afirmação sobre o *e* (fól. 6r) e o *o* (fól. 14r-17v): não haveria mais que uma “figura” (= letra) em relação a cada uma delas, estando a diferença na presença ou não de acento (sendo fechada no caso de ausência de acento).

<sup>8</sup> O sinal .s. é uma abreviatura para *scilicet* (“a saber”).

<sup>9</sup> Na gramática de Barros há instabilidade na representação gráfica (*e*, quiçá, variação fônica): como exemplo, pode-se citar o demonstrativo feminino ora escrito como *ęsta* (fól. 1v14) ora como *esta* (fól. 1v17), caso cuja abertura da primeira vogal deriva historicamente de metafonia.

<sup>10</sup> Curiosamente, Barros considera as letras com diacrítico como um todo (e não como letra com sinal sobrescrito, como interpreta os casos com til (fól. 3v)), o que torna estranho não falar sobre as formas *â* e *ô* (com circunflexo) e, no entanto, utilizá-las.

<sup>11</sup> A forma .s. é abreviatura para *scilicet*, ou seja, “convém a saber”.

<sup>12</sup> Leão (1576, fól. 20v-22v) considera que se deve empregar a letra *y* nas “dições Gregas”, como *syllaba*. Neste caso, o gramático parece considerar mais importante a etimologia do que propriamente a provável falta de diferença entre o som que *i* e *y* representariam no português da época.

Madureira Feijó oferece dados mais ricos à questão das pretônicas, pois o sistema gráfico que adota é mais transparente em relação a esse aspecto. Feijó (1734, p. 13) define *accento agudo* como “aquelle som, com que se levanta a voz na pronunciaçõ de alguma Syllaba, carregando, ou ferindo a vogal com toda a força de vogal” sendo assinalado com uma “risquinha (...) inclinada para a mão direita”. É interessante verificar que, na verdade, o diacrítico é utilizado para marcar sílaba tônica e/ou abertura de vogal:

Estas palavras *Emprego*, *o Tempéro*, são indifferentes para se pronunciarem como nomes, ou como verbos; e para tirarmos a duvida se são huns, ou outros; quando quizermos usar dellas como nomes, lhe poremos *accento circumflexo* na penultima, desde modo: *O Emprêgo*, *o Tempêro*; porque soa o *E* com meyo tom. E quando usarmos dellas como verbos, poremos *accento agudo* na mesma penultima, assim: Eu *Emprêgo*, eu *Tempêro*, porque soa o *E* com toda a sua força de vogal, ou com tom predominante. (FEIJÓ, 1734, p. 15; itálicos do autor)

Como o acento agudo aparece também em vogais em posição pretônica, infere-se que estaria marcando, nesses casos, obviamente não a tonicidade, mas sim a natureza da abertura. Ao longo de sua obra, constatam-se diversas palavras registradas com acento agudo sobre a letra que representa vogal média pretônica: dada a amplitude da obra, não é possível analisar aqui todas essas ocorrências. Parece pertinente, no entanto, comentar os padrões que alguns dados coletados revelam:

- (a) representação de pretônica aberta resultante de crase: de vogal anterior = *Esquécerse* (p. 306), *Esquécido* (p. 306), *Esquécimento* (p. 306), *Geraçãõ* (p. 341), *Géral* (p. 341), *Prégadôr* (p. 447) / de vogal posterior = *Córar* (p. 256), *Mórdômo* (p. 405);
- (b) representação de pretônica aberta em compostos/derivados cuja base apresentava tônica aberta: com vogal anterior = *Pégada* (p. 432), *Séttecentos* (p. 100);
- (c) representação de pretônica aberta em sílaba etimologicamente travada: com vogal anterior = *Acépçaõ* (p. 51), *Concépçaõ* (p. 251), *Dirécçaõ* (p. 51), *Infêççaõ* (p. 52), *Obrépçaõ* (p. 416), *Recépçaõ* (p. 461), *Régnante* (p. 464), *Sécçaõ* (p. 52), *Ségmento* (p. 68) / com vogal posterior = *Adóptar* (p. 170), *Adóptivo* (p. 170), *Adópçaõ* (p. 170).<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Teyssier (1993, p. 43) considera que os fonemas pretônicos inovadores no séc. XVI – /ɛ, a, ɔ/ – tiveram como fonte, além dos já mencionados casos de crase,

(d) caso que não se enquadra nas categorias anteriores: *Próteccão* (p. 52).

Verifica-se explicitamente a oposição fonológica entre pretônicas abertas e fechadas em dados listados por Feijó (1734, p. 432) como o de *Pégada* (“impressão da planta do pé na terra”) frente a *Pegáda* (“cousa Pegáda”, ou seja, particípio passado de *pegar*).

Lima (1736, p. 2) esclarece em sua gramática que as vogais *a*, *e* e *o* podiam ser abertas ou fechadas, mas não adota um sistema gráfico que represente essa diferenças quanto às pretônicas. Como ocorre tradicionalmente, dá grande atenção às tônicas, embora ofereça alguns dados relevantes sobre as pretônicas.<sup>14</sup> Quanto ao *a* pretônico, infere-se, pelas regras que apresenta, que seria de forma geral fechado, como em compostos cuja base tinha *a* aberto (cf. *Arte* com aberta mas *Artificial* com fechada (p. 7)), em trissílabas ou polissílabas paroxítonas (cf. *Adorno* e *Favorecido*, ambas com fechada (p. 7)), em nomes ou verbos seguida de *r* ou *s* (cf. *Artelho*, *Aspecto*, *Martyrisar* e *Mastigar*, com exceção de *Armada* e *Armador* (p. 8)) e

---

casos de “alongamento compensatório resultante da queda de algumas consoantes na pronúncia de palavras eruditas”, como *director* (com /e/ e *c* mudo), *acção* (com /a/ e *c* mudo) e *adopção* (com /o/ e *p* mudo). Essa explicação, no entanto, não dá conta de dados como *régnante* e *ségmento*, presentes na gramática de Feijó, uma vez que não terá ocorrido neles a queda da consoante (no primeiro caso, terá havido semivocalização do /g/ e, no segundo, manutenção do /g/), mas há a marcação de abertura da vogal pretônica. Cabe salientar que, como já visto antes aqui, sílabas travadas no latim tornavam as vogais breves e, conseqüentemente, abertas, quando em sílaba tônica, mas, segundo a proposta de Teyssier, é necessário admitir que teria havido uma inversão em um dado momento da história do português (em que a duração já não era distintiva), resultando em uma associação entre maior duração e abertura, associação esta que se constata em estudos descritivos da duração das vogais do português brasileiro, no qual as orais abertas tônicas têm maior duração que as fechadas (cf. SOUSA, 1994 apud TEIXEIRA; VAZ; MOUTINHO; COIMBRA; LISBOA, 2004, p. 77), diferentemente do português europeu, em que estas tem maior duração do que aquelas (cf. TEIXEIRA; VAZ; MOUTINHO; COIMBRA; LISBOA, 2004, p. 76)

<sup>14</sup> Curiosamente Lima (1736), ao descrever quando as vogais *a*, *e* e *o* aparecem como abertas ou fechadas, utiliza critérios heterogêneos: distribui os casos em posição inicial, medial e final, e, em seguida, faz referência a aspectos como terminação da palavra, relação entre forma primitiva ou derivada, posição do acento, classe da palavra e contexto fônico subsequente.

em nomes oxítonos (cf. *Cazál* (p. 9)), mas seria aberto quando na mesma sílaba se seguia *c* ou *l* (cf. *Accesso* e *Alteza*, com exceção de *Accento*, que, segundo o autor, “perde um *c*” (p. 8-9)). Quanto ao *e*, esclarece que “os composto de muitas syllabas naõ seguem sempre a Vogal aberta dos seus simples” (cf. *Férro* com *e* aberto e *Ferrado* com *e* fechado (p. 21)) e diz também que seria fechado em posição pretônica de oxítonas (cf. *Leál* (p. 21)) e em posição pretônica inicial de nomes e verbos (cf. *Espaço*, com exceção de *Mésinha*, *Séteira*, *Sédiço* (p. 21)). Quanto ao *o*, explica que “na primeira syllaba he fechado nos Nomes que tem mais de duas syllabas” (cf. *Morada* (p. 47)), com exceção de *Córado*, *Mórgádo*, *Sómente*, *Cónesia* (p. 47). A regra geral que se infere quanto às pretônicas é que seriam basicamente fechadas, mas em algumas circunstâncias especiais poderiam ser abertas.

Monte Carmelo (1767, p. 80) define *accento agudo* explicando que “quando (...) proferimos, ou movemos o ar com grande impulso, os circulares movimentos do ar sam mais frequentes, e fortes; e nisto consiste o *Accento*, que se-diz *Agudo*”. Tal como em Feijó, o diacrítico é utilizado para marcar sílaba tônica e/ou abertura de vogal:

Os dois *Accentos* dominantes, ou *Agudo*, e *Circumflexo*, sam muitas vezes necessarios nas Syllabas *A*, *E*, *O*, para clareza do *Sentido* (...). Devemos usar destes *Accentos* no *E*, quando for necessário distinguir os *Nomes* dos *Verbos* (...). Tem *Accento* circumflexo estes *Nomes*, v. g. *Acêrto*, *Aderêço*; *Arremêso* (...). Porém devem ter *Accento* agudo no *E* (...) os seguintes *Verbos* *Eu acêrto*; *Eu aderêço*; *Eu arremêso* (...). (MONTE CARMELO, 1767, p. 81; itálicos do autor)

Como o acento agudo aparece também em vogais em posição pretônica, infere-se novamente que estaria marcando, nesses casos, obviamente não a tonicidade, mas sim a natureza da abertura. Ao longo de sua obra, constata-se diversas palavras registradas com acento agudo sobre a letra que representa vogal média pretônica: dada a amplitude da obra, não é possível analisar aqui todas essas ocorrências. Parece pertinente, no entanto, comentar os padrões que alguns dados coletados revelam:

- (a) representação de pretônica aberta resultante de crase: de vogal anterior = *Amézinhar* (p. 129), *Esquécêr* (p. 130), *Gérár* (p. 130), *Prégadór* (p. 27), *Séttáda* (p. 131), *Védôr* (p. 131) / de vogal posterior = *Córár* (p. 129);
- (b) representação de pretônica aberta em compostos cuja base apresentava tônica aberta: com vogal anterior = *Afféctivo* (p. 128), *Bélmonte* (p. 129),

*Empéstár* (p. 130), *Enfézár* (p. 130), *Entréváda* (p. 130), *Envélhecida* (p. 130), *Félpáda* (p. 130), *Fétál* (p. 130), *Fétêira* (p. 130), *Fréchêiro* (p. 130), *Objéctivo* (p. 128), *Rebéldia* (p. 131), *Républca* (p. 131), *Sélvática* (p. 131) / com vogal posterior = *Mórtecôr* (p. 130), *Nórdeste* (p. 130), *Sómênte* (p. 131);

- (c) representação de pretônica aberta em sílaba etimologicamente travada: com vogal anterior = *Adjéççâm* (p. 128), *Analépsia* (p. 128), *Embréçhádo* (p. 130), *Epilépsta* (p. 128), *Excéççâm* (p. 128), *Excéptuár* (p. 128), *Obréççâm* (p. 128), *Percéptivel* (p. 128), *Recéptáculo* (p. 128), *Subréççâm* (p. 128), *Subrépticio* (p. 128) / com vogal posterior = *Adóptár* (p. 128), *Adóptivo* (p. 128);
- (d) representação de pretônica aberta antes de *l* ou *r*: com vogal anterior = *Bélmázes* (p. 23), *Délfím* (p. 129), *Délfínádo* (p. 129), *Mélgáço* (p. 130), *Quélúz* (p. 131), *Véreadór* (p. 131) / com vogal posterior = *Górár-se* (p. 130), *Rólm* (p. 131), *Rórtz* (p. 131)
- (e) casos que não se enquadram nas categorias anteriores: *Réfêndo* (p. 131), *Rézênde* (p. 131), *Sédiça* (p. 131), *Véhículo* (p. 131), *Véxada* (p. 132), *Dótnha* (p. 130), *Ecónomia* (p. 130)

Verifica-se explicitamente a oposição fonológica entre pretônicas abertas e fechadas em dados listados por Monte Carmelo (1767, p. 127-131), tais como *Pégáda* (de *pé*) × *Pegáda* (de *pegar*), *Pregár* (de *prego*) × *Prégár* (“fazer pregação”), *Pézinho* (“pé pequeno”) × *Pestinho* (“peso pequeno”), *Cóçtm* (nome de cidade) × *Coxím* (almofada).

### 1.3. Dados de estudos dialetológicos

Para as diferentes variedades da língua portuguesa, as monografias dialetológicas não apresentam dados muito precisos sobre a situação das vogais pretônicas médias em especial.

Vasconcelos (1970, p. 86) informa que, no português europeu, o *e* átono inicial é pronunciado como *i*- no norte, no centro e na Estremadura Cistajana e como *ê*- na Estremadura Transtajana, no Alentejo e no Algarve, sendo exceções alguns lugares de Trás-os-Montes em que passa a *ei*-; já o *e* medial nasal átono pode ser realizado como *-ê*- (Algarve, grande parte do Alentejo e parte da Beira Alta), *-ei*- (Concelhos de Baião, Mesão-Frio, Alvações, Villa-Real), *-ĩ*- (Minho e grande parte de Trás-os-Montes e Beira-Alta), *-ĩ*-

(certos lugares do norte de Trás-os-Montes, parte da Beira e do Alto-Alentejo, e Estremadura) e *-ã-* (Alto-Douro). Embora Vasconcelos (1970, p. 87) diga que, para a vogal posterior, o fenômeno seria paralelo ao da anterior, informa que o *o* átono inicial seria representado por *ô-* ou *ó-* na Estremadura, em grande parte do Alentejo e do Algarve (mas não havia dito que poderia ser *é-* para a vogal anterior), *ou-* em certos lugares do norte de Trás-os-Montes e *u-* no resto do país; já o *o* medial nasal átono pode ser realizado como *-õ-* fechado ou semiaberto (Algarve, Baixo-Alentejo, parte do Alto-Alentejo e parte da Beira Alta), *-ô-* aberto (Concelhos de Baião, Mesão-Frio e outros lugares do norte) e *-ũ-* (Alto- e Baixo-Minho e grande parte de Trás-os-Montes e da Beira-Alta, e quase toda Estremadura). Haveria, portanto, uma correspondência geográfica entre: *i-* ↔ *u-*; *ê-* ↔ *ô-* ou *ó-*; *ei-* ↔ *ou-*; *-ẽ-* ↔ *-õ-* fechado ou semiaberto; *-ëi-* ↔ *-ô-* aberto; *-ë* ou *-ĩ-* ↔ *-ũ-*. Observa-se, assim, a existência de abertura das átonas somente em *o-* inicial ou *-õ-* medial nasal nas variedades do português europeu.

Passando a variedades do português fora da Europa, Vasconcelos (1970, p. 133) registra que, no português brasileiro, *e* e *o* átonos não se pronunciam como *i* e *u* do português europeu mas sim como *ê* e *ô* (p. ex., *sênhôra*, *côbraste*): surpreende que não haja nenhuma menção<sup>15</sup> à questão das pretônicas abertas do norte do país. No dialeto de Goa, registra uma tendência de fechamento de átonas abertas como *sòmente* = *sumente* e *excepções* = *excðções*, e manutenção em hiato *cêar* e *lêoa* e não *ciar* e *liao* como no europeu (VASCONCELOS, 1970, p. 139-140): indiretamente relata, por esses dados, contextos de abertura no português europeu (em vogal que recebe acento secundário e em vogal seguida de *-pç-*). É possível constatar alçamento nos dados relativos ao crioulo de Java (cf. *sinhores* “senhores”), da ilha do Príncipe (cf. *uriá* “orelha”) e de Ano-Bom (cf. *chiol* “senhor” e *chirvir* “servir”) (VASCONCELOS, 1970, p. 150, 156 e 157). No mirandês (mais propriamente um dialeto do leonês, e não do português), registra a ditongação de átona inicial: *e-* > *ei-* e *o-* > *ou-* (VASCONCELOS, 1970, p. 166).

Mingas (2000), tendo comparado o sistema fonológico do português padrão [europeu] (LP) com o da variedade angolana (VA) e o do kibundu

<sup>15</sup> A monografia de Vasconcelos foi apresentada originalmente em 1881 como tese de doutorado na Universidade de Paris e recebeu uma segunda edição revisada pelo autor em 1901. A edição aqui consultada, de 1970, reproduz a de 1901.



(K), considera que este poderia ser responsável por certas diferenças entre a variedade angolana e a europeia do português. São de interesse para a presente discussão os seguintes contrastes de dados: K [kukɔʃila] = VA [kɔʃilare] = LP [kuʃilɑr] “dormitar”; VA [pɛdite] = LP [pædit] “pedinte”; VA [pɛʒrativu] = LP [pəʒrativu] “pejorativo”. Vê-se claramente nesses dados a existência de vogal pretônica média anterior e posterior aberta na variedade angolana.

#### 1.4. Dados de outras variedades românicas

Uma forma interessante de verificar se os padrões que regem a abertura das vogais pretônicas no português são idiossincráticos ou se se encaixam em um padrão mais geral românico é investigar como essa questão se manifesta em outras variedades dessa família linguística.

No galego, Frexeiro Mato (1998, p. 94-95) esclarece que em posição pretônica aparecem sete fonemas vocálicos /i, e, ε, a, ɔ, o, u/, embora o rendimento da oposição entre médias abertas e fechadas seja escasso, havendo apenas pares de palavras ilhados que se opõem por essa característica – cf. *b[o]tar* “fazer sair” × *b[ɔ]tar* “dar botes” –, desde que se excetuem as palavras derivadas por sufixação, nas quais a manutenção do vocalismo da base é abundante, sobretudo levando em conta as formas de diminutivo – cf. *p[ε]* → *p[ε]gada*, *p[ɔ]la* → *p[ɔ]liña*. Entretanto, assinala que em alguns casos o vocalismo da base pode efetivamente modificar-se no derivado: cf. *p[ɔ]rta* → *p[o]rtal*, *f[ε]rro* → *f[e]rreiro*. Sua opinião é que a modificação do timbre nos derivados constitui a exceção, permitindo assim defender-se a universalização da conservação de timbre e a importante presença de /ε, ɔ/ em posição pretônica no galego (FREXEIRO MATO, 1998, p. 97). É interessante assinalar que esse autor nada fala sobre variação entre os dialetos do galego quanto a esse aspecto.

No espanhol, parece haver dois tipos de fenômenos relacionados às médias pretônicas. Na Espanha, o fato mais notável está relacionado à síncope de -s nas variedades andaluzas orientais (ALVAR, 1996, p. 245-246): o apagamento do -s levou a uma tendência de abertura da vogal final, criando assim uma oposição fonológica entre fechadas (que marcam categoria gramatical de singular) e abertas (que marcam plural) – cf. *p[o]br[e]* (sg.) × *p[ɔ]br[ε]* (pl.). Essa abertura final tende a disseminar-se para as demais vogais (tônica e pretônica) da palavra – cf. *[o]ll[o]r[o]s[o]* (sg.) × *[ɔ]ll[ɔ]r[ɔ]s[ɔ]* (pl.). Na América, segundo Zamora Vicente (1970, p. 378-379), há um

conjunto de fenômenos que se repetem pelos diversos países de fala espanhola e, entre eles, são de interesse: (a) passagem de *e* pretônica a *i* (cf. *vistido*, *visino*, *siguro*, *sigún*), (b) fenômeno inverso ao anterior (cf. *melitar*, *escrebir*, *vesita*); (c) passagem de *o* pretônica a *u* (cf. *cuete*, *gurrión*, *tuavía*); e (d) fenômeno inverso ao anterior (cf. *josticia*, *chobasco*). Porém, como Zamora Vicente (1970, p. 380) lembra, muitas das formas derivadas desses fenômenos são usuais na fala popular de toda a Espanha.

No catalão, os fenômenos mais relevantes são a redução das átonas (pretônicas e átonas finais) de /e/ e /a/ em [ə] e o alçamento de /o/ em [u], ambos os fenômenos na variedade oriental (VENY, 1998, p. 19). Segundo Duarte i Montserrat & Alsina i Keith (1984, p. 124-126), a redução em [ə] teria começado no século X na posição pretônica, mas no século XII teria se expandido também para átonas finais e no XIV para as postônicas não finais; já o alçamento de /o/ teria se generalizado por volta do séc. XIV, manifestando-se primeiramente na posição pretônica seguida de [i] ou [u], de consoante labial ou em hiato com [a]. Veny (1998, p. 30) cita a proposta de J. Gulsoy, segundo a qual a redução em [ə] seria um processo assimilatório desencadeado pela existência de [ə] tônico no catalão oriental (cf.  $c[ə]ba > c[ə]b[ə]$ ).

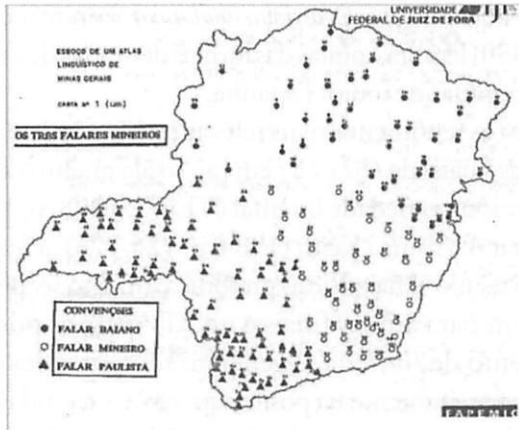
## 2. Português do Brasil: vogais pretônicas nos falares mineiros

Como já se mencionou, no português do Brasil, hoje, não há distinção fonológica entre /e/ e /e/ nem entre /o/ e /o/ em posição pretônica, como há no português europeu. Esses sons no português do Brasil contemporâneo são considerados, em princípio, como variantes da variável vogal média anterior e da variável vogal média posterior, respectivamente.

### 2.1. Descrição da pesquisa: teoria, método e dados

Para a descrição dos falares mineiros de hoje, foram e estão sendo coletados dados por meio de entrevistas gravadas e testes de produção, considerando-se o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1994, 2001). Na seleção das comunidades pesquisadas, tomou-se como referência a divisão dos falares mineiros feita por Zágari (1998), baseada nos dados originalmente publicados por Zágari *et al.* (1977), pois nessa divisão em Minas há três áreas dialetais para cuja

delimitação se considerou, principalmente, a pronúncia das vogais pretônicas: Minas apresenta uma área de *falar baiano*, uma área de *falar paulista* e uma área de *falar mineiro* – cf. Mapa 1 a seguir:



MAPA 1 – Os três falares mineiros (ZÁGARI, 1998, p. 46)

É interessante lembrar que, na proposta de Nascentes (1953), Minas Gerais apresentaria quatro regiões dialetais: *baiana*, *mineira*, *fluminense* e *sulista* – cf. Mapa 2 a seguir:



MAPA 2 – Áreas dialetais do Brasil, segundo Nascentes (1953)

Fonte: <http://www.cin.ufpe.br/~rac2/portugues/dialebr.gif>

A propósito dos falares mineiros, a principal diferença entre a proposta de Nascentes (1953) e a de Zágari (1998) parece estar na existência de uma área fluminense para aquele, ausente neste (para quem essa área se inclui na do falar *mineiro*).

Os municípios pesquisados são Ouro Branco, Piranga e Machacalis. Como há limitações de tempo, não foi possível estudar tantos outros municípios, como seria desejável. Uma posterior análise dos processos fonético-fonológicos e da formação dos municípios talvez possa levar a conclusões interessantes sobre semelhanças e diferenças na formação dos municípios, assim como em relação aos processos fonético-fonológicos.

Ouro Branco fica na Região Central e estaria na área de falar *mineiro*; Piranga fica na Zona da Mata mineira e também estaria na área do falar *mineiro*; e Machacalis fica no Vale do Mucuri e estaria na área de falar *baiano* (as localizações mencionadas tomam como referência a divisão de Zágari (1998)).



MAPA 3 – Localização dos municípios estudados  
(adaptado de Wikipedia)

No português do Brasil, e em especial em Minas Gerais, as vogais apresentam hoje bastante variação em posição pretônica. Percentuais diferenciados de alçamento, de abertura e de manutenção foram identificados nos aproximadamente 22.000 dados coletados nos municípios

de Ouro Branco, Piranga (DIAS, 2008) e Machacalis (ALMEIDA, 2008).<sup>16</sup>

A descrição a seguir se dará em termos dos traços de abertura das vogais segundo Wetzels (1992), pois há falares que só fazem a harmonia de traços quando a vogal seguinte é /ε, ɔ/, mas não quando é /a/, e há falares que fazem harmonia de traços quando a vogal seguinte é /ε, ɔ/ ou /a/.

QUADRO 2  
Descrição das vogais segundo Wetzels (1992)

Abertura \ Vogal	i/u	e/o	ε/ɔ	a
aberto1	-	-	-	+
aberto2	-	+	+	+
aberto3	-	-	+	+

Para o tratamento estatístico dos dados, utilizou-se o modelo de regressão multinomial presente no *software* SPSS. A preferência por esse *software* se deu devido a sua fácil operacionalização.

Para análise dos resultados, utilizou-se o seguinte procedimento:

- 1) Não foram considerados neste trabalho os casos de alçamento inicial, que é quase categórico, como em [i]stava, na amostragem dos falares em questão.
- 2) Foram separados do banco de dados também os casos de alçamento em ditongo e em hiato, pois a etiologia do processo parece ser diferente do processo de alçamento em sílabas sem encontro vocálico.
- 3) Analisaram-se os resultados apresentados pelo SPSS no modelo de regressão multinomial.
- 4) Analisaram-se os itens lexicais nos casos em que as hipóteses levantadas pelos trabalhos anteriores não foram corroboradas pelos resultados apresentados pelo programa estatístico. A análise dos itens se justifica, pois existe a atuação de itens específicos e de morfemas específicos exercendo o seu papel ora favoravelmente, ora desfavoravelmente à abertura ou ao alçamento, e esses aspectos não haviam sido codificados como fatores de variáveis independentes.

<sup>16</sup> Dias (2008) e Almeida (2008) são pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa VARFON-MINAS/CNPq. A constituição do banco de dados e os métodos de coleta e tratamento dos dados estão descritos nesses trabalhos.

## 2.2. Resultados da pesquisa<sup>17</sup>

Tomando como referência as vogais médias fechadas (aqui consideradas como casos de manutenção), os dados apurados indicam as seguintes relações com os processos de alçamento e abertura:

### 2.2.1 Alçamento das vogais médias fechadas

Em Ouro Branco e em Piranga, há um processo robusto de *harmonia vocálica* do traço [-aberto2], processo assimilatório favorecido por [i, u, in, un] seguintes; e um processo de *redução*, favorecido pelas consoantes altas, pelas labiais e pela fricativa[s]; pouco robusto para /o/ em Ouro Branco.

Em Machacalis, há um processo de *harmonia vocálica* do traço [-aberto2], processo assimilatório favorecido por [i, u, in, un] seguintes. Esse processo de harmonia vocálica não é tão robusto para /o/. Para /o/, há um processo de *redução* vocálica favorecido pelas consoantes altas, pelas labiais e pela fricativa [s]; mais robusto em Machacalis do que em Ouro Branco.

### 2.2.2 Abertura das vogais médias fechadas

Em Ouro Branco, há um processo de *harmonia vocálica* do traço [+aberto3], favorecendo a abertura quando a vogal da variável em estudo é seguida por vogais médias abertas (que apresentam o traço [-aberto1], ou seja, [ɛ, ɔ]); é processo assimilatório.

Em Piranga, a atuação do contexto seguinte indica um processo de *harmonia vocálica* do traço [+aberto3] favorecido por [ɛ, ɔ, a] seguintes, mas a abertura se estende também para outros contextos – [en, on, an] seguintes –, o que sugere, além do processo de abertura favorecido por harmonia do traço [+aberto3], um favorecimento da abertura devido também à nasalidade da vogal seguinte. Há algum favorecimento de [in, un] seguintes. Há ainda um favorecimento devido às consoantes adjacentes, principalmente das líquidas seguintes.<sup>18</sup>

Em Machacalis, propõe-se aqui, em razão da diversidade de contextos e dos seus percentuais, um processo de *neutralização* da oposição /ɛ/ × /e/ em favor de /ɛ/ e de /ɔ/ × /o/ em favor de /ɔ/. Esse processo vai

<sup>17</sup> Ver descrição da hierarquia dos processos em Viegas e Lee, neste livro.

<sup>18</sup> Esses resultados serão apresentados em outro texto.

além da abertura por harmonia vocálica e se estende para contextos de [i, u, in, un, e, o, en, on, an] seguintes. Assim, pode-se ver que a neutralização se estende para contextos típicos de alçamento por harmonia vocálica em outros falares e contextos típicos da manutenção também em outros falares. A abertura na diversidade de contextos e no grau que justificam propor um processo de neutralização, como ocorre em Machacalis, não foi encontrada em relatos da história do português. Em Machacalis, com frequência, há abertura em contextos de vogal alta seguinte como em *sap[ɔ]ti*, *ap[ɔ]stila*, *j[ɛ]quiti*, *J[ɛ]sus*, etc. O contexto de vogal com o traço [-aberto2] seguinte, que é gatilho típico de alçamento na língua portuguesa, não bloqueia sistematicamente a abertura em Machacalis.

### 2.2.3. Exemplificação dos resultados com base na variável (e)

Para a variável (e) seguida de vogal alta, as variantes foram realizadas da maneira seguinte:

TABELA 1  
Percentuais da variável (e) seguida de vogal alta

Municípios	Alçamento	Manutenção	Abertura
Ouro Branco	53/317 = 16,7%	264/317 = 83,3%	0/317 = 0%
Piranga	99/367 = 27,0%	253/367 = 68,9%	15/367 = 4,1%
Machacalis	27/164 = 16,5%	52/164 = 31,7%	85/164 = 51,8%

Em Ouro Branco, [i] como alçamento ocorreu em 53 casos dos 317 possíveis (16,7%), como em *p[i]rigoso*; [e] como manutenção ocorreu em 264/317 (83,3%), como em *p[e]rigoso*; e [ɛ] como abertura ocorreu em 0/317 (0,0%), como em *p[ɛ]rigoso*; em Piranga, o alçamento foi de 99/367 (27%), a manutenção de 253/367 (68,9%) e a abertura de 15/367 (4,1%); e, em Machacalis, o alçamento foi de 27/164 (16,5%), a manutenção de 52/164 (31,7%) e a abertura 85/164 (51,8%).

Observando especificamente a oposição entre manutenção da vogal média anterior e sua abertura em contexto de vogal alta seguinte, os dados apurados indicam a situação descrita nas tabelas a seguir:

TABELA 2  
Número de ocorrências de manutenção e abertura de (e)  
quando o contexto seguinte é vogal alta

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis	TOTAL
Manutenção	264	253	52	569
Abertura	0	15	85	100
TOTAL	264	268	137	669

TABELA 3  
Teste de qui-quadrado relativo à distribuição das ocorrências  
da tabela anterior<sup>19</sup>

p-valor fator 1 e 2	0,0000964566
p-valor fator 2 e 3	0,0000000000
p-valor fator 1 e 3	0,0000000000
p-valor total	0,0000000000

Pode-se dizer que a abertura de (e) no contexto de vogal alta seguinte é significativamente diferente ( $p$ -valor  $< 0,05$ ) entre os três municípios pesquisados. A abertura é maior em Machacalis nesse contexto e não ocorre na amostragem de Ouro Branco nesse contexto.

Já quanto à oposição entre manutenção da vogal média anterior e seu alçamento em contexto de vogal alta seguinte, os dados apontam para a seguinte situação:

TABELA 4  
Número de ocorrências de manutenção e alçamento de (e) quando o  
contexto seguinte é vogal alta

	Ouro Branco	Piranga	Machacalis	TOTAL
Manutenção	264	253	52	569
Alçamento	53	99	27	179
TOTAL	317	352	79	748

<sup>19</sup> O fator desta tabela refere-se ao valor de cada comunidade: fator 1 = Ouro Branco; fator 2 = Piranga; fator 3 = Machacalis.



TABELA 5  
 Teste de qui-quadrado relativo à distribuição das ocorrências  
 da tabela anterior

p-valor fator 1 e 2	0,0004391413
p-valor fator 2 e 3	0,2851531215
p-valor fator 1 e 3	0,0005446673
p-valor total	0,0002020266

Pode-se dizer que o alçamento de (e) no contexto de vogal alta seguinte não é significativamente diferente em Piranga e Machacalis (p-valor > 0,05), mas é significativamente diferente em Ouro Branco e Piranga (p-valor < 0,05) e em Ouro Branco e Machacalis (p-valor < 0,05). O alçamento é proporcionalmente menor em Ouro Branco.

#### 2.2.4. Síntese

Com base nos dados relativos às variáveis (e) e (o), as variantes foram hierarquizadas pelo número de contextos em que elas tinham o percentual mais alto em cada município (foram observados somente os contextos de vogal seguinte, não se considerando os aspectos relacionados às consoantes).

O quadro geral de *Ouro Branco* é *manutenção > alçamento > abertura*. Os processos fonológicos mais importantes envolvidos na realização fonética em posição pretônica nesse município no contexto em questão são: (1) abertura por harmonia vocálica do traço [+aberto3]; e (2) alçamento por harmonia vocálica do traço [-aberto2], cujo contexto favorecedor tenha o traço [-aberto1].

O quadro geral de *Piranga* é *manutenção > abertura > alçamento*. Os processos fonológicos mais importantes envolvidos na realização fonética em posição pretônica nesse município no contexto em questão são: (1) abertura por harmonia vocálica do traço [+aberto3]; e (2) alçamento por harmonia vocálica do traço [-aberto2]. A abertura é favorecida pela nasalidade da vogal seguinte ([en, on]). Somente os contextos de alçamento por harmonia vocálica do traço [-aberto2] da vogal seguinte ([i, u]) e os contextos de manutenção ([e, o] seguintes) não atuam significativamente na abertura. O falar de Piranga mostra um padrão semelhante ao de Ouro Branco: os dados mostram que o falar de Piranga também prefere a manutenção em posição pretônica. Há, porém, uma diferença entre esses dois municípios nos processos

fonológicos, em relação ao favorecimento da abertura das vogais: em Piranga, o contexto favorecedor ao processo de harmonia vocálica pode ser desencadeado por uma vogal [+aberto1], além de haver a influência das consoantes adjacentes e da nasalidade da vogal seguinte.

O quadro geral de *Machacalis* é *abertura > manutenção > alçamento*. Os processos fonológicos mais importantes envolvidos em posição pretônica nesse município no contexto em questão são: (1) abertura por neutralização da oposição entre [-aberto3] e [+aberto3] em favor de [+aberto3]; e (2) alçamento por harmonia vocálica do traço [-aberto2]. Assim, há uma tendência de somente serem necessários dois níveis de abertura para a descrição das vogais pretônicas em *Machacalis*. Esse processo de neutralização vai além da harmonia vocálica em relação aos outros falares e se estende para contextos de [e, o, en, on, in, un] seguintes. Vê-se, portanto, que a neutralização se estende para contextos típicos de manutenção e de alçamento por harmonia vocálica em outros falares. Enfim, diferentemente dos dois falares anteriores, o falar de *Machacalis* prefere a abertura em posição pretônica: a abertura passa da posição inferior na hierarquia em Ouro Branco para a posição igual à de alçamento em Piranga e daí para a posição superior em *Machacalis*.

Observando-se os processos fonológicos propostos e os percentuais desses processos, pode-se dizer que há muitas semelhanças no padrão geral de Ouro Branco, falar *mineiro* para Nascentes (1953), e de Piranga, falar *fluminense* para Nascentes (1953), embora haja diferenças nos processos fonológicos. Ouro Branco e Piranga pertenceriam ambos à parte sul da divisão das grandes áreas dos falares brasileiros de Nascentes (1953). Ouro Branco e Piranga estariam ambos na mesma área do falar *mineiro* segundo Zágari (1998). Os dados aqui analisados não corroboram a proposta de Nascentes (1953), em que Piranga pertenceria à área do falar *fluminense*, pois, como havia assinalado Dias (2008), há muitas diferenças do falar desse município em relação à descrição de Castro (1990) para o falar *fluminense*. Também a proposta de Zágari (1998), em que Piranga pertence ao falar *mineiro*, não seria totalmente corroborada, já que o falar desse município mostra características de um falar de transição<sup>20</sup> entre o falar *mineiro* e o *baiano*, pois, além das semelhanças mostradas com o falar de Ouro Branco (falar *mineiro*), há semelhanças também com o falar de *Machacalis* (falar

<sup>20</sup> Um falar de transição semelhante foi proposto por Célia (2004) para um falar do ES.

*baiano*): além do percentual semelhantemente não significativo em relação ao alçamento, a abertura em Piranga é também favorecida por maior número de contextos, ou seja, não é tão restrita em termos de contextos como em Ouro Branco. Machacalis tem como padrão geral a abertura, acima da manutenção e do alçamento, e estaria na área de falar *baiano* na divisão de Zágari (1998) e de Nascentes (1953). Os processos fonológicos, principalmente quanto à abertura, são diferentes em Machacalis, considerando-se os dois outros municípios estudados. Saliente-se que as diferenças entre os três municípios são mais significativas em relação à abertura.

Com base nos dados discutidos anteriormente, pode-se elaborar o seguinte quadro de síntese:

### QUADRO 3

Síntese das propostas de enquadramento do falar de municípios mineiros

Proposta \ Município (Região)	Nascentes (1953)	Zágari <i>et al.</i> (1998)	Dias (2008)
Ouro Branco (Central)	<i>Mineiro</i> (Sul)	<i>Mineiro</i>	<i>Mineiro</i>
Piranga (Zona da Mata)	<i>Fluminense</i> (Sul)	<i>Mineiro</i>	Transição entre <i>Baiano</i> e <i>Mineiro</i>
Machacalis (Vale do Mucuri)	<i>Baiano</i> (Norte)	<i>Baiano</i>	<i>Baiano</i>

### 3. Considerações finais

A discussão realizada ao longo deste texto contemplou em especial dois aspectos relacionados às vogais médias pretônicas no português do Brasil: (a) sua contextualização histórica; e (b) sua situação dialetal em Minas Gerais.

No que se refere à contextualização histórica, foi possível verificar que, de forma geral, no domínio românico, predomina nas pretônicas uma tendência à restrição dos graus de abertura, sendo mais comum sua realização como vogal *fechada* (em certos casos, como no siciliano, a tendência ao fechamento resultou em anteriores e posteriores apenas altas). Justamente em razão disso, salta aos olhos o sistema do português do Brasil, em que em uma grande área dialetal predomina a sua realização como vogal *aberta*. Os dados fornecidos pelos estudos especializados e pela historiografia gramatical

permitiram verificar que a existência de pretônicas abertas por volta do séc. XVI deveu-se principalmente ao fenômeno de crase nessa posição (cf., p. ex., *predicare* > *preegar* > *pr[ɛ]gar* e *colorare* > *coorar* > *c[ɔ]rar*). Como a prevalência ou não de pretônicas abertas divide o Brasil em pelo menos duas grandes áreas dialetais, desponta evidentemente uma questão crucial: qual é a origem dessa divisão dialetal? Poder-se-ia pensar em diferentes hipóteses a serem comprovadas em trabalhos posteriores: (a) **hipótese I**: as variedades do português trazido ao Brasil a partir do séc. XVI apresentavam pretônicas abertas em certos contextos, mas, nas regiões mais ao norte do Brasil, houve uma progressiva ampliação desses contextos e, nas regiões mais ao sul, uma progressiva redução; (b) **hipótese II**: as variedades do português trazido ao Brasil a partir do séc. XVI não tinham pretônicas abertas, mas, nas regiões mais ao norte do Brasil, houve o surgimento de alofones pretônicos abertos e, nas regiões mais ao sul, manteve-se sua ausência; (c) **hipótese III**: diferentes variedades do português foram trazidas ao Brasil a partir do séc. XVI, vingando, nas regiões mais ao norte, as variedades que já apresentavam pretônicas abertas (tendo havido ademais ampliação dos contextos de ocorrência) e, nas regiões mais ao sul, as variedades que não tinham pretônicas abertas.

Como se viu aqui, há diferenças nos fonemas pretônicos do português europeu e do português do Brasil. As hipóteses I, II e III anteriores, assim como os dados apurados em relação às variedades atuais em Minas Gerais, evidenciam com clareza que a abertura de pretônicas encontrada difere sensivelmente dos padrões identificados nos estudos de história do português, uma vez que a abertura não se restringe aos casos derivados de crase, tampouco apenas ao efeito favorecedor dos grupos consonantais seguintes: há regiões em que existem pretônicas abertas em grande diversidade de contextos e em altos percentuais, o que sugere um processo de neutralização em favor das abertas, como no falar *baiano*, bem como há regiões em que o processo de abertura tem um percentual baixo e é favorecido por determinados contextos de harmonia vocálica, como no falar *mineiro*.

Seguramente há um conjunto tão complexo de fatores interagindo para a formação e o funcionamento dos sistemas vocálicos pretônicos do português (sistemas variáveis, saliente-se) que somente a ampliação das pesquisas poderá oferecer uma interpretação mais consistente. Dentre esses fatores, basta citar três suficientemente complexos:

- (a) *etimologia*: muitas vogais pretônicas podem ter sua realização (como aberta ou como fechada) resultante de processos mais gerais de formação da língua portuguesa (tais como a redução de vogais breves e longas latinas em fechadas ou o fenômeno de crase iniciado em fins da Idade Média, que terá dado origem a abertas);
- (b) *composição interna*: palavras compostas parecem tender a manter a qualidade da vogal média tônica da base (que em certos compostos se torna pretônica);
- (c) *condicionamento sintagmático*: segmentos fônicos da palavra podem influenciar a pretônica (seja a vogal tônica, como no caso de harmonia vocálica; seja uma consoante circundante, como no caso de redução).

Da interação de fatores como esses devem ter emergido os sistemas vocálicos pretônicos do português brasileiro, nos quais a qualidade da pretônica tem sua predominância determinada seja por um fator interno em especial (como a harmonia vocálica), seja por uma ampla gama de fatores (casos a que se pode chamar de neutralização).

## Referências

- ALMEIDA, L. *Variação das vogais médias pré-tônicas na cidade mineira de Machacalis/MG*. 2008. 283 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- ALVAR, M. *Manual de dialectología hispánica: el español de España*. Barcelona: Ariel, 1996.
- ARIZA VIGUERA, Manuel. *Manual de fonología histórica del español*. Madrid: Síntesis, 1989.
- BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Lodovicum Rotorigi[u]m, 1540. [Disponível em <http://purl.pt/12148/3/>]
- CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARVALHO, J. G. H. de. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 12, n. 1, 1962.
- CASTRO, E. C. *As pré-tônicas na variedade mineira de Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

- CÉLIA, G. *Varição das vogais médias pré-tônicas no português de Nova Venécia-ES*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- DIAS, M. A. *Varição das vogais médias pré-tônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- DUARTE I MONTSERRAT, C. & ALSINA I KEITH, À. *Gramàtica històrica del català*. Barcelona: Curial, 1984. Vol. 1.
- FARIA, E. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. (Biblioteca Brasileira de Filologia, 14)
- FEIJÓ, J. de M. M. *Orthographia*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1734. [Disponível em <http://purl.pt/13/3/>]
- FRADEJAS RUEDA, J. M. *Fonología histórica del español*. Madrid: Visor, 2000.
- FREIXEIRO MATO, X. R. *Gramática da língua galega*. Vigo: A Nosa Terra, 1998-2000. 3 vols.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Reprint. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994. Vol. 1.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001. Vol. 2.
- LAUSBERG, H. *Lingüística románica*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- LEÃO, D. N. *Orthographia da lingua portuguesa*. Lisboa: João de Barreira, 1576. [Disponível em <http://purl.pt/15/3/>]
- LIMA, L. C. de. *Orthographia da lingua portugueza*. Lisboa: Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. [Disponível em <http://purl.pt/8/3/>]
- LLOYD, P. M. *Del latín al español*: I. Fonología y morfología históricas de la lengua española. Madrid: Gredos, 1993. [1. ed. ing., 1987]
- MAIA, C. de A. *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. [1. ed., 1986]

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MINGAS, A. A. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras, 2000.

MONTE CARMELO, L. do. *Compendio de orthographia*. Lisboa: Oficina de Antonio Rodrigues Galharde, 1767. [Disponível em <http://purl.pt/9/3/>]

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. [1.ed., 1922]

NOVAK, L. De la phonologie historique romane: la quantité et l'accent. In: CHARISTERIA Guilelmo Mathesio. *Quinquagenari a discipulis et circuli linguistici pragensis sodalibus oblata*. Praga: Sumptibus Prazsky Linguisticky Krouzek, 1932.

OLIVEIRA, F. de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde, 1536. [Disponível em <http://purl.pt/120/3/>]

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI<sup>e</sup> siècle à nos jours. In: ANAIS do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Rio de Janeiro, 1958.

SOUZA, E. M. G. de. *Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil*. 1994. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

STRAKA, G. Durée et timbre vocaliques. *Zeitschrift für Phonetik und allgemeine Sprachwissenschaft*, Berlin, n. 12, p. 276-300, 1959.

TEIXEIRA, A.; VAZ, F.; MOUTINHO, L. C.; COIMBRA, R. L.; LISBOA, R. C. Para a melhoria da síntese articulatória das vogais nasais do Português Europeu: Estudo da duração e de características relacionadas com a fonte glotal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 65-92, 2004.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1993. [1. ed. em francês, 1980]

VASCONCELOS, J. L. de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2. ed. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970. [Disponível em <http://purl.pt/160/>].

- VENY, J. *Els parlars catalans: síntesi de dialectologia*. 12. ed. rev. i augm. Mallorca: Moll, 1998.
- WEINRICH, H. *Phonologische Studien zur romanischen Sprachgeschichte*. Münster: Aschendorff, 1958.
- WETZELS, L. Mid-vowel alternation in the Brazilian Portuguese Verb. *Phonology*, Cambridge, v. 12, n. 2, p. 281-304, 1992.
- WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- ZÁGARI, M. R. L. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.
- ZAMORA VICENTE, A. *Dialectología española*. Madrid: Gredos, 1970.



# Hierarquização da variação das vogais pretônicas em falares de Minas Gerais

Maria do Carmo Viegas  
UFMG

Seung-Hwa Lee  
UFMG/CNPq

## Introdução

Lee (2008) propõe que a distinção entre vogais médias baixas e médias altas seja hierarquizada após a distinção entre vogais altas, médias e baixas, e sugere que esse fato seja averiguado na evolução/variação das línguas. Em relação ao português do Brasil (PB), em posição pretônica, temos atualmente os fonemas {a, e, i, o, u}, assim como no português arcaico (PA) (TEYSSIER, 1997). No português europeu (PE) contemporâneo distinguem-se as vogais {a, ä, E, e, i, O, o, u}, segundo Teyssier (1997), em posição pretônica. Podemos dizer que as distinções existentes no PA consistiriam uma etapa anterior das distinções presentes hoje no PE, confirmando a hierarquização proposta por Lee (2008). Essa hierarquização também está presente na perda da distinção entre as médias baixas e médias altas em posição pretônica no PB atual, já que essa distinção ocorria no português quinhentista (TEYSSIER, 1997), que aportou no Brasil. No PB, e em especial em Minas Gerais conforme Viegas *et al.* (2009), as vogais apresentam hoje bastante variação em posição pretônica. Foram identificados

percentuais diferenciados dos processos de harmonia vocálica, redução e abaixamento nos aproximadamente 11.300 dados aqui analisados, que foram coletados e codificados por Dias (2008). Os municípios pesquisados foram: Ouro Branco, situado na Macrorregião Central do Estado de Minas Gerais, e Piranga, município da Macrorregião da Mata mineira. O primeiro estaria na área do falar mineiro, conforme Nascentes (1953); o segundo estaria na área do falar fluminense, conforme o mesmo autor.

Esta pesquisa discute as variações entre as vogais médias baixas, médias altas e altas nessa posição na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança, conforme Labov (1994), e da Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY; PRINCE, 1995; COETZEE, 2005). Propomos hierarquias diferentes na atuação dos processos envolvidos, tais como harmonia vocálica do traço [alto] e do traço [ATR], abaixamento vocálico e redução vocálica.

## 1. Etapas do levantamento dos dados

- a. Identificamos e selecionamos os municípios a serem pesquisados, considerando-se os diferentes falares mineiros (Nascentes, 1953).
- b. Identificamos e selecionamos os sujeitos a serem pesquisados, observando a sua distribuição equitativa por faixa etária e gênero/sexo. A escolaridade desses sujeitos foi controlada.
- c. Gravamos entrevistas e testes com os sujeitos selecionados.
- d. Efetuamos as transcrições das gravações.
- e. Codificamos a variável dependente. Depois dessa codificação, solicitamos a um juiz, que não pertence a nenhum dos dois falares em questão, que realizasse a confirmação da codificação. Em alguns casos utilizamos o *software* PRAAT para essa confirmação.
- f. Codificamos as variáveis independentes que por hipótese poderiam estar influenciando os processos. Na regressão multinomial, utilizamos apenas as variáveis: vogal da sílaba tônica; modo da consoante precedente; ponto da consoante precedente; modo da consoante seguinte; ponto da consoante seguinte. Estamos ainda confirmando e/ou recodificando algumas variáveis independentes do banco de dados (influência da vogal entre a tônica e a variável em questão; da vogal do paradigma; do acento secundário; dos prefixos e sufixos; etc.) e, por esse motivo, não as analisaremos neste texto.
- g. Posteriormente analisamos os dados.

Como analisaremos separadamente as variáveis dependentes quando ocorrem em prefixos, neste texto apenas as variantes presentes em radicais são analisadas. Separamos as vogais anteriores das posteriores, pois constituem duas variáveis, visto que não são intercambiáveis no mesmo contexto. Os dados foram coletados, codificados e analisados seguindo as mesmas diretrizes; assim, conseguimos estabelecer comparatividade entre os *corpora* dos municípios diversos. A análise estatística (frequência, cruzamento e regressão multinomial) foi realizada utilizando-se o *software* SPSS 13.

## 2. Dados de Ouro Branco

TABELA 1  
Variantes de variável anterior em Ouro Branco

Variável dependente		
	Frequência	Porcentagem
e	2814	86,9
i	310	9,6
E	114	3,5
Total	3238	100,0

TABELA 2  
Variantes de variável posterior em Ouro Branco

Variável dependente		
	Frequência	Porcentagem
o	1986	87,0
u	154	6,7
O	144	6,3
Total	2284	100,0

QUADRO GERAL

Manutenção da vogal média alta > elevação da vogal > abertura da vogal<sup>1</sup>

IDENT >> Marcação		
/e/	IDENT	Marcação
∅[e]		*
[E]	*!	
[i]	*!	

Embora as restrições de fidelidade e as de marcação interajam dependendo do contexto, os dados de Ouro Branco indicam uma preferência, em primeiro lugar, pelo mapeamento fiel na posição pretônica; em segundo lugar, pela realização da vogal média como vogal alta, por último, como vogal média baixa.

Os resultados com base na regressão multinomial mostram o que se segue.

QUADRO 1

Ouro Branco – principais variáveis independentes significativas favoráveis às variáveis dependentes elevação e abertura

Ouro Branco – Região Central Variável anterior		Ouro Branco – Região Central Variável posterior	
Variante alta (elevação)	Vogal da tônica	alta nasal (mininos) alta oral (acontecido)	alta nasal (cuzinha)
	Modo do segmento seguinte	nasal (ninhuma)	—
Variante média baixa (abertura)	Vogal da tônica	E, O (mElado, mElhor, intErnet)	E, O (cOleta, cOloca)
	Modo do segmento precedente	tepe (prEcária)	—
	Modo do segmento seguinte	líquida (mElhor)	tepe (cOragem)
	Ponto do segmento precedente	dorsal (rEsolve) labial (mEmória)	—
	Ponto do segmento seguinte	dorsal (apErtada)	labial (fOfoca)

<sup>1</sup> Há que se notar que a diferença entre a abertura e elevação não é significativa no caso da variável posterior.

Em relação à elevação, o processo fonológico mais importante em Ouro Branco é a HV [alto] para anteriores e posteriores, embora haja também o favorecimento da consoante nasal seguinte (redução). Em relação à abertura, o processo fonológico mais importante é a HV [ATR], seguido da abertura influenciada pelas consoantes adjacentes (Abertura 2). Assim, podemos dizer que os processos fonológicos mais importantes envolvidos na realização fonética em posição pretônica nesse município são: harmonia vocálica do traço [alto] e harmonia vocálica do traço [ATR]. O falar de Ouro Branco prefere o mapeamento fiel na realização fonética da vogal média. O domínio da restrição de fidelidade (IDENT) sobre as restrições de marcação que favorecem a vogal alta ou a vogal média baixa garante a vogal medial alta como o candidato ótimo. E o domínio da restrição de fidelidade IDENT [ATR] sobre a restrição de fidelidade IDENT [Alto] garante a preferência pela vogal média baixa sobre a vogal alta.

QUADRO GERAL  
Manutenção > elevação > abertura

IDENT >> Marcação					
/e/	IDENT [ATR]	IDENT [Alto]	AGREE [Alto]	AGREE [ATR]	*MID <sup>2</sup>
ø [e]					*
[E]	*!			*	*
[i]		*!			

No quadro anterior, o domínio IDENT [ATR] sobre IDENT [Alto] representa a preferência pela vogal alta sobre a vogal média baixa. A restrição de marcação (AGREE [ATR]) favorece a vogal média baixa, e a restrição de marcação AGREE [alto] favorece a vogal alta. O candidato ótimo viola somente a restrição \*MID. Esse ranqueamento mostra a realização variável AGREE [ATR] nesse falar e ele ocorre abaixo do Cut-Off (COETZEE, 2005), onde os candidatos ordenados, e > i > ε, refletem a frequência de ocorrência de cada forma fonética.

<sup>2</sup> A restrição \*MID interage com IDENT [alto].

### 3. Dados de Piranga

O falar de Piranga mostra um padrão semelhante ao de Ouro Branco. Os dados mostram que o falar de Piranga também prefere o mapeamento fiel em posição pretônica. Há diferenças, porém, entre os dois municípios, entre elas, a abertura percentualmente superior à elevação em Piranga, mas não em Ouro Branco.

TABELA 3  
Variantes de variável anterior em Piranga

Variável dependente		
	Frequência	Porcentagem
e	2190	62,5
i	474	13,5
E	841	24,0
Total	3505	100,0

TABELA 4  
Variantes de variável posterior em Piranga

Variável dependente		
	Frequência	Porcentagem
o	1507	65,4
u	270	11,7
O	529	22,9
Total	3505	100,0

#### QUADRO GERAL

Manutenção > abertura > elevação

IDENT >> Marcação <sup>3</sup>		
/e/	IDENT	Marcação
∅ [e]		*
[E]	*!	
[i]	*!	

<sup>3</sup> Quadro também válido para a vogal posterior.

Embora as restrições de fidelidade e as de marcação interajam dependendo do contexto, os dados de Piranga indicam uma preferência, em primeiro lugar, pelo mapeamento fiel na posição pretônica; em segundo lugar, pela realização da vogal média como vogal média baixa, por último, como vogal alta.

Vejam os resultados com base na regressão multinomial.

## QUADRO 2

Piranga – principais variáveis independentes significativas favoráveis às variáveis dependentes elevação e abertura

Piranga – Zona da Mata Variável anterior		Piranga – Zona da Mata Variável posterior	
Variante alta (elevação)	Vogal da tônica	alta nasal (mininos) alta oral (bibida)	alta nasal (cuzinha)
	Modo do segmento seguinte	nasal (ninsuma)	—
Variante média baixa (abertura)	Vogal da tônica	A, E, O (chEgava) vogais nasais (compEtente, IldEfonso)	A, E, O (abObado, cOlega) vogais nasais (cOrtando, nOcente)
	Modo do segmento precedente	nasal (mEdonho) tepe (dirEtora)	nasal (mOderno)
	Modo do segmento seguinte	tepe (apEritivo) líquida (mElina)	tepe (adOrava) líquida (cOloca)
	Ponto do segmento precedente	dorsal (rEcuperação) labial (mEtade)	—
	Ponto do segmento seguinte	dorsal (cunvErsando) labial (rEpública)	dorsal (bOrracha) labial (cOmeça)

Em relação à elevação, o processo fonológico mais importante em Piranga é a HV [alto] para anteriores e posteriores, embora haja também o favorecimento da consoante nasal seguinte (redução). Em relação à abertura, o processo fonológico mais importante é a HV [ATR], seguido da abertura influenciada pelas vogais nasais da tônica (an, en, on, in) – Abertura 1, ou seja, só as vogais altas orais e as médias altas orais desfavorecem a abertura em Piranga. Dessa forma, o traço [alto] marcado positivamente e o traço [nasal] marcado negativamente desfavorecem a abertura nesse falar. Temos também, na abertura, atuação das consoantes adjacentes (Abertura 2).

Assim, podemos dizer que os processos fonológicos mais importantes envolvidos na realização fonética em posição pretônica nesse município são: harmonia vocálica do traço [alto], harmonia vocálica do traço [ATR], Abertura 1 e Abertura 2. O falar de Piranga prefere o mapeamento fiel na realização fonética da vogal média. Há o domínio da restrição de fidelidade (IDENT) sobre as restrições de marcação que favorecem a vogal alta, o que garante a vogal média alta como candidato ótimo, mas, em relação à vogal média baixa, há o domínio da restrição de marcação HV [ATR] sobre a restrição de fidelidade (IDENT), o que garante a vogal média baixa como o candidato ótimo nesse contexto.

QUADRO GERAL  
Manutenção > abertura > elevação

/e/	IDENT [Alto]	IDENT [ATR]	AGREE [Alto]	AGREE [ATR]	*MID <sup>4</sup>
☞ [e]					*
[E]		*!		*	*
[i]	*!				

O quadro anterior mostra que a preferência pela abertura vocálica pode ser explicada por meio de IDENT [Alto] >> IDENT [ATR] no falar de Piranga.

Vejam algumas mudanças nesse ordenamento que ocorrem em Piranga, mas não em Ouro Branco.

AGREE [ATR] >> IDENT[alto] >> IDENT [ATR]				
/e/	AGREE [ATR]	IDENT [Alto]	IDENT [ATR]	*MID
a. [e]	*!			*
☞ b. [E]			*	*
c. [i]		*!		

O quadro anterior mostra que a vogal média na posição pretônica concorda com o traço [ATR] quando a sílaba tônica contém [a, ε, O]. A restrição de marcação (AGREE [ATR]) que engatilha a assimilação domina as

<sup>4</sup> A restrição \*MID interage com IDENT [alto].



restrições de fidelidade e a restrição de fidelidade IDENT [Alto] domina IDENT [ATR], uma vez que o candidato ótimo viola a restrição de fidelidade IDENT [ATR].

Há que se notar o efeito favorecedor à abertura quando temos a na sílaba seguinte. Apenas observamos esse favorecimento em palavras como dEdal em Piranga, quando não há outros fatores favorecedores à abertura. Observa-se nos dados o efeito desfavorecedor dessa mesma vogal em relação à elevação. Assim, não corroboramos a postulação da vogal a como marcada somente pelo traço [+baixo] na representação subjacente.

#### 4. Síntese do que foi apresentado<sup>5</sup>

QUADRO 3  
Síntese dos processos fonológicos e sua hierarquização  
em falares mineiros

Ouro Branco	Manutenção>elevação> abertura	Fidelidade> marcação	HV[Alto] HV [ATR] Abaixamento2 (ou abertura2)	
Piranga	Manutenção>abertura> elevação	Fidelidade> marcação	HV [ATR] HV [alto] Abaixamento1 (ou abertura1) Abaixamento2 (ou abertura2)	HV[ATR]>IDENT

A parte sombreada no quadro anterior mostra que há semelhanças no padrão geral de Ouro Branco, falar mineiro, e de Piranga, falar que seria da área fluminense nos termos de Nascentes, embora haja diferenças nos processos fonológicos. Ouro Branco e Piranga pertenceriam à parte sul, da grande divisão das áreas dos falares brasileiros de acordo com Nascentes (1953).

Piranga estaria na área do falar fluminense, mas esse fato não foi comprovado por Dias (2008), pois há muitas diferenças desse falar em

<sup>5</sup> Posteriormente avaliaremos o efeito de outros fatores conjugados com esses aqui analisados até chegarmos à formulação mais interessante para os dialetos mineiros.

relação à descrição de Castro (1990) para o falar fluminense. Em relação aos processos fonológicos, Piranga mostra características de um falar de transição entre o falar mineiro e o baiano (DIAS, 2008), pois há semelhanças também com o falar baiano – a ocorrência do abaixamento que vai além da HV, favorecido muitas vezes pelas consoantes adjacentes.

## Referências

- CASTRO, E. C. *As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- COETZEE, A. *Variation as accessing “non-optimal” candidates – a rank-ordering model of EVAL*. [S.l.]: Draft, 2005.
- DIAS, M. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*, Oxford: BlackWell, 1994. v. 1.
- LEE, S-H. *Contraste das vogais no PB*, ALFAL, 2008.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Faithfulness e reduplicative identity. In: BECKMAN, J.; URBANCZYK, S.; DICKEY, W. (Ed.). *University of Massachusetts occasional papers in linguistics 18: Papers in optimality theory*. Amherst, MA: Graduate Linguistics Students Association, 1995. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/view.php3?id=568>>.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Boulder: Ms., Rutgers University, New Brunswick and University of Colorado, 1993.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- VIEGAS, M.C. *et al.* A variação das vogais em Minas Gerais: o projeto VARFON-Minas. In: LARA, G.; COHEN, M. A. (Org.). *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.

# Estudo comparativo do alçamento das vogais pretônicas em Ouro Branco, Piranga e Machacalis\* /MG

Melina Rezende Dias  
UFMG

## Introdução

Adotamos neste estudo os princípios metodológicos da teoria da variação e mudança, ou sociolinguística, proposta por Labov (1972). Além de apontar que a heterogeneidade e a variação são inerentes a todas as línguas, a sociolinguística variacionista apresenta uma metodologia eficaz que evidencia a ordem na aparente desordem ou heterogeneidade. Dessa forma, o modelo teórico-metodológico proposto por Labov busca analisar e sistematizar a variação ou heterogeneidade existente na fala de uma comunidade linguística.

O *corpus* foi constituído com dados da fala de oito informantes de Ouro Branco, oito informantes de Piranga,<sup>1</sup> oito informantes de

---

\*Adotamos a grafia Machacalis com *ch*, conforme nos foi solicitado por vários informantes.

<sup>1</sup> O estudo da variação em Ouro Branco e Piranga é um recorte da dissertação de mestrado defendida por mim e orientada pela Professora Dra. Maria do Carmo Viegas. Para mais informações, consultar DIAS, M. R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Machacalis<sup>2</sup> (pertencentes à zona urbana)<sup>3</sup> distribuídos por gênero e faixa etária. Os dados foram submetidos ao modelo logístico *multinomial*, incluído no *software SPSS*.<sup>4</sup>

Na tabela abaixo, consta o número de realizações da variável dependente /e/ e da variável dependente /o/ analisadas.

	/e/	/o/
Piranga	3709	2447
Ouro Branco	3438	2389
Machacalis	3235	2258

## 1. Variável em análise

Lee (2006) explica que o português do Brasil (PB) apresenta contraste fonêmico na sílaba tônica entre as vogais médias altas e as vogais médias baixas, como pode ser visto no inventário do sistema vocálico do PB:

<sup>2</sup> O estudo da variação em Machacalis foi realizado por Luciana Almeida na dissertação de mestrado orientada pela Professora Dra. Maria do Carmo Viegas. Para mais informações consultar ALMEIDA, L. F. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. 2008. 282f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

<sup>3</sup> Embora Almeida (2008) tenha feito um estudo da zona urbana e da zona rural de Machacalis, para esta comparação usamos apenas os dados da zona urbana, uma vez que a pesquisa em Ouro Branco e Piranga não apresenta dados da zona rural.

<sup>4</sup> Para informações mais aprofundadas sobre o *software*, consultar OLIVEIRA, A. J. de. *Variação em itens lexicais terminados em // + vogal na região de Itaúnal MG*. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

		[-BK]	[+BK]		
[+HI]	[+ATR]	i		u	[-LO]
[-HI]	[+ATR]	e		o	
	[-ATR]	ɛ		ɔ	
	[-ATR]		a		[+LO]
		[-RD]	[+RD]		

FIGURA 1 – Inventário de Vogais do PB<sup>5</sup>

Fonte: LEE, 2006, p.167.

A maioria dos estudos realizados até hoje no Brasil indica que nas regiões Sul-Sudeste prevalece a pronúncia fechada [e] e [o], e, no Norte-Nordeste, a realização mais aberta [E] e [O]. Essa divisão dos dialetos brasileiros está de acordo com a proposta de Nascentes (1981, p. 117): “De um modo geral se pode reconhecer uma grande divisão: norte e sul; norte, até a Bahia e sul, daí para baixo.”

Essa divisão dialetal, em duas grandes regiões, admitiria – segundo Nascentes – quatro subdivisões:

Talvez possamos admitir quatro subdialetos: o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e zona da mata, Distrito Federal), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia) e o sulista (S.Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e triângulo mineiro). (NASCENTES, 1981, p. 117).

Podemos notar que Minas é citada em três das quatro subdivisões de Nascentes.

Segundo Câmara Júnior (2008), no contexto pretônico ocorre o processo de neutralização das vogais médias.

Quanto à neutralização ela é diversa segundo a modalidade de posição átona. Nas vogais médias antes de vogal tônica (pretônicas) desaparece a oposição entre 1º e 2º grau, com prejuízo daquele na área cujo centro é o Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Considerando esse quadro *Inventário de Vogais do PB*, é interessante usar o traço –ATR quando juntamos E, A, O no ambiente seguinte, pois esse traço engloba essas vogais.

Assim, há uma distinção, em posição tônica entre *fôrma* (com /ò/ tônico) e *fôrma* (com /ô/ tônico); mas não obstante, o adjetivo derivado do primeiro desses substantivos (*fôrma* com /ò/ tônico) é *fôrmoso* em que se tem /for/ por causa da posição átona (pretônica) da sílaba. (CÂMARA JR., 2008, p. 43).

Em algumas variedades, as vogais [e, o, E, O] se neutralizam em [e, o] e, em outras, se neutralizam em [E, O]. Para Lee e Oliveira (2003, p.68) “A situação não é tão simples assim. A realidade é que nos dois grandes grupos dialetais podemos ter [O - o - u] e [E - e - i], em posição pretônica.”

Lee e Oliveira (2003) problematizam a variação intradialetal. Segundo eles, existem itens lexicais no mesmo dialeto que têm ora a vogal alta, ora a vogal média aberta, ora a vogal média fechada. Exemplificam com o dialeto de Belo Horizonte, que, segundo eles, é particularmente complexo. Há certas palavras que podem ser pronunciadas de três formas diferentes, como: *modErno* - *mOdErno* - *mudErno*.

Parece claro que há questões não respondidas em relação à variação das vogais médias pretônicas no PB. Em Minas Gerais, a variação é particularmente complexa.

## 2. Análise dos resultados

Para análise dos resultados, utilizamos o seguinte procedimento metodológico:

- 1) Analisamos os resultados apresentados pelo SPSS.
- 2) Analisamos os itens lexicais nos casos em que as hipóteses levantadas pelos trabalhos anteriores não foram corroboradas nos resultados apresentados pelo programa estatístico.

### 2.1. Alçamento de /e/

As variáveis independentes que apresentaram significância para o alçamento de /e/, em Ouro Branco, Piranga e Machacalis foram listadas nos quadros a seguir:

## QUADRO 1

Resultados que apresentaram significância para o alçamento de /e/, em Ouro Branco, no estilo *entrevista*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	in, un i, u
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	an i, u ausência
Modo do segmento precedente	tepe líquidas nasais fricativas/africadas
Ponto do segmento precedente	palatalizadas labiais
Modo do segmento seguinte	nasais
Ponto do segmento seguinte	dorsais

## QUADRO 2

Resultados que apresentaram significância para o alçamento de /e/, em Piranga, no estilo *entrevista*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	in, un, i, u
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	an ausência a, E, O i, u in, un
Modo do segmento precedente	tepe fricativas/africadas nasais
Ponto do segmento precedente	palatalizadas
Modo do segmento seguinte	nasais
Ponto do segmento seguinte	dorsais

### QUADRO 3

Resultados que apresentaram significância para o alçamento de /e/, na zona urbana de Machacalis, no estilo *entrevista*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	in, un, i, u
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	en, on i, u a, E, O
Modo do segmento precedente	tepe fricativas/africadas nasais
Ponto do segmento precedente	palatalizadas labiais
Modo do segmento seguinte	nasais fricativas
Ponto do segmento seguinte	dorsais

#### 2.1.1. Vogal da sílaba tônica

De acordo com Câmara Jr. (2008), a harmonização vocálica atua sobre as vogais médias pretônicas, elevando-as, por assimilação, à vogal alta tônica.

A análise dos resultados, apresentados nos quadros anteriores, comprova que, nas três cidades, o processo de alçamento da vogal média pretônica anterior se dá por meio da assimilação regressiva do traço de altura da vogal da sílaba tônica – harmonização vocálica.

Nas três cidades, as vogais altas orais [i,u] e as vogais altas nasais [in,un] favorecem o alçamento da variável /e/.

#### 2.1.2. Vogal entre a vogal da variável e a tônica

Os resultados indicaram que o fator *ausência de vogal* entre a vogal da variável e a tônica favorece o alçamento de /e/, em Piranga e Ouro Branco, ou seja, a contiguidade é um fator importante. Indicaram também o favorecimento do alçamento pelas vogais altas orais [i, u] quando se encontram entre a vogal da variável e a tônica, nas três cidades.



Para explicar esse fato, retomamos Bisol (1981, p.259) que propõe que a harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva – desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente subsequente, independentemente de sua tonicidade.

Nas três cidades, porém, temos alguns resultados que não eram esperados, como o favorecimento do alçamento de /e/ pela vogal baixa nasal [an], em Piranga e Ouro Branco; pela baixa e médias baixas orais [a, E, O], em Piranga e Machacalis; e pelas vogais médias nasais [en, on], em Machacalis.

Verificamos no banco de dados quais as ocorrências que apresentaram essas vogais entre a vogal da variável e a tônica e constatamos que todas as ocorrências, nas três cidades, apresentaram a vogal média pretônica inserida no prefixo *des-* ou *de-*. Exemplos: *d[i]svantagem*, *d[i]smanchou*, *d[i]senvolve*, *d[i]senrola*.

Com base nas ocorrências e na literatura, podemos perceber que não é a vogal seguinte que parece favorecer o alçamento dessas palavras, mas o morfema em que a vogal pretônica /e/ está inserida.

Battisti (1993), na tentativa de achar uma explicação para o favorecimento de alguns prefixos no alçamento da pretônica /e/, recorre a Naro (1973) e seus estudos sobre a história da língua portuguesa e conclui:

Podemos tentativamente dizer, então, que o alto índice de elevação da média nos prefixos *em-* (*en-*) e *des-* é provocado pela analogia que se estabelece com outros dois prefixos, *in-* e *dis-*, respectivamente, fenômeno ainda hoje presente na língua portuguesa, que se sustenta nas funções sintático-semânticas que lhes são comuns, com tendência à prevalência das formas com *i*. (BATTISTI, 1993, p.65).

Viegas (1987, p. 120) afirma que “no dialeto da região de Belo Horizonte, os prefixo *del/des* alçam frequentemente”. A autora exemplifica com os itens: *d̃imais*, *d̃iscansa*, *d̃iscole* e *d̃isinvolver*.

3.1.3 Modo do segmento precedente, ponto do segmento precedente, modo do segmento seguinte, ponto do segmento seguinte

Viegas (1987), após análise dos seus resultados, conclui que as consoantes adjacentes não são determinantes para o alçamento de /e/:

As obstruintes precedentes e seguintes que favorecem o alçamento de (o) não o fazem para (e) (...). Ou seja, as obstruintes não têm o mesmo comportamento no alçamento de (e) e no alçamento de (o). Isto se deve, ao que parece, aos processos serem diferentes: o (o), hoje um processo de assimilação e diminuição da diferença articulatória das vogais com relação aos segmentos adjacentes; o (e) um processo de harmonização vocálica, tendo como principal fator favorecedor a presença de vogal alta seguinte. (VIEGAS, 1987, p.130).

Os resultados apresentados nos quadros 1, 2 e 3 indicam que, em relação à variável *modo do segmento precedente*, nas três cidades, há um favorecimento do alçamento de /e/ pelos fatores *tepe*, *fricativas/africadas* e *nasais*. Em Ouro Branco, as líquidas também favorecem o alçamento quando precedem a pretônica /e/.

Em relação à variável *ponto do segmento precedente*, o que é importante é a influência do fator *labiais* em Ouro Branco e Machacalis.

Em relação à variável *modo do segmento seguinte*, há um favorecimento do alçamento de /e/ pelo fator *nasais* nas três cidades e pelo fator *fricativas* em Machacalis.

Em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, há um favorecimento do alçamento de /e/ pelo fator *dorsais* nas três cidades.

Ao observar todas as palavras que apresentaram a pretônica /e/ alçada, precedida e seguida por tais fatores, constatamos que na maioria das vezes o contexto vocálico seguinte era favorecedor do alçamento, ou seja, era uma vogal alta oral ou nasal. Vejamos:

precedida por tepe:

– *sobr[i]nome*, *livr[i]mente*: nessas palavras temos as formações – sobre + nome e livre + mente. A vogal alçada é a vogal final das palavras *sobre[i]* e *livr[i]*, que é pronunciada alçada nessas palavras, nas regiões pesquisadas.

precedida por líquida:

– *simpl[i]smente*: nessa palavra temos a formação – simples + mente. A vogal alçada é a vogal final da palavra *simpl[i]s*, que é pronunciada alçada nessa palavra, nas regiões pesquisadas.

precedida por nasal:

– *m[i]lhor*: segundo Viegas (2001), o alçamento nessa palavra poderia ser explicado por um possível nivelamento analógico em relação a *pior*. Viegas (2001, p. 84) ressalta: “Outra análise possível, se olharmos os dados à maneira neogramática, é uma influência do *ĩ* em *melior* – oris (...).”

precedida por fricativa/africada:

- *d[i]baixo, d[i]mais, d[i]sapropriação, d[i]scarto, d[i]senvolveu, d[i]smaio, d[i]smatamento, d[i]vagar*: o acentamento nessas palavras ocorre no prefixo *de-/des-*, que é favorecedor do acentamento.
- *s[i]mestre*: em Viegas (2001, p.83), encontramos uma explicação para o acentamento nessa palavra. “Fazendo um esforço neogramático, poderíamos dizer que *simestre* teria sua forma devido ao nivelamento analógico em relação a *bimestre*.” Assim, há atuação lexical.
- *s[i]nhor, s[i]nhora*: em Viegas (2001, p.84), temos uma explicação para o acentamento nessas palavras. Segundo a autora, seria uma influência do *i*, que no latim do século XIII era *senñor – ōris*. “Ou seja, existiria um ambiente favorecedor ao acentamento”.

precedida por palatalizadas:

- *d[i]baixo, d[i]mais, d[i]sapropriou, d[i]scaracterizando, d[i]scarto, d[i]scasca, d[i]senvolver, d[i]smaiou, d[i]smanchou, d[i]smandar, d[i]sorganizado, d[i]srespeitei*: o acentamento nessas palavras ocorre no prefixo *de-/des-*, que apresenta uma explicação histórica para o acentamento.
- *d[i]zenove, d[i]zesseis, d[i]zessete, d[i]zoito*: essas palavras acentam devido à sua formação, aliada a uma questão acentual.
- *evident[i]mente*: nessa palavra temos a formação – evidente + mente. A vogal acentada é a vogal final da palavra *evident[i]*, que é pronunciada acentada nessa palavra, nas regiões pesquisadas.

precedida por labial:

- *m[i]lhorar*: o acentamento nessa palavra pode estar acontecendo devido a sua formação com base em *m[i]lhOr*.
- *p[i]quena, p[i]quenas, p[i]queno*: segundo Viegas (2001, p.85), essas palavras vieram de palavra com vogal alta. “– piqueno < lat. vulgar. *pitinnu*, associado a uma base expressiva *pikk* = ‘pequenez’.” Ou seja, essas palavras já vieram com vogal alta desde a sua incorporação ao português, possivelmente.

seguida por nasal:

- *d[i]mais*: o acentamento nessas palavras ocorre no prefixo *de-*, que apresenta uma explicação histórica para o acentamento.

- *livr[i]mente, sobr[i]nome*: nessas palavras temos as formações – livre + mente, sobre + nome. A vogal alçada é a vogal final das palavras *livr[i]* e *sobr[i]* que é pronunciada alçada nessas palavras, nas regiões pesquisadas.
- *s[i]nhor, s[i]nhora*: nesse item pode haver uma questão lexical atuando, conforme Viegas (2001), mencionado anteriormente.
- *s[i]mestre*: ver Viegas (2001, p. 83).
- *des[i]nvolver, des[i]nvolveu*: essas palavras são derivadas de *envolver*, que apresenta uma vogal média anterior no início da palavra e segundo a literatura é pronunciada alçada em grande percentual: *[i]nvolver*.

#### seguida por fricativa:

- *d[i]sonesto, d[i]senvolver, d[i]sapareceu, d[i]sempregado, d[i]senrolava*: o alçamento nessas palavras ocorre no prefixo *de-/des-*, que é favorecedor do alçamento.

#### seguida por dorsais:

- *p[i]quena, p[i]quenas, p[i]queno*: ver Viegas (2001, p.85).

Parece-nos que são as vogais altas na sílaba tônica e/ou entre a vogal da variável e a tônica, o fator *prefixo e* a formação das palavras que favorecem o alçamento de /e/, nas três cidades. Existem ainda questões relacionadas com itens específicos. Há má distribuição dos dados.

## 2.2. Alçamento de /o/

As variáveis independentes que apresentaram significância para o alçamento de /o/, em Ouro Branco, Piranga e Machacalis, foram listadas nos quadros a seguir:

## QUADRO 4

Resultados que apresentaram significância para a acento /o/,  
em Ouro Branco no estilo *entrevistas*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	in, un
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	i, u
Modo do segmento precedente	oclusivas
Ponto do segmento precedente	_____
Modo do segmento seguinte	fricativas
Ponto do segmento seguinte	_____

## QUADRO 5

Resultados que apresentaram significância para a acento /o/,  
em Piranga no estilo *entrevistas*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	i, u in, un
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	ausência
Modo do segmento precedente	oclusivas
Ponto do segmento precedente	_____
Modo do segmento seguinte	fricativas líquidas nasais
Ponto do segmento seguinte	_____

## QUADRO 6

Resultados que apresentaram significância para a acento /o/,  
na zona urbana de Machacalis, no estilo *entrevista*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	e, o
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	e, o
Modo do segmento precedente	oclusivas
Ponto do segmento precedente	_____
Modo do segmento seguinte	fricativas nasais líquidas
Ponto do segmento seguinte	coronais

### 2.2.1. Vogal da sílaba tônica

Viegas (2006), após analisar uma lista de palavras alçadas em Belo Horizonte, afirma:

Vimos que, no /e/, a regularidade é muito maior que no caso do /o/ para um processo de harmonização vocálica favorecido pela vogal alta seguinte, embora esse processo também atue no /o/, confirmando a análise feita nas listas de palavras anteriores. Observamos que um processo de redução inicial favorecido pelas consoantes adjacentes (principalmente as oclusivas) parece atuar no /o/, extrapolando o ambiente de harmonização vocálica. (VIEGAS, 2006, p.50).

Viegas conclui que:

A harmonia vocálica atingiu lexicalmente tanto o e quanto o o, já a redução vocálica atingiu apenas o o e em poucas palavras na região de B.H. (VIEGAS, 2006, p.54).

Os resultados indicam que a presença de vogais altas nasais [in, un] na sílaba tônica favorece o alçamento de /o/ em Piranga e Ouro Branco. A presença de vogais altas orais [i, u] na sílaba tônica favorece o alçamento em Piranga. Esses resultados confirmam que ocorre um processo de harmonia vocálica nessas cidades. Já os dados de Machacalis não mostram um favorecimento significativo do alçamento pelas vogais altas e sim pelas vogais médias orais [e, o]. Ao fazer a verificação dos itens, Almeida (2008) conclui:

Verificamos que as palavras que possuem vogal tônica [e], [o] e que alçam são: *c[u]meço* (11 ocorrências), *p[u]der* (1 ocorrência), *c[u]mecei* (18 ocorrências), *c[u]mer* (5 ocorrências), *c[u]nheço* (15 ocorrências), *c[u]mecei* (2 ocorrências), *g[u]verno* (3 ocorrências), *c[u]nheceu* (1 ocorrência), *c[u]nhecer* (4 ocorrências), *b[u]niteza* (1 ocorrência), *s[u]ssego* (1 ocorrência), *c[u]meçou* (10 ocorrências), *c[u]mputadores* (1 ocorrência), *c[u]mputador* (2 ocorrências), *c[u]nversou* (1 ocorrência). Da lista, observamos que temos palavras com a mesma consoante precedente /k/: (*c[u]meço*, *c[u]mecei*, *c[u]mer*, *c[u]nheço*, *c[u]mecei*, *c[u]nheceu*, *c[u]nhecer*, *c[u]meçou*, *c[u]mputadores*, *c[u]mputador* e *c[u]nversou*). Viegas (2001) afirma que o /o/ parece ter expandido o ambiente (vogal alta seguinte) para um processo de redução influenciado pelas consoantes adjacentes (particularmente o /k/ precedente). Para *g[u]verno* e *s[u]ssego* talvez haja uma explicação histórica, ou seja devido às palavras, ou devido ao contexto precedente ou seguinte. Assim, a influência maior aqui parece ser dos segmentos adjacentes. (ALMEIDA, 2008, p.170).

### 2.2.2. Vogal entre a vogal da variável e a tônica

A presença de vogais altas orais [i, u] entre a vogal da variável e a tônica favorece o alçamento de /o/, em Ouro Branco, confirmando que nessa cidade ocorre o processo de harmonização vocálica, como foi afirmado na análise da vogal da sílaba tônica.

A ausência de vogais entre a vogal da variável e a tônica favorece o alçamento em Piranga, o que nos possibilita concluir que a vogal tônica tem uma força maior sobre o alçamento da pretônica posterior quando está contígua a ela.

Já os dados de Machacalis não mostram um favorecimento significativo do alçamento pelas vogais altas e sim pelas vogais médias orais [e, o]. Ao fazer a verificação dos itens, Almeida (2008) conclui que a influência maior para o alçamento do /o/ parece ser dos segmentos adjacentes, conforme foi analisado na vogal da sílaba tônica.

### 2.2.3. Modo do segmento precedente, ponto do segmento precedente, modo do segmento seguinte, ponto do segmento seguinte.

Os resultados indicam que, em relação à variável *modo do segmento precedente*, há um favorecimento do alçamento de /o/ pelo fator *oclusivas* nas três cidades.

Ao observar todas as palavras que apresentaram a pretônica /o/ alçada precedida por oclusivas, constatamos um grande número de palavras em que o contexto vocálico seguinte era favorecedor do alçamento, ou seja, era uma vogal alta oral ou nasal.

Verificamos no banco de dados quais foram as palavras que não apresentaram o contexto vocálico favorecedor. Observamos que o processo que atua sobre o alçamento do /o/ está diretamente relacionado às consoantes adjacentes, uma vez que as palavras não apresentam vogal alta na sílaba tônica ou vogal alta entre a vogal da variável e a tônica. A nasalidade seguinte também parece favorecer o alçamento, pois quase todas as palavras são seguidas por nasais. Podemos observar essas constatações em alguns exemplos abaixo:

#### precedida por oclusiva

– b[u]teco, c[u]meça, c[u]meçam, c[u]mecei, c[u]meçou, c[u]nhece, c[u]nhecer, c[u]nhecesse, c[u]nheço, c[u]nversa, c[u]nverso, g[u]vernador, g[u]verno, t[u]lerar.

Os resultados indicam que, em relação à variável *ponto do segmento precedente*, nenhum dos fatores apresentou significância para o alçamento de /o/ nas três cidades.

Os resultados indicam que, em relação à variável *modo do segmento seguinte*, há um favorecimento do alçamento de /o/ pelos fatores *fricativas* nas três cidades e pelos fatores *nasais* e *líquidas* em Piranga e Machacalis.

Verificamos no banco de dados quais foram as palavras que não apresentaram o contexto vocálico favorecedor e se poderia estar ocorrendo interação com outros fatores na explicação da realização do alçamento nas palavras encontradas. Em relação ao favorecimento das fricativas, observamos que essas consoantes são realmente favorecedoras do alçamento de /o/, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

seguida por fricativa:

– apr[u]veitam, apr[u]veitando, apr[u]veitar, g[u]vernador, g[u]verno, s[u]ssego.

seguida por nasal:

– b[u]neca, c[u]meça, c[u]meçado, c[u]nhece, c[u]nversa, c[u]nserta, c[u]mpadre, c[u]mércio, c[u]mendo.

Em relação às líquidas, o favorecimento não foi confirmado após a verificação das palavras. Em Piranga, houve apenas duas ocorrências e em Machacalis apenas três, o que não nos permite afirmar o seu favorecimento. O alçamento nessas palavras pode estar relacionado ao item lexical.

Os resultados indicam que, em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, nenhum dos fatores apresentou significância para o alçamento de /o/, em Piranga e Ouro Branco. Já em Machacalis, o fator *coronais* apresentou significância. Ao fazer a verificação do itens, Almeida(2008) conclui:

Observamos que as palavras c[u]lega, c[u]hendo, c[u]nsertava, c[u]nversa, c[u]nverso, c[u]nversar, c[u]nveceu, c[u]nhecer, c[u]nversou, c[u]nversando, c[u]nhecemos, c[u]nheço, c[u]nhece, c[u]nhecem, c[u]nserta, p[u]der, p[u]dendo, t[u]stão, e c[u]mecei parece sofrer um processo de redução vocálica, favorecido pelas oclusivas precedentes. Já nas palavras m[u]derna, s[u]segada, J[u]sé, m[u]leque, s[u]ssego e s[u]segado temos o favorecimento das *coronais/tepe*. O favorecimento das *coronais/tepe* parece ser mais robusto que das *oclusivas* precedentes. É preciso fazer o cruzamento de fatores posteriormente. (ALMEIDA, 2008, p.202 e 203).



### 3. Conclusão

Ao comparar os resultados obtidos nas três cidades para o alçamento de /e/, constatamos que o processo de alçamento da pretônica anterior se dá por meio de uma assimilação regressiva do traço de altura de uma vogal alta na vogal da sílaba tônica ou entre a vogal da variável e a tônica, ou seja, por meio da harmonização vocálica. Nas três cidades, os prefixos *de/des* se mostraram favorecedores do alçamento.

Para o alçamento de /o/, constatamos que em Piranga e Ouro Branco ocorre a harmonia vocálica, favorecida pela vogal da sílaba seguinte; em Machacalis, os resultados não comprovaram a ocorrência da harmonia vocálica tão significativamente, a influência maior parece ser dos segmentos adjacentes. No entanto, mesmo em Piranga e Ouro Branco, o processo de harmonia vocálica não é suficiente para explicar todos os casos de alçamento da pretônica posterior, ocorrendo também o processo de redução vocálica, no qual ocorre a diminuição da diferença articulatória das vogais em relação aos segmentos adjacentes. Nas três cidades, as oclusivas precedentes e as fricativas seguintes são favorecedoras do alçamento. Em Machacalis, as coronais também se apresentaram como favorecedoras.

### Referências

- ALMEIDA, L. F. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mienira de Machacalis*. 2008. 282f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica*. 1981. 332f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DIAS, M.R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEE, S.; OLIVEIRA, M. A. de. Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, D. da & COLLISCHONN, G. (orgs.). *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003, p.67-91.

LEE, S. Sobre as vogais pré-tônicas no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, v.1, n. 35, p.166-175, 2006.

NASCENTES, A. O dialeto brasileiro. In: PINTO, E. P. (Sel.). *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1920-1945, fontes para a teoria e a história*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: EDUSP, 1981.

OLIVEIRA, A. J. de. *Variação em itens lexicais terminados em /ll + vogal na região de Itaúna/MG*. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 231f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, M. C. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 281f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEGAS, M. C. Elevação das vogais médias pré-tônicas na região de Belo Horizonte – harmonia e redução. *Estudos Linguísticos: os quatro vértices da GT da Anpoll*, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

# Estudo comparativo da abertura das vogais pretônicas em três falares mineiros

Melina Rezende Dias  
UFMG

## Introdução

Este estudo é uma comparação da abertura nas cidades de Ouro Branco, Piranga<sup>1</sup> e Machacalis.<sup>2</sup> Para realizá-lo, foram descritas e analisadas as seguintes variantes das vogais médias pretônicas /e/ e /o/:

---

<sup>1</sup> O estudo da variação em Ouro Branco e Piranga é um recorte da dissertação de mestrado defendida por mim e orientada pela Professora Dra. Maria do Carmo Viegas. Para mais informações, consultar DIAS, M. R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

<sup>2</sup> O estudo da variação em Machacalis foi realizado por Luciana Almeida na dissertação de mestrado orientada pela Professora Dra. Maria do Carmo Viegas. Para mais informações, consultar ALMEIDA, L. F. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. 2008. 282f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

- a) [e] e [o]: realização fechada;
- b) [E] e [O]: realização aberta.

Para a análise do processo variável foram assumidos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança que considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico, não só nos fatores internos à língua. Assim, este estudo busca analisar quais são os fatores que influenciam a variabilidade ocorrida na fala das comunidades pesquisadas.

O *corpus* foi constituído com dados da fala de 8 informantes de Ouro Branco, 8 informantes de Piranga, 8 informantes de Machacalis (pertencentes à zona urbana)<sup>3</sup> distribuídos por gênero e faixa etária. Os dados foram submetidos ao modelo logístico *multinomial*, incluído no *software* SPSS.<sup>4</sup>

Na tabela abaixo, consta o número de realizações da variável dependente /e/ e da variável dependente /o/ analisadas.

	/e/	/o/
Piranga	3709	2447
Ouro Branco	3438	2389
Machacalis	3235	2258

## 1. Variável em análise

Segundo Cristóforo-Silva (1999), o estudo da variação dialetal das vogais pretônicas no português brasileiro ainda merece uma investigação detalhada. Para a autora, o que podemos concluir como generalização é que

<sup>3</sup> Embora Almeida (2008) tenha feito um estudo da zona urbana e da zona rural de Machacalis, para esta comparação usamos apenas os dados da zona urbana, uma vez que a pesquisa em Ouro Branco e Piranga não apresenta dados da zona rural.

<sup>4</sup> Para informações mais aprofundadas sobre o *software*, consultar OLIVEIRA, A. J. de. *Variação em itens lexicais terminados em // + vogal na região de Itaúnal MG*. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

todos os dialetos do português brasileiro apresentam /i, e, a, o, u/ em posição pretônica. Todos os falantes também apresentam as vogais [E], [O] em posição pretônica em formas derivadas com os sufixos “-mente, -inh, -zinh, -íssim” cujos radicais apresentam as vogais tônicas [E], [O]. O que é específico de cada dialeto é a distribuição de [E], [O] em posição pretônica em contextos que não apresentam esses sufixos e os percentuais de realização da vogal aberta nos diversos contextos.

Um outro aspecto relevante é a importância do estudo para complementar a descrição do português brasileiro.

No que se refere à linha demarcadora dos limites de realização vogais médias abertas/vogais médias fechadas envolvendo Bahia e Minas Gerais, o traçado que apresenta Nascentes se confirmou com os dados do Atlas Prévio dos Falares Baiano e do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. Se neste caso específico os dados atuais, oriundos da pesquisa de campo, ratificaram o que estabelece a divisão dialetal referida, necessário se faz dispor de informações amplas para que se possa, com base em dados empíricos, ter delineado de forma sistemática a divisão linguística do Brasil. A realização de um Atlas linguístico do Brasil terá, entre outros méritos, o de permitir que se tracem isoglossas definidoras de áreas dialetais que propiciarão o estabelecimento de uma divisão dialetal do Brasil de base eminentemente linguística. (CARDOSO, 1986, p. 47).

Cardoso (1986) ainda acrescenta que é preciso ter-se a multidimensionalidade da língua no país não apenas para efeitos de precisar e demarcar espaços geolinguísticos, mas para que se possa também contribuir de forma direta para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino da língua materna que nela se processa.

É possível perceber que o estudo das vogais é um importante fator para a divisão das maneiras de falar do Brasil. Viegas (inédito) ressalta:

Várias divisões dos falares do Brasil, e de Minas, existentes nos dias atuais consideram a pronúncia das vogais antes da sílaba tônica da palavra (mOderno, moderno ou muderno) como fator fundamental para a divisão das maneiras de falar do Brasil. Assim, o estudo dessas vogais parece ser de fundamental importância para desvendar o “mistério” que envolve as variações do português nas diversas regiões do Brasil. (VIEGAS, inédito).

## 2. Análise dos resultados

Para análise dos resultados, utilizamos o seguinte procedimento metodológico:

1) Analisamos os resultados apresentados pelo SPSS.

2) Analisamos os itens lexicais nos casos em que as hipóteses levantadas pelos trabalhos anteriores não foram corroboradas nos resultados apresentados pelo programa estatístico.

### 2.1. Abertura de /e/

As variáveis independentes que apresentaram significância para a abertura de /e/, em Ouro Branco, Piranga e Machacalis foram listadas nos quadros abaixo:

#### QUADRO 1

Resultados que apresentaram significância para a abertura de /e/, em Ouro Branco, no estilo *entrevista*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	<b>in, un</b> <b>E, O</b>
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	_____
Modo do segmento precedente	_____
Ponto do segmento precedente	<b>dorsais</b>
Modo do segmento seguinte	_____
Ponto do segmento seguinte	_____

## QUADRO 2

Resultados que apresentaram significância para a abertura de /e/, em Piranga, no estilo *entrevista*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	a, E, O an in, un i, u en, on
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	a, E, O in, un en, on
Modo do segmento precedente	nasais fricativas
Ponto do segmento precedente	dorsais
Modo do segmento seguinte	líquidas tepe
Ponto do segmento seguinte	dorsais labiais

## QUADRO 3

Resultados que apresentaram significância para a abertura de /e/, na zona urbana de Machacalis, no estilo *entrevista*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	en, on a, E, O in, un an i, u
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	in, un en, on a, E, O i, u
Modo do segmento precedente	líquidas nasais fricativas
Ponto do segmento precedente	dorsais/palatalizadas
Modo do segmento seguinte	tepe líquidas
Ponto do segmento seguinte	dorsais/palatalizadas labiais

### 2.1.1. Vogal da sílaba tônica

Os resultados mostram que a abertura é favorecida pelas vogais médias baixas orais [E, O], nas três cidades. Mostram também um favorecimento da abertura pela vogal baixa oral ou nasal [a, an], em Piranga e Machacalis. Esses resultados são esperados, uma vez que a vogal pretônica assimila o traço de altura da vogal tônica.

Temos, porém, alguns resultados que não eram esperados.

Os resultados apontam para um favorecimento da abertura de /e/ pelas vogais altas nasais [in, un], nas três cidades.

Buscamos no banco de dados quais eram as ocorrências que apresentaram vogal média pretônica aberta com vogal alta nasal [in, un] na sílaba tônica e concluímos que poderia estar ocorrendo interação com outros fatores, como a influência do paradigma com vogal aberta. Podemos observar essa constatação nos exemplos abaixo:

– *caf[E]zinho, p[E]rninha, c[E]rtinho, mat[E]riazinha*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que parece favorecer a abertura.

Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *caf[E], p[E]rna, c[E]rto, mat[E]ria*.

– *pr[E]zinho*: nessa palavra, a base é o prefixo *pré-*.

– *p[E]rgunta, p[E]rgunto, p[E]rmitindo*: nessas palavras pode estar ocorrendo a influência das consoantes adjacentes.

Em Ouro Branco, todas as palavras que possuíam vogal alta nasal na sílaba tônica tiveram o favorecimento da abertura explicado de outra forma. Todavia, em Piranga e Machacalis, restaram alguns itens que não puderam ser explicados. São eles: *M[E]lina, s[E]rpentina, em Piranga; t[E]stemunho, t[E]stemunhos, F[E]rnandinho, em Machacalis*. Isso nos permite pensar que a nasalidade da sílaba tônica possa favorecer a abertura nessas cidades ou há a influência de outro fator a ser ainda investigado.

Há ainda em Piranga e Machacalis outros resultados que não eram esperados, como o favorecimento da abertura de /e/ pelas vogais altas orais [i, u] e pelas vogais médias nasais [en, on].

Buscamos no banco de dados quais eram as ocorrências que apresentaram vogal média pretônica aberta com vogal alta oral [i, u] na sílaba tônica e constatamos que a vogal alta oral não parece ser favorecedora da abertura em Piranga, pois para todas as palavras encontradas há outras



explicações para essa abertura, como pode ser constatado nos exemplos seguintes:

- *r[E]ública, r[E]onhecidas, r[E]ursos*: nessas palavras a abertura ocorre na forma *re-*. Talvez possamos dizer que há relação da abertura com o prefixo *re-*. É possível que ocorra abertura nas palavras que têm esse prefixo ou em que há nivelamento analógico com ele.
- *p[E]rmitite, p[E]rmitiu, p[E]rmita, p[E]rsiguido*: nessas palavras pode-se ter a influência das consoantes adjacentes.
- *t[E]rapia, lit[E]ratura, exp[E]ctativas, d[E]l[E]gacia, s[E]cr[E]taria*: essas palavras apresentam vogal baixa [a] ou média baixa oral [E, O] na sílaba seguinte, que pode estar favorecendo a abertura, ou consoantes adjacentes podem também estar influenciando.
- *ac[E]ssível*: essa palavra apresenta paradigma com vogal aberta, que pode estar favorecendo a abertura, conforme Freitas (2001), entre outros. O item com vogal aberta correspondente a *ac[E]ssível* é *ac[E]sso*.

Já em Machacalis, restaram algumas palavras que não se encaixam nas explicações anteriores, como: *p[E]squisa, n[E]cessitam, p[E]rtido, J[E]sus, f[E]lizburgo, v[E]rduras, t[E]rrível*.

Buscamos no banco de dados quais eram as ocorrências que apresentaram vogal média pretônica aberta com vogal média nasal [en, on] na sílaba tônica e concluímos que em algumas palavras era possível explicar a abertura, como pode ser visto nos exemplos seguintes:

- *pr[E]sença, pr[E]tendo, r[E]ferência, pr[E]sente, pr[E]tendo, r[E]lento, r[E]pente, p[E]rtences, p[E]rtence*: talvez possamos dizer que há relação da abertura com as consoantes adjacentes.
- *qu[E]erendo, dif[E]rente, dif[E]rentes, d[E]scendo, d[E]scemos, d[E]vendo, s[E]rvente, f[E]rramentas, f[E]rramenta, sinc[E]ramente, s[E]ntenta, s[E]tecentos*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *qu[E]r, dif[E]re, d[E]sce, d[E]ve, s[E]rve, f[E]rro, sinc[E]ro, s[E]te*.

Restaram, porém, palavras tanto em Piranga quanto em Machacalis, em que a vogal nasal seguinte pode ser a favorecedora.

Em Piranga: *adol[E]scentes, s[E]ssenta, impr[E]ssiona, el[E]mentos, s[E]leções, exc[E]lente, d[E]senho, tr[E]zentos, v[E]rgonha, m[E]renda, Ild[E]fonso, im[E]diatamente, d[E]pende, d[E]pendem, f[E]dorento, fr[E]quência, fr[E]quenta, fr[E]quento, s[E]quência.*

Em Machacalis: *s[E]ssões, m[E]renda, sup[E]rintendência, v[E]rgonha, j[E]quitinhonha, s[E]ssenta, tr[E]zentos.*

### 2.1.2. Vogal entre a vogal da variável e a tônica

Os resultados apresentados sobre a influência da variável *vogal entre a vogal da variável e a tônica* na variável /e/ indicaram que nenhum fator apresenta efeito significativo na abertura dessa variável em Ouro Branco.

Os resultados indicaram o favorecimento da abertura pelas vogais médias baixas orais [E, O] e pela vogal baixa oral [a] quando se encontram entre a vogal da variável e a tônica, em Piranga e Machacalis.

Contudo, temos alguns resultados nessas duas cidades que não eram esperados.

Os resultados apontam para um favorecimento da abertura de /e/ pelas vogais altas nasais [in, un] e pelas vogais médias nasais [en, on], em Piranga e Machacalis e apontam também que as vogais altas orais [i, u] favorecem a abertura em Machacalis. Ao verificarmos quais eram as palavras que possuíam tais vogais entre a vogal da variável e a tônica, chegamos às mesmas conclusões já citadas para a vogal da sílaba tônica.

Após a análise da influência da vogal da sílaba tônica e da vogal entre a vogal da variável e a tônica na abertura das três cidades, constatamos que, em Ouro Branco, ocorre um processo de harmonia vocálica. Em Piranga, além da harmonia vocálica, há um favorecimento da abertura pelas vogais nasais na sílaba tônica e entre a vogal da variável e a tônica. Em Machacalis, Almeida (2008) afirma que pode-se falar em um processo de neutralização em favor de [E] já que quase todas as vogais deram favorecedoras em relação a [e] e [o] tônicos.

Esses resultados parecem corroborar a proposta de divisão dos subfalares brasileiros. Nascentes (1953) identifica dois grandes grupos – o falar do norte e o falar do sul - autor considera que as vogais médias pretônicas /o/ e /O/ e /e/ /E/ seriam neutralizadas em /O/ e /E/ para falares do norte, e em /o/ e /e/ para falares do sul. Assim, como a cidade de Machacalis/MG encontra-se no grupo do falar do norte na divisão de Nascentes, através desses resultados,

observamos que pode estar ocorrendo um processo de neutralização para a variante [E] em favor da vogal média baixa em posição pretônica. (ALMEIDA, 2008, p.108).

### 2.1.3. Modo do segmento precedente, ponto do segmento precedente, modo do segmento seguinte, ponto do segmento seguinte

Ouro Branco:

Em relação à variável *modo do segmento precedente*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /e/.

Em relação à variável *ponto do segmento precedente*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelo fator *dorsais*.

No entanto, todas as ocorrências precedidas por dorsais apresentaram contexto vocálico seguinte favorecedor, ou seja, havia uma vogal média baixa oral, comprovando que nessa cidade ocorre o processo de harmonização vocálica.

Em relação à variável *modo do segmento seguinte*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /e/.

Em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /e/.

Piranga:

Em relação à variável *modo do segmento precedente*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelos fatores *nasais* e *fricativas*.

Em relação à variável *ponto do segmento precedente*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelo fator *dorsais*.

Em relação à variável *modo do segmento seguinte*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelos fatores *líquidas* e *tepe*.

Em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelos fatores *dorsais* e *labiais*.

Ao observar todas as palavras que apresentaram a pretônica /e/ aberta, precedida por nasais, fricativas e dorsais e seguidas por líquidas, tepe, dorsais e labiais, constatamos que na maioria das vezes o contexto vocálico seguinte era favorecedor da abertura, ou seja, era uma vogal baixa oral ou nasal ou uma vogal média baixa oral.

Verificamos no banco de dados quais foram as palavras que não apresentaram o contexto vocálico favorecedor e constatamos que as consoantes

adjacentes não parecem ser as únicas responsáveis pela abertura delas, pois há outras explicações para essa abertura. Podemos observar essas constatações nos seguintes exemplos:

precedida por nasal:

- *am[E]linha, n[E]linho*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são *am[E]lia* e *n[E]lson*.
- *M[E]lina*: a abertura pode estar relacionada à nasalidade da vogal seguinte, às consoantes adjacentes (líquidas seguintes) ou ao item lexical.

precedida por fricativa:

- *r[E]conhecidas, r[E]cursos, r[E]ferência, r[E]lento, r[E]pente*: nessas palavras a abertura ocorre na forma *re-*. Talvez possamos explicar a abertura nas palavras que apresentam esse prefixo ou em que há um nivelamento analógico com ele.
- *exc[E]lente, s[E]quência, s[E]ssenta, s[E]rpentina, v[E]rgonha*: o que parece favorecer a abertura dessas palavras é a vogal média nasal na sílaba tônica. Nos itens *s[E]rpentina* e *v[E]rgonha* há ainda a possibilidade de um favorecimento do /R/ seguinte.

precedida por dorsal:

- *qu[E]rendo*: essa palavra apresenta paradigma com vogal aberta, que pode estar favorecendo a abertura. O item com vogal aberta correspondente a *qu[E]rendo* é *qu[E]r*.
- *r[E]conhecidas, r[E]cursos, r[E]ferência, r[E]lento, r[E]pente*: nessas palavras a abertura ocorre na forma *re-*.

seguida por líquida:

- *am[E]linha, n[E]linho, cast[E]lino*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que parece favorecer a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *am[E]lia, n[E]lson* e *cast[E]lo*.
- *s[E]leções*: o que favorece a abertura nessa é a vogal média baixa na sílaba seguinte.

seguida por tepe:

- *dif[E]rente, dif[E]rentes, ref[E]rência, qu[E]rendo*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *dif[E]re, ref[E]re, qu[E]r*. Pode haver também um favorecimento da nasal na sílaba seguinte.
- *m[E]renda*: o que favorece a abertura dessas palavras é a vogal média nasal na sílaba tônica.

seguida por dorsal:

- *col[E]guinha, ex[E]rcendo, p[E]rdemos, p[E]rdendo*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *col[E]ga, ex[E]rce, p[E]rde*.

seguida por labial:

- *r[E]ferência, r[E]pente, r[E]pública*: nessas palavras a abertura ocorre na forma *re-*.
- *d[E]pende, d[E]pendem, d[E]pender, el[E]mentos, ild[E]fonso*: o que parece favorecer a abertura dessas palavras é a vogal média nasal na sílaba tônica ou entre a vogal da variável e a tônica.

Machacalis:

Em relação à variável *modo do segmento precedente*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelos fatores *líquidas, nasais e fricativas*.

Em relação à variável *ponto do segmento precedente*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelo fator *dorsais*.

Em relação à variável *modo do segmento seguinte*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelos fatores *tepe e líquidas*.

Em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, os resultados indicam que há um favorecimento da abertura de /e/ pelos fatores *dorsais e labiais*.

Ao observar todas as palavras que apresentaram a pretônica /e/ aberta, precedida por líquidas, nasais, fricativas e dorsais e seguidas por tepe, líquidas, dorsais e labiais, constatamos que na maioria das vezes o contexto vocálico seguinte era favorecedor da abertura, ou seja, era uma vogal baixa oral ou nasal ou uma vogal média baixa oral.

Verificamos no banco de dados quais foram as palavras que não apresentaram o contexto vocálico favorecedor e constatamos que nem todas as consoantes adjacentes que apareceram como favorecedoras nos resultados tinham de fato influência na abertura de /e/. Assim como em Piranga, foi possível encontrar outras explicações para a abertura em alguns contextos que deram como favorecedores. Após análise das palavras, constatamos que as consoantes adjacentes favorecedoras da abertura são: fricativas precedentes, líquidas seguintes e dorsal seguinte /R/. Podemos observar essas constatações em palavras como: *f[E]lizburgo, v[E]rdura, v[E]rduras, j[E]sus, v[E]rdureiro, pl[E]nitude, int[E]rnet*.

Após a análise das consoantes adjacentes, constatamos que, em Ouro Branco e Piranga, elas não parecem favorecer tanto a abertura. Outras análises serão feitas para resolver problemas da distribuição dos dados. Já em Machacalis, algumas consoantes também apresentaram-se como favorecedoras.

## 2.2. Abertura de /o/

As variáveis independentes que apresentaram significância para a abertura de /o/, em Ouro Branco, Piranga e Machacalis, foram listadas nos quadros 4, 5 e 6 a seguir:

### QUADRO 4

Resultados que apresentaram significância para a abertura de /o/, em Ouro Branco no estilo *entrevistas*

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	in, un E, O
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	ausência E, O
Modo do segmento precedente	nasais fricativas
Ponto do segmento precedente	_____
Modo do segmento seguinte	tepe fricativas líquidas
Ponto do segmento seguinte	_____

## QUADRO 5

Resultados que apresentaram significância para a abertura de /o/, em Piranga no estilo *entrevistas*.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	a, E, O en, on, an in, un
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	a, E, O ausência
Modo do segmento precedente	nasais
Ponto do segmento precedente	_____
Modo do segmento seguinte	líquidas fricativas
Ponto do segmento seguinte	_____

## QUADRO 6

Resultados que apresentaram significância para a abertura de /o/, em Machacalis no estilo *entrevistas*.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES
Vogal da sílaba tônica	a, E, O en, on, an in, un i, u
Vogal entre a vogal da variável e a tônica	_____
Modo do segmento precedente	_____
Ponto do segmento precedente	_____
Modo do segmento seguinte	fricativas/africadas líquidas tepe
Ponto do segmento seguinte	dorsais labiais

### 2.2.1. Vogal da sílaba tônica

Os resultados mostram que a abertura é favorecida pelas vogais médias baixas orais [E, O], nas três cidades. Mostram também um favorecimento da abertura pela vogal baixa oral e nasal [a, an], em Piranga e Machacalis. Esses resultados são esperados, uma vez que a vogal pretônica assimila o traço de altura da vogal tônica.

Temos, porém, alguns resultados que não eram esperados.

Os resultados apontam para um favorecimento da abertura de /o/ pelas vogais altas nasais [in, un], nas três cidades.

Buscamos no banco de dados quais eram as ocorrências que apresentaram vogal média pretônica aberta com vogal alta nasal [in, un] na sílaba tônica e concluímos que poderia estar ocorrendo interação com outros fatores, como a influência do paradigma com vogal aberta, analogia com prefixo *-pro*. Podemos observar essa constatação nos exemplos seguintes:

- *s[O]zinha, s[O]zinbo, b[O]linha, filh[O]tinha, filh[O]tinbo, n[O]rdestino, pac[O]tinbo, esc[O]linha*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *s[O], b[O]la, filh[O]re, n[O]rdeste,, pac[O]re, esc[O]la*.
- *pr[O]fundo*: nessa palavra pode estar acontecendo um nivelamento analógico com o prefixo *pro-*, que é favorecedor da abertura.

Nas três cidades, foi possível encontrar outras explicações para a abertura, logo não parece ser a vogal alta nasal [in, un] a responsável pela abertura de /o/.

Há ainda em Piranga e Machacalis outros resultados que não eram esperados, como o favorecimento da abertura de /o/ pelas vogais médias nasais [en, on].

Buscamos no banco de dados quais eram as ocorrências que apresentaram vogal média pretônica aberta com vogal média nasal [en, on] na sílaba tônica e concluímos que em algumas palavras era possível explicar a abertura, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- *m[O]rrendo, c[O]rrendo, s[O]mente, s[O]frendo, comp[O]rtamento, n[O]vembro*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *m[O]rre, c[O]rre, s[Ó], s[O]fre, comp[O]rta, n[O]ve*.



– *pr[O]blema, pr[O]fissões*: nessas palavras pode estar acontecendo um nivelamento analógico com o prefixo *pro-*, em que se pode encontrar uma explicação histórica para a abertura.

As palavras que restaram tanto em Piranga quanto em Machacalis, permitem-nos concluir que a vogal nasal seguinte pode ser a favorecedora.

Em Piranga: *m[O]mento, in[O]cência, in[O]cente, in[O]centes, p[O]tência, ad[O]lescentes, fed[O]rento, micr[O]fone, m[O]mentos*.

Em Machacalis: *m[O]mento, m[O]mentos, d[O]cumentos, d[O]cumento, ap[O]senta, ad[O]lescente*.

Há ainda em Machacalis outros resultados que não eram esperados, como o favorecimento da abertura de /e/ pelas vogais altas orais [i, u].

Buscamos no banco de dados quais eram as ocorrências que apresentaram vogal média pretônica aberta com vogal alta oral [i, u] na sílaba tônica e constatamos que a vogal alta oral não parece ser favorecedora da abertura em Machacalis, pois há outras explicações para a abertura, como pode ser constatado nos exemplos seguintes:

- *pr[O]metido, c[O]rrigisse, c[O]rrigir, c[O]reografia, dec[O]rativa, pr[O]curam, pr[O]curam*: parece haver um nivelamento analógico com prefixo *co-* e *pro-* que favorecem a abertura da vogal média pretônica. Viegas (2001) afirma que os prefixos *co-* e *pro-* raramente são encontrados alçados em Belo Horizonte.
- *dec[O]rativa*: parece haver um favorecimento da vogal baixa entre a vogal da variável e a tônica.

Para a palavra *p[O]lícia* não foi possível encontrar uma explicação. É provável que haja influência das consoantes adjacentes.

## 2.2.2. Vogal entre a vogal da variável e a tônica

Os resultados apresentados sobre a influência da variável *vogal entre a vogal da variável e a tônica* na variável /e/ indicaram que nenhum fator apresenta efeito significativo na abertura dessa variável em Machacalis.

Em Ouro Branco e Piranga, os resultados indicam que a abertura de /o/ é favorecida pela ausência de vogal entre a vogal da variável e a tônica e pela presença das vogais médias baixas orais [E, O], entre a vogal da variável e a tônica.

Após a análise da influência da vogal da sílaba tônica e da vogal entre a vogal da variável e a tônica na abertura de /o/, constatamos que nas três cidades ocorre um processo de harmonia vocálica. Em Piranga e Machacalis, além da harmonia vocálica, há um favorecimento da abertura pelas vogais médias nasais [en, on] na sílaba tônica.

### 2.2.3. Modo do segmento precedente, ponto do segmento precedente, modo do segmento seguinte, ponto do segmento seguinte

Ouro Branco:

Em relação à variável *modo do segmento precedente*, há um favorecimento da abertura de /o/ pelos fatores *nasais e fricativas*

Em relação à variável *ponto do segmento precedente*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /o/.

Em relação à variável *modo do segmento seguinte*, há um favorecimento da abertura de /o/ pelos fatores *tepe, líquidas e fricativas*.

Em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /o/.

Ao observar todas as palavras que apresentaram a pretônica /o/ aberta, precedida por nasais e fricativas e seguidas por tepe, líquidas e fricativas, constatamos que, na maioria das vezes, o contexto vocálico seguinte era favorecedor da abertura, ou seja, era uma vogal média baixa oral.

Verificamos no banco de dados quais foram as palavras que não apresentaram o contexto vocálico favorecedor e constatamos que as consoantes adjacentes não parecem ser as únicas responsáveis pela abertura delas, pois há outras explicações para essa abertura. Podemos observar essas constatações nos exemplos seguintes:

precedida por nasal:

- *n[O]vena*: essa palavra apresenta paradigma com vogal aberta, que pode estar favorecendo a abertura. O item com vogal aberta correspondente a *n[O]vena* é *n[O]ve*.

precedida por fricativa:

- *f[O]rtíssimo, s[O]zinha, s[O]zinho*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *f[O]rte e s[Ó]*.

seguida por tepe:

Todas elas apresentaram contexto vocálico favorecedor.

seguida por líquida:

- *b[O]linha, esc[O]linha, psic[O]logicamente*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *b[O]la, esc[O]la, psic[Ó]logo*.

seguida por fricativa:

- *c[O]rrendo, d[O]rmiam, filh[O]tinha, f[O]rtíssimo, n[O]vena, pac[O]tinho, s[O]zinha*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *c[O]rre, d[O]rme, filh[O]te, f[O]rte, n[O]ve, pac[O]te, s[Ó]*.

Piranga:

Em relação à variável *modo do segmento precedente*, há um favorecimento da abertura de /o/ pelo fator *nasais*.

Em relação à variável *ponto do segmento precedente*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /o/.

Em relação à variável *modo do segmento seguinte*, há um favorecimento da abertura de /o/ pelos fatores *líquidas e fricativas*.

Em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /o/.

Ao observar todas as palavras que apresentaram a pretônica /o/ aberta, precedida por nasais e seguidas por líquidas e fricativas, constatamos que, na maioria das vezes, o contexto vocálico seguinte era favorecedor da abertura, ou seja, era uma vogal baixa oral ou nasal ou uma vogal média baixa oral.

Verificamos no banco de dados quais foram as palavras que não apresentaram o contexto vocálico favorecedor e constatamos que as consoantes

adjacentes não parecem ser as únicas responsáveis pela abertura delas, pois, assim como em Ouro Branco, foi possível encontrar outras explicações para essa abertura.

Machacalis:

Em relação à variável *modo do segmento precedente*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /o/.

Em relação à variável *ponto do segmento precedente*, nenhum dos fatores apresentou significância para a abertura de /o/.

Em relação à variável *modo do segmento seguinte*, há um favorecimento da abertura de /o/ pelos fatores *fricativas, líquidas e tepe*.

Em relação à variável *ponto do segmento seguinte*, há um favorecimento da abertura de /o/ pelos fatores *dorsais e labiais*.

Ao observar todas as palavras que apresentaram a pretônica /o/ aberta, seguidas por fricativas, líquidas, tepe, dorsais e labiais, constatamos que, na maioria das vezes (mas não em todas), o contexto vocálico seguinte era favorecedor da abertura, ou seja, era uma vogal baixa oral ou nasal ou uma vogal média baixa oral.

Verificamos no banco de dados quais foram as palavras que não apresentaram o contexto vocálico favorecedor e constatamos que nem todas as consoantes adjacentes que apareceram como favorecedoras nos resultados tinham de fato influência na abertura de /e/. Assim como em Piranga e Ouro Branco, foi possível encontrar outras explicações para a abertura em alguns contextos que deram como favorecedores.

seguida por velar/fricativa:

– *n[O]vecentos, s[O]zinho, sh[O]rtinho, m[O]rreu, m[O]vimentos*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura.

Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *n[O]ve, s[Ó], sh[O]rt, m[O]rre, m[O]ve*.

– *pr[O]cedência, pr[O]fessores, pr[O]fissões, c[O]rrigisse, c[O]rrigir*: parece haver um nivelamento analógico com os prefixos *pro-* e *co-* que favorece a abertura da vogal média posterior.

seguida por líquida:

- *[O]linha*: parece ser favorecida por palavra com paradigma com vogal aberta. (*bola* – *b[O]linha*).
- *b[O]leta*: pode haver o favorecimento da líquida seguinte. Assim como houve na abertura do *le/*.

seguida por tepe:

Todas as palavras apresentaram contexto vocálico favorecedor.

seguida por dorsais:

- *l[O]teamento*, *sh[O]rtinho*, *m[O]rreu*, *c[O]rrer*: essas palavras apresentam paradigma com vogal aberta, que favorece a abertura. Os itens com vogal aberta correspondentes aos anteriores são: *l[O]te*, *sh[O]rt*, *m[O]rre*, *c[O]rre*.
- *c[O]rrigisse*, *c[O]rrigir*, *p[O]rtuguês*, *pr[O]curam*, *pr[O]cura*, *pr[O]curou*: parece que a abertura é favorecida por um nivelamento analógico com os prefixos *co-* e *pro-*, ou pela dorsal /R/ seguinte. “Em relação à posição seguinte, os resultados confirmam uma tendência já observada desde o português arcaico quanto à ocorrência de [O] seguido de fricativa glotal, como em *m[O]rtecor*, *m[O]rdomo*”. (FREITAS, 2001)

seguida por labiais:

- *pr[O]meteram*, *pr[O]metido*, *pr[O]fessores*, *pr[O]fessora*, *pr[O]fessoras*, *pr[O]fissões*, *pr[O]fessor* e *pr[O]blema*: parece haver um nivelamento analógico com o prefixo *pro-* que favorece a abertura da vogal média posterior ou pode ser efeito do contexto adjacente.
- *m[O]mento* e *m[O]mentos*: o que parece favorecer a abertura dessas palavras é a vogal média nasal na sílaba tônica.

Após análise das palavras em Machacalis, constatamos que as consoantes adjacentes favorecedoras da abertura são: líquidas seguintes e dorsal seguinte /R/.

### 3. Conclusão

Ao comparar os resultados obtidos para a abertura de /e/, podemos perceber que nas três cidades ocorre o processo de harmonia vocálica do grau de abertura com as vogais [E, O].

Em Piranga ocorre também a abertura quando a vogal seguinte é nasal [en, on] ou [in, un].

Em Machacalis, Almeida (2008) afirma que pode-se falar em um processo de neutralização em favor de [E] já que quase todas as vogais tônicas mostraram favorecimento à abertura.

Em Machacalis, há ainda um processo de abertura por neutralização da oposição e/E em favor de /E/ favorecido pelas consoantes adjacentes (líquidas seguintes, fricativas precedentes, dorsal seguinte /R/).

Constatamos que os prefixos – *pre-/per-/re-* e que o *paradigma com vogal aberta* são favorecedores da abertura de /e/ nas três cidades. Esses fatores devem ser analisados mais detidamente em estudos posteriores.

Ao comparar os resultados obtidos para a abertura de /o/, podemos perceber que nas três cidades ocorre o processo de harmonia vocálica do grau de abertura com as vogais [E, O].

Em Piranga ocorre também a abertura da vogal média quando a vogal seguinte é [en, on].

Em Machacalis, a abertura é desfavorecida onde o alçamento é favorecido [i, u] e quando ocorre um processo de harmonia vocálica com [e, o], mantendo a média alta, mas também ocorre nesses contextos. As consoantes que favorecem a abertura de /o/ são as líquidas seguintes e a dorsal /R/seguinte.

Constatamos que os prefixos – *pro/-co* e que o *paradigma com vogal aberta* são favorecedores da abertura de /o/ nas três cidades. Esses fatores devem ser analisados mais detidamente em estudos posteriores, observando-se a distribuição dos dados.

## Referências

- ALMEIDA, L. F. *A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis*. 2008. 282f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CARDOSO, Suzana. *Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil)*. *Estudos Linguísticos e Literários*, 5, Instituto de Letras/UFBA, 1986, Salvador, p.47-59.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudo e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.
- DIAS, M.R. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco*. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- FREITAS, S. N. de. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém.
- OLIVEIRA, A. J. de. *Variação em itens lexicais terminados em //l + vogal na região de Itaúnal/MG*. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 231f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- VIEGAS, M. C. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 281f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- VIEGAS, M. C. *Elevação das vogais médias pré-tônicas na região de Belo Horizonte – harmonia e redução*. *Estudos Linguísticos: os quatro vértices da GT da Anpoll*, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- VIEGAS, M. C. *Porque nossa pronúncia é deste jeito?* In: RAMOS, J.; COELHO, S. (Org.). *O mineirês: estudos sobre os falares mineiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG. (No prelo)

# Identificação e análise da interação entre variáveis independentes em estudos variacionistas

Alan Jardel de Oliveira  
UFMG

## Introdução

A análise quantitativa da variação linguística visa à identificação dos fatores que influenciam a produção de uma variante linguística em detrimento de outra(s). O mais comum é que a realização de uma determinada variante esteja associada a um conjunto de fatores que ocorrem simultaneamente e que contribuem para aumentar a probabilidade de ocorrência de tal variante. O uso de métodos de análise estatística denominados métodos de regressão permite que se identifique o magnitude do efeito de cada um desses fatores separadamente. Isso é feito por meio da inserção, em um modelo de regressão,<sup>1</sup> de todas as variáveis independentes que exercem influência estatisticamente significativa sobre um determinado fenômeno variável.

Ao inserir um conjunto de variáveis em um modelo de regressão, pressupomos que o efeito de tais variáveis é não apenas simultâneo, mas também independente. Isso quer dizer que o efeito de uma variável não está

---

<sup>1</sup> Um modelo de regressão é uma equação de regressão logística no qual são inseridas as variáveis independentes.



associado ao efeito de outra variável. Entretanto, algo bastante frequente na análise quantitativa da variação linguística é a ocorrência da interação entre variáveis. Tal problema ocorre quando os efeitos de duas ou mais variáveis independentes estão relacionados, o que não permite que uma variável seja analisada separada da(s) outra(s).

Neste trabalho, discutiremos o problema da interação entre variáveis independentes nos estudos variacionistas com o objetivo de responder às seguintes questões: *O que é, como identificar e como analisar a interação entre variáveis independentes? Por que e como a interação afeta os resultados de um estudo variacionista?*

Os dados analisados neste trabalho foram coletados na cidade de Itaúna/MG em situações de fala espontânea. As análises dos resultados referentes a tais dados podem ser encontrados em Oliveira (2006), Viegas e Oliveira (2008), Viegas e Oliveira (2009) e no capítulo *Velarização da lateral alveolar no falar de Itaúna/MG*, neste volume. O fenômeno estudado em Itaúna foi a variação na sílaba final átona IV (lateral alveolar seguida de vogal). No estudo foram identificadas quatro variantes:

- a) A realização plena da sílaba IV. Ex.: “[’eli] (ele) não é bom profissional” (CH33).
- b) O apagamento da vogal na sílaba IV. Ex.: “não arrepende não ... [’pel] (pelo) contrário” (LM17).
- c) A velarização de /l/ ocorrida após o apagamento da vogal na sílaba IV. Ex.: “cortou o [ka’beʔ] (cabelo) [’deʔ] (dele).” (AH18).
- d) O apagamento da sílaba IV. Ex.: “mas muitas vezes [e] (ele) tem que trabalhar junto com os alunos” (EM39)

Para análise dos dados, utilizou-se o modelo teórico-metodológico variacionista (cf. LABOV, 1972). Para a composição da amostra, duas variáveis sociais foram consideradas: gênero e faixa etária. A seleção do grupo de informantes se deu tendo em vista um conjunto predeterminado de características, conforme descrito a seguir:

Fatores considerados:

- ✓ Faixa etária: 8 jovens – entre 15 e 20 anos – e 8 adultos – entre 30 e 40 anos;
- ✓ Gênero: 8 mulheres e 8 homens.

## Fatores não considerados

A seleção dos informantes foi feita de modo que as variáveis sociais não pesquisadas fossem controladas. Dessa forma, foram selecionados informantes de apenas um estrato dos grupos de fatores não pesquisados, conforme descrito a seguir:

- ✓ Grupo social: todos os entrevistados pertencem ao mesmo grupo social (esse fator foi avaliado em termos da condição de vida dos informantes);
- ✓ Escolaridade: todos os entrevistados têm o segundo grau completo ou segundo grau em curso, no caso dos mais jovens;
- ✓ Região: todos os entrevistados são nascidos no Bairro das Graças (Itaúna/MG) e nunca moraram em outra cidade.

Além das variáveis sociais *gênero* e *faixa etária*, foram consideradas as seguintes variáveis independentes linguísticas:

1. Contexto seguinte: consoante, vogal e pausa (refere-se ao som inicial da palavra imediatamente posterior à palavra em análise). Exemplos: ele caiu (consoante), ele entrou (vogal), falei com ele (pausa).
2. Contexto anterior: vogal alta, vogal baixa e vogal média (refere-se à vogal imediatamente anterior à sílaba IV). Exemplos: bula (alta), bala (baixa), bela (média).
3. Classe da palavra: nome, pronome e verbo (refere-se à classe da palavra em análise). Exemplos: janela (nome), aquela (pronome), fala (verbo).
4. Classe da palavra seguinte: verbo auxiliar, verbo não auxiliar, nome e pausa (refere-se à classe da palavra imediatamente seguinte à palavra em análise). Exemplos: ela está cantando (verbo auxiliar), ela canta (verbo não auxiliar), janela grande (nome), falei com ele (pausa).
5. Vogal da sílaba IV: [u], [i], [ə] (refere-se à altura da vogal na sílaba IV). Exemplos: aquilou [u], aquelei [i], aquelaə [ə].
6. Tonicidade: paroxítona, proparoxítona (refere-se à tonicidade da palavra que contém a sílaba IV). Exemplos: tranquilo (paroxítona) e ângulo (proparoxítona).
7. Tonicidade seguinte: átona, tônica, pausa (refere-se à tonicidade da sílaba imediatamente seguinte à palavra em análise). Exemplos: ele cantou (átona), ele foi (tônica), falei com ele (pausa).
8. Presença de /S/: ausente, presente. (refere-se à presença ou ausência de /S/ na sílaba IV.) Exemplos: ele (ausente), eles (presente).

## 1. O que é a interação?

O método estatístico utilizado na sociolinguística variacionista é denominado método de regressão logística e é o método implementado no *software* Varbrul 2S (SANKOFF, 1972) e em suas versões<sup>2</sup> subsequentes. Nesse método, a partir da definição de uma variável dependente (o processo variável em estudo), definem-se as variáveis independentes que poderiam ajudar a explicar o fenômeno de variação linguística.

Uma variável dependente é assim chamada porque a realização variável dos elementos que a compõem (as variantes) depende de outras variáveis. Uma variável independente é assim chamada porque a realização variável dos elementos que a compõem (os fatores ou categorias) não depende de outras variáveis.

No caso deste trabalho, a variável dependente é composta de quatro variantes, conforme já descritas na seção anterior: a realização plena da sílaba IV, o apagamento da vogal da sílaba IV, a velarização de /l/ ocorrida após o apagamento da vogal na sílaba IV e o apagamento da sílaba.

Ao definirmos uma variável independente para este estudo, estamos suspeitando que tal variável poderia ajudar a explicar a realização das variantes. Ao considerarmos, por exemplo, a variável independente contexto seguinte, interessa-nos verificar se algum contexto seguinte à sílaba IV favorece alguma das variantes da variável dependente, o que ajudaria a explicar o fenômeno. De fato, como foi demonstrado em outros trabalhos, o apagamento da vogal em Itaúna/MG é favorecido pela ocorrência de uma vogal seguinte, a velarização é favorecida pela ocorrência de pausa seguinte e o apagamento da sílaba é favorecido pela ocorrência de uma consoante seguinte.

A ocorrência de cada um dos elementos da variável independente contexto seguinte, entretanto, não depende de nenhuma das outras variáveis consideradas no estudo. O fato de ocorrer uma consoante seguinte à sílaba IV, como na frase “ele não é bom profissional”, não pode ser explicado pelo gênero ou pela idade do falante ou pelo fato de o item ele ser um pronome.

---

<sup>2</sup> VARBRUL 2S (Sankoff, 1972), MacVarb (Guy e Lipa, 1987), VARBRUL 3M (Rousseau, 1978), PC-VARB (Pintzuk e Sankoff, 1982), GoldVarb 2.1 (Rand e Sankoff, 1992), Goldvarb 2001 (Lawrence e Tagliamonte, 2001), R-VARB (Paolillo, 2002), GoldVarb X (Sankoff e Tagliamonte, 2005), Rbrul (Johnson, 2009).

A análise variacionista normalmente é realizada por meio de um modelo de regressão logística multivariado. Isso quer dizer que todos os efeitos associados às variáveis estatisticamente significativas são obtidos simultaneamente. Cada uma das ocorrências do fenômeno variável está associada a um fator em cada uma das variáveis independentes consideradas no estudo. Tomemos, por exemplo, a frase “mas muitas vezes *ele* tem que trabalhar junto com os alunos” (EM39), pronunciada por uma mulher de 39 anos. A sílaba IV da palavra *ele* foi produzida por uma mulher adulta em um pronome terminado em vogal *i*, sem /s/ na sílaba, antes de uma consoante presente em uma sílaba tônica de um verbo e depois de uma vogal [e]. Assim, o processo variável pode ser afetado simultaneamente por um conjunto de fatores em um conjunto de variáveis independentes. Quando analisamos o efeito de cada uma das variáveis independentes separadamente, o efeito das outras variáveis não pode ser controlado, por isso devemos utilizar um modelo multivariado.

Em algumas situações, uma variável independente pode interagir com outra variável independente; isso ocorre quando o efeito de um fator em uma variável independente está relacionado ao efeito de outro fator em outra variável independente. A variável gênero, por exemplo, pode ter um efeito diferente no apagamento da sílaba, dependendo do efeito da variável faixa etária. Isso pode acontecer, por exemplo, se os falantes adultos do gênero masculino tiverem um comportamento oposto dos falantes jovens do gênero masculino com relação ao apagamento da sílaba (um favorece e o outro desfavorece o apagamento). Se isso ocorrer, o efeito do fator masculino na variável gênero será alterado, caso o fator da variável faixa etária seja alterado. Com relação a fatores linguísticos, isso poderia ocorrer, por exemplo, se o efeito do contexto seguinte no apagamento da sílaba fosse alterado quando a classe da palavra fosse alterada. Suponha, por exemplo, que uma vogal seguinte fosse favorecedora entre os verbos e desfavorecedora entre os pronomes.

Essa interferência no efeito de uma variável gerada por outra variável é chamada de *interação* e sua ocorrência pode causar um falseamento dos efeitos dos fatores na variável dependente, como será visto posteriormente.

Em um modelo de regressão multivariado, o efeito de cada um dos fatores em uma variável independente é obtido controlando-se os efeitos de todos os demais fatores de todas as variáveis independentes inseridas na análise. Assim, o fato de uma variável independente alterar os efeitos de outra variável independente não significa que elas interagem. Tal resultado pode

indicar que, quando o efeito de uma determinada variável A é controlado, o efeito de uma variável B altera-se em relação ao efeito da variável B quando A não é controlada. O resultado para uma variável em uma análise multivariada é o efeito exclusivo de tal variável sobre o fenômeno em análise.

O fato de duas variáveis independentes interagirem não significa que tais variáveis deixaram de ser independentes, mas sim que seus efeitos sobre a variável dependente são dependentes. Isso ocorre porque a ocorrência dos fatores em uma variável independente mantém-se independente de outras variáveis. Se as variáveis sociais *gênero* e *idade* interagem, por exemplo, o fator homem não ocorre dependendo do fator jovem, mas os efeitos de tais fatores sobre o fenômeno analisado são dependentes.

Diversos autores têm discutido os problemas gerados pela interação nos dados sociolinguísticos, como Sankoff (1988), Guy (1988), Bayley (2002), Paolillo (2002), Morrison (2005), Tagliamonte (2006), entre outros.

Em Guy (1988), o autor expõe dois procedimentos propostos em Cerdegren (1973) para que sejam determinadas as variantes que poderiam estar interagindo utilizando-se o *software* Varbrul. O primeiro procedimento seria observar valores altos para o p-valor localizado no final de cada célula. Caso existam vários valores altos envolvendo coocorrência repetida de um par de variáveis, provavelmente a causa seria a interação. O segundo procedimento seria agrupar duas variáveis que pudessem estar interagindo (criando uma única variável unindo gênero e idade, por exemplo) e comparar as análises de duas rodadas: uma com as variáveis agrupadas e outra com as variáveis não agrupadas. Se houver uma ordem nos pesos dos fatores na variável agrupada diferente da ordem esperada construída através das duas variáveis separadas, então há possibilidade de interação. Esse procedimento pode ser visto também em Sankoff (1988).

Com relação à interação entre fatores linguísticos, Sankoff (1988) afirma que interações desse tipo frequentemente são decorrentes de problemas na codificação dos fatores ou na formulação das variáveis. Em contrapartida, “interações entre fatores extralinguísticos são frequentes” (SANKOFF, 1988, p. 992).

Guy (1988), analisando o apagamento do /s/ final no português do Brasil, identificou uma interação entre duas variáveis independentes de natureza linguística: o ponto de articulação e o vozeamento da consoante seguinte. O autor constatou que o efeito do segmento velar seguinte era alterado pelo vozeamento de tal segmento. O segmento /g/ apresentou

PR=0.12 e o segmento /k/ apresentou PR=0.27, ou seja, o segmento /k/ seguinte tinha um efeito maior do que o segmento /g/, e tais segmentos diferenciavam-se apenas pela variável vozeamento. A conclusão para essa diferença, já que, segundo o autor, não foi encontrada nenhuma explicação razoável para ela, foi atribuir a diferença nos efeitos à má distribuição dos dados no *corpus* (/k/=961 e /g/=75) e à constatação de que a hipótese nula – de que o vozeamento não influenciava no apagamento do /s/ final – não deveria ter sido rejeitada.

O *software* Varbrul é o mais utilizado na análise dos dados sociolinguísticos. Entretanto, conforme Paolillo (2002), Bayley (2002) e Morrison (2005), tal *software* não consegue determinar a interação entre duas variáveis em um conjunto de dados e, assim, a identificação da interação precisaria ser realizada por outro *software* estatístico. Em Guy (1988) e Sankoff (1988), os autores afirmam que os procedimentos adotados no Varbrul podem supor que haja interação nos dados, mas não podem prever se determinada interação existe ou não entre duas variáveis independentes e, principalmente, determinar se a interação é estatisticamente significativa.

Em outros *software* estatísticos, como o SPSS e o R, podemos identificar se há variáveis interagindo no conjunto de variáveis independentes. Tal procedimento é feito por meio de um recurso que multiplica uma variável independente por outra, criando-se assim uma nova variável. Neste trabalho, utilizarei esse recurso para determinar a interação entre variáveis independentes a partir do *software* SPSS (v.13).

## 2. Como identificar e analisar a interação?

Identificar a ocorrência de interação entre variáveis independentes de um estudo é um processo relativamente simples em pacotes estatísticos como o SPSS. A análise utilizando-se a regressão logística é feita por meio da inserção de um conjunto de variáveis independentes. Para verificar se há interação entre duas variáveis independentes A e B, basta que uma nova variável independente seja criada multiplicando-se a variável A pela variável B.<sup>3</sup> As variáveis A e B estarão interagindo se a multiplicação de tais variáveis for estatisticamente significativa.

---

<sup>3</sup> A variável criada por meio da multiplicação de outras variáveis é chamada de *termo da interação*.

Guy e Zilles (2007, p. 221) afirmam que a interação entre variáveis linguísticas é bastante rara, mas que a interação entre variáveis sociais é comum. Diante disso, os autores afirmam que o pesquisador deve sempre investigar a possibilidade de interação entre variáveis sociais.

Sankoff (1988, p.992) afirma que há uma pressuposição implícita de que não existe interação entre os fatores associados aos falantes e os outros fatores que representam aspectos da estrutura linguística. Ainda que um processo de mudança esteja mais avançado em um determinado grupo do que em outro, em uma comunidade de fala socialmente estratificada, se um fator linguístico for favorecedor de tal processo, ele o será em todos os grupos que tenham desencadeado o processo e na mesma direção, mas pode ser que tal processo não tenha atingido determinado grupo social ainda.

Paollilo (2002, p. 66) mostra que a interação entre variáveis linguísticas, quando ocorre, é gerada por problemas na definição dos ambientes linguísticos e pode ser resolvida com a recodificação dos grupos ou com agrupamentos entre as variáveis. De acordo com o autor, a ocorrência da interação entre variáveis linguísticas e sociais se deve à existência de grupos sociais distintos que teriam diferentes regras. A solução para esse caso seria analisar os grupos separadamente. Já a interação entre variáveis sociais é causada por problemas na definição dos fatores e pode ser analisada agrupando-se as variáveis sociais que estão em interação.

De acordo com Guy (1988), nem sempre uma interação é gerada pelo efeito real entre variáveis independentes. Tal efeito pode ser atribuído à má distribuição dos dados analisados ou a algum outro fator identificável somente na reanálise das ocorrências. Isso significa que cada uma das interações deveria ser analisada individualmente, para que se chegasse à conclusão de que o efeito de uma variável é influenciado pelo efeito de outra variável com a qual ela interage ou por outro motivo qualquer, como a ocorrência de dados mal distribuídos ou por algum outro fator associado às ocorrências.

No estudo realizado na cidade de Itaúna foram encontradas interações dos três tipos descritos em Paollilo (2002): variável social interagindo com outra variável social, variável social interagindo com variável linguística e variável linguística interagindo com outra variável linguística. Vejamos a análise de tais interações. Todos os resultados apresentados têm como variável dependente multinomial a variação na sílaba final átona IV formada

por quatro variantes: a realização plena da sílaba, o apagamento da vogal, a velarização da lateral e o apagamento da sílaba. As análises de regressão (resultados apresentados em razão de chance<sup>4</sup>), mesmo quando apresentados somente os dados de algumas variáveis, são advindas de um modelo em que todas as variáveis independentes estatisticamente significativas (do conjunto de variáveis apresentadas na introdução) são inseridas.

## 2.1. Interação entre variáveis sociais

Observemos abaixo a tabela de contingência para as variáveis gênero e faixa etária.

TABELA 1  
Tabela de contingência para as variáveis gênero e faixa etária na variação da sílaba IV final átona

Var. ind.	Fatores	Sílaba plena		Apagamento da vogal		Velarização da lateral		Apagamento da sílaba	
		n	%	n	%	n	%	n	%
Gênero	Masculino	356	22,2	563	35,0	100	6,2	588	36,6
	Feminino	715	40,0	430	24,1	21	1,2	621	34,8
Faixa	Jovem	591	31,6	516	27,6	86	4,6	677	36,2
Etária	Adulto	480	31,5	477	31,3	35	2,3	532	34,9

$$\chi^2(\text{Gênero}) = 181,595 \text{ df}=3, \text{ p-valor}<0,001 / \chi^2(\text{F.Etária}) = 16,824 \text{ df}=3, \text{ p-valor}<0,001$$

A análise da tabela 1 permite-nos criar algumas hipóteses sobre a influência das variáveis gênero e faixa etária na variação da sílaba IV final:

- Entre os homens há um favorecimento, em maior ou menor grau, de todas as variantes diferentes da sílaba plena. No apagamento da sílaba, esse favorecimento parece ser menor.
- Em relação à faixa etária, os adultos parecem favorecer o apagamento da vogal, e os jovens, a velarização e o apagamento da sílaba.

Ao rodarmos o modelo de regressão com todas as variáveis independentes, temos o seguinte resultado para as variáveis gênero e faixa etária:

<sup>4</sup> A razão de chances indica a chance de um fator em relação ao fator de referência na variável independente.



TABELA 2  
Resultados para as variáveis gênero e faixa etária sem interação

Var. ind.	Fatores	Apagamento da vogal		Velarização da lateral		Apagamento da sílaba	
		sig	RC	sig	RC	sig	RC
Gênero	Masculino	<0,01	2,9	<0,01	9,6	<0,01	2,4
	Feminino	-	1,0	-	1,0	-	1,0
Faixa	Jovem	0,43	0,9	<0,01	1,9	<0,01	1,4
Etária	Adulto	-	1,0	-	1,0	-	1,0

Esses resultados levam-nos às seguintes conclusões:

- a) O gênero masculino favorece as três variantes diferentes da forma plena.
- b) Os jovens favorecem a velarização da lateral e o apagamento da sílaba, mas não apresentam diferença estatisticamente significativa em relação ao efeito dos adultos no apagamento da vogal (sig.=0,43), o que leva à conclusão de que a faixa etária não contribui para explicarmos tal processo.

Uma análise que não investigasse a possibilidade de interação entre as variáveis sociais tomaria como válidas as conclusões expostas acima. Entretanto, a análise da interação mostrará que tais conclusões não refletem bem a realidade observada.

Ao inserirmos o termo da interação entre gênero e faixa etária, concluímos que para os três fenômenos (apagamento da vogal, velarização e apagamento da sílaba) o termo da interação é estatisticamente significativo (sig.<0,05) e que, portanto, há interação entre *gênero e faixa etária*.

Após identificarmos a interação entre duas variáveis sociais, a melhor decisão é analisar tais variáveis agrupadas em uma única variável.<sup>5</sup> O procedimento de inserção do termo de interação no modelo é importante porque é por meio dele que determinamos a significância estatística da interação, o que justificaria o agrupamento das variáveis.

<sup>5</sup> É possível calcular os efeitos com base nos resultados da regressão com o termo de interação, em vez de agrupar os fatores; entretanto, além de facilitar a análise, o agrupamento das variáveis em uma única variável obterá exatamente o mesmo resultado encontrado com a inserção do termo de interação.

Ao agruparmos as variáveis *gênero* e *faixa etária* em um único grupo (masculino-jovem, masculino-adulto, feminino-jovem, feminino-adulto) chegamos aos seguintes resultados:

TABELA 3  
Resultados para as variáveis gênero e faixa etária com interação

Gênero-Faixa Etária	n	Apagamento da vogal			Velarização da lateral			Apagamento da sílaba		
		%	sig.	RC	%	sig.	RC	%	sig.	RC
masculino-jovem	935	33,8	<0,01	4,4	8,0	<0,01	18,7	39,5	<0,01	3,5
masculino-adulto	672	36,8	<0,01	2,7	3,6	<0,01	4,8	32,6	0,013	1,4
feminino-adulto	852	27,0	<0,01	1,6	1,2	0,416	1,4	36,7	0,966	1,0
feminino-jovem	935	21,4	-	1,0	1,2	-	1,0	32,9	-	1,0

Os resultados apresentados na tabela 3 não reafirmam as conclusões que desconsideram a interação. De acordo com Guy (1988),

Se os índices da análise com um só grupo podem ser mapeados numa tabela, de forma sistemática, alinhados de acordo com o previsto pela análise com múltiplos grupos de fatores, não há interação. Mas, se algum subgrupo de segmentos ou subgrupo social não se alinha como esperado com base na análise de “traços” (com múltiplos grupos), então há possibilidade de interação (GUY, 1988).

Vejamos, a seguir, um sumário das diferenças entre as análises sem interação e com interação entre *gênero* e *faixa etária* (= significa efeitos sem diferença estatística; > significa que o efeito do fator à esquerda é maior do que do fator à direita).

#### Apagamento da vogal:

Sem interação: (MJ = MA) > (FJ = FA)

Com interação: MJ > MA > FA > FJ

#### Velarização

Sem interação: MJ > MA > FJ > FA

Com interação: MJ > MA > (FJ = FA)

#### Apagamento da sílaba

Sem interação: MJ > MA > FJ > FA

Com interação: MJ > MA > (FJ = FA)

De fato, o gênero masculino favorece as três variantes, mas, ao considerarmos a interação, para os três casos, entre os homens, há um favorecimento maior por parte dos jovens. Entre as mulheres, ao contrário, as jovens desfavorecem o apagamento da vogal e não se diferenciam das adultas nos demais fenômenos.

Assim, não podemos dizer que a faixa etária não contribui para explicarmos o apagamento da vogal, como se concluiu na análise sem interação. Ao contrário, devido à interação entre *gênero e faixa etária*, concluímos que os jovens ocupam as extremidades em uma escala de favorecimento, tendo as mulheres jovens como as que menos favorecem o processo, e os homens jovens como os que mais favorecem o processo. Nos demais fenômenos, podemos concluir que não há diferença estatisticamente significativa entre os efeitos associados às mulheres jovens e às mulheres adultas (p-valor igual 0,416 e 0,966). Em contrapartida, ao testarmos a significância entre os homens, vemos que em todos os casos há diferença significativa entre jovens e adultos (p-valor < 0,05).

Os resultados aqui apresentados demonstram que a análise da interação permite uma compreensão melhor da interferência social no fenômeno em análise. Não considerar a interação entre gênero e faixa etária levaria a análises inadequadas da variação na sílaba final IV átona em Itaúna/MG.

## 2.2. Interação entre variáveis linguísticas

Ao analisarmos a interação entre as variáveis independentes linguísticas constatamos que a interação entre a variável *contexto seguinte* e a variável *classe da palavra* é estatisticamente significativa.

Vejamos os resultados para ambas as variáveis em um modelo em que todas as variáveis independentes significativas são inseridas:

TABELA 4  
Resultados para as variáveis *contexto seguinte* e *classe da palavra* sem interação

		Apagamento da vogal				Velarização da lateral			Apagamento da sílaba		
Var. ind.	Fatores	n	%	sig.	RC	%	sig.	RC	%	sig.	RC
Contexto seguinte	pausa	603	31,7	0,064	0,8	12,1	<0,01	6,0	9,1	<0,01	0,1
	vogal	637	49,6	<0,01	2,0	3,8	<0,01	3,0	17,7	<0,01	0,4
	consoante	2154	22,6	-	1,0	1,1	-	1,0	48,3	-	1,0
Classe da palavra	nome	582	38,0	0,743	1,1	4,5	0,357	2,0	7,9	0,231	0,7
	pronome	2672	27,1	0,151	1,4	3,4	<0,01	7,2	42,9	<0,01	3,6
	verbo	140	34,3	-	1,0	1,4	-	1,0	11,4	-	1,0

Como podemos ver, o apagamento da vogal é favorecido quando há um *contexto seguinte* vogal; o contexto seguinte *pausa* favorece a velarização; e a *consoante* favorece o apagamento da sílaba. Com relação à classe da palavra, no apagamento da vogal, não há diferença significativa entre as classes; a velarização e o apagamento da sílaba são favorecidos pela classe dos *pronomes*.

Vejamos a tabela seguinte na qual tais variáveis são agrupadas:

TABELA 5  
Resultados para as variáveis *contexto seguinte* e *classe da palavra* com interação

		Apagamento da vogal				Velarização da lateral			Apagamento da sílaba		
Cont.seguinte-Classe-	n	%	sig.	RC	%	sig.	RC	%	sig.	RC	
Vogal-pronome	488	48,2	<0,01	2,8	4,9	<0,01	12,7	20,3	<0,01	3,0	
Vogal-verbo	41	48,8	0,316	1,5	0,0	-	<0,01	17,1	0,096	2,4	
Vogal-nome	108	56,5	<0,01	2,1	0,0	0,998	<0,01	6,5	0,884	0,9	
Pausa-pronome	360	31,7	0,947	1,0	13,3	<0,01	18,1	10,6	0,708	0,9	
Pausa-verbo	33	21,2	0,430	0,7	6,1	0,071	6,0	3,0	0,204	0,3	
Pausa-nome	210	33,3	0,780	0,9	11,0	<0,01	7,5	7,6	0,249	0,7	
Consoante-pronome	1824	20,6	0,115	1,3	1,2	0,052	3,7	55,4	<0,01	9,5	
Consoante-verbo	66	31,8	0,399	1,3	0,0	0,998	<0,01	12,1	0,276	1,7	
Consoante-nome	264	34,1	-	1,0	1,1	-	1,0	8,7	-	1,0	

Um dos problemas identificados na tabela 5 é a presença de células vazias ( $\% = 0,0$ ). A presença de tais células dificulta a estimação dos efeitos e pode contribuir para que o *software* identifique interação, já que a ocorrência de uma determinada variante em um contexto é inexistente. Isso acontece nos casos: vogal-verbo, vogal-nome e consoante-verbo na velarização.

A ocorrência de células vazias, principalmente quando cruzamos variáveis independentes, é algo comum nos dados coletados em estudos variacionistas. Isso se deve ao fato de o pesquisador não ter controle sobre as ocorrências, já que elas são baseadas na fala espontânea.

O *software* Varbrul, diferentemente de outros pacotes estatísticos, utiliza um tipo de fórmula matemática para a geração dos pesos relativos que leva em conta a distribuição relativa das ocorrências. Entretanto, como demonstrado em Oliveira (2006), a utilização do Varbrul ou de outro *software* estatístico não altera significativamente os resultados. As variáveis independentes estatisticamente significativas serão as mesmas. Além disso, no Varbrul, os resultados gerados na tabela 5 não seriam possíveis, já que a ausência de dados em uma célula geraria um *knockout*. Nesses casos, Guy e Zilles (2007) sugerem que os fatores sejam agrupados. Tal estratégia não será realizada aqui, pois nosso objetivo é identificar a causa da interação entre as variáveis envolvidas.

Vejam os resultados nos quais a interação é considerada são alterados em relação aos resultados nos quais a interação não é considerada.

Com base no ordenamento de um grupo de fatores em ordem decrescente de seus efeitos (razão de chances) para cada um dos fatores da outra variável com a qual a primeira interage, é possível verificar se o efeito de uma variável afeta de fato o efeito de outra variável. Vejam os fatores da variável *classe da palavra* ordenada em ordem decrescente de suas razões de chances para cada um dos fatores da variável *contexto seguinte*:

TABELA 6

Ordenamento da variável classe da palavra em relação aos fatores da variável contexto seguinte (coluna RC da tabela 5).

Contexto Seguinte	Vogal	Consoante	Pausa
Apagamento da vogal	pronome	pronome	pronome
	nome	verbo	nome
	verbo	nome	verbo
Velarização	pronome	pronome	pronome
	nome	nome	nome
	verbo	verbo	verbo
Apagamento da sílaba	pronome	pronome	pronome
	verbo	verbo	nome
	nome	nome	verbo

Como podemos ver na tabela 6, os fatores *verbo* e *nome* alternaram-se no apagamento da vogal (quando seguido de consoante) e no apagamento da sílaba (quando seguido de pausa), o que indica a ocorrência de interação. Entretanto, a análise da diferença entre os efeitos de tais fatores mostra que não existe significância estatística entre eles e que seus efeitos não apresentam diferença estatisticamente significativa. Assim, podemos dizer que a interação encontrada entre as variáveis *contexto seguinte* e *classe da palavra* não alteram de fato os efeitos de tais variáveis. Nesse caso, a interação parece estar muito mais relacionada à má distribuição dos dados do que a algo que faça sentido do ponto de vista linguístico ou estatístico.

### 2.3. Interação entre variáveis linguísticas e sociais

De acordo com Paollilo (2002), a identificação de interação entre variáveis linguísticas e sociais pode revelar comunidades de fala distintas que utilizam diferentes gramáticas. Guy e Zilles (2007, p. 220) afirmam que “a hipótese básica da sociolinguística, baseada no conceito da comunidade de fala, é de que os membros de uma comunidade compartilham essencialmente a mesma gramática, inclusive os efeitos dos contextos linguísticos sobre um processo variável”.

No estudo realizado em Itaúna/MG, a interação entre o *grupo social* e o *contexto seguinte* foi considerada estatisticamente significativa. Como a seleção dos informantes foi bastante controlada, já que foram controladas variáveis sociais não consideradas no estudo (grupo social, região e escolaridade),

não seria esperada a interação entre variáveis linguísticas e sociais. Vejamos a tabela na qual as variáveis *contexto seguinte* e *grupo social* são agrupadas:

TABELA 7

Resultados para as variáveis *contexto seguinte* e *grupo social* com interação

		Apagamento da vogal				Velarização da lateral			Apagamento da sílaba		
Contexto seguinte_Grupo	n	%	sig.	RC	%	sig.	RC	%	sig.	RC	
vogal_masculino-adulto	488	54,9	0,516	1,19	4,9	0,479	1,52	14,8	<0,01	0,14	
pausa_masculino-adulto	41	39,2	0,106	0,65	8,3	0,169	2,05	12,5	<0,01	0,10	
consoante_masculino-adulto	108	30,9	0,089	0,71	2,1	0,431	0,67	43,3	<0,01	0,39	
vogal_feminino-jovem	108	41,0	0,023	0,59	1,2	0,075	0,24	16,2	<0,01	0,09	
pausa_feminino-jovem	360	26,0	<0,01	0,26	4,7	0,497	0,70	5,3	<0,01	0,02	
consoante_feminino-jovem	360	14,3	<0,01	0,22	0,2	<0,01	0,04	45,7	<0,01	0,30	
vogal_feminino-adulto	33	42,4	0,101	0,67	0,0	-	0,00	19,4	<0,01	0,11	
pausa_feminino-adulto	210	23,3	<0,01	0,20	4,4	0,332	0,53	8,9	<0,01	0,03	
consoante_feminino-adulto	1824	23,9	<0,01	0,48	1,0	0,020	0,27	44,8	<0,01	0,31	
vogal_masculino-jovem	1824	59,1	<0,01	3,07	8,1	<0,01	6,76	19,7	0,010	0,47	
pausa_masculino-jovem	66	35,3	0,646	0,90	22,8	<0,01	11,09	10,3	<0,01	0,16	
consoante_masculino-jovem	264	23,4	-	1,00	1,6	-	1,00	59,8	-	1,00	

Vejamos os fatores da variável *grupo social* em ordem decrescente de suas razões de chances para cada um dos fatores da variável *contexto seguinte*:

TABELA 8

Ordenamento da variável *grupo social* em relação aos fatores da variável *contexto seguinte* (coluna RC da tabela 7)

Contexto Seguinte	Vogal	Consoante	Pausa
Apagamento da vogal	masculino-jovem	masculino-jovem	masculino-jovem
	masculino-adulto	masculino-adulto	masculino-adulto
	feminino-adulto	feminino-adulto	feminino-jovem
	feminino-jovem	feminino-jovem	feminino-adulto
Velarização	masculino-jovem	masculino-jovem	masculino-jovem
	masculino-adulto	masculino-adulto	masculino-adulto
	feminino-adulto	feminino-jovem	feminino-jovem
	feminino-jovem	feminino-adulto	feminino-adulto
Apagamento da sílaba	masculino-jovem	masculino-jovem	masculino-jovem
	masculino-adulto	masculino-adulto	masculino-adulto
	feminino-adulto	feminino-adulto	feminino-adulto
	feminino-jovem	feminino-jovem	feminino-jovem

Como podemos ver nos ordenamentos apresentados, o grupo feminino-jovem e feminino-adulto apresenta diferenças no apagamento da vogal em relação ao contexto seguinte: em relação ao grupo feminino-adulto, o grupo feminino-jovem favorece o apagamento da vogal quando o contexto seguinte é pausa, mas desfavorece nos demais contextos. Esses grupos também se alternam na velarização: em relação ao grupo feminino-adulto, o grupo feminino-jovem favorece a velarização quando o contexto seguinte é consoante, mas desfavorece nos demais contextos. Tal constatação poderia ser indício de que o grupo feminino-jovem e o grupo feminino-adulto apresentam gramáticas distintas (cf. PAOLILLO, 2002). Entretanto, se testarmos a significância da diferença entre tais fatores, veremos que esses indícios não são verificados.

TABELA 9

Teste de significância entre os fatores *feminino-jovem* e *feminino-adulto* agrupados com o *contexto seguinte*

				Sig.
Apagamento da vogal	consoante_feminino-adulto	x	consoante_feminino-jovem	<0,05
	vogal_feminino-adulto	x	vogal_feminino-jovem	0,886
	pausa_feminino-jovem	x	pausa_feminino-adulto	0,677
Velarização	consoante_feminino-adulto	x	consoante_feminino-jovem	0,139
	vogal_feminino-adulto	x	vogal_feminino-jovem	<0,05
	pausa_feminino-jovem	x	pausa_feminino-adulto	0,407

Na tabela 9, podemos observar que:

1. no apagamento da vogal, quando o contexto seguinte é pausa, não há diferença estatisticamente significativa entre os efeitos dos grupos feminino-jovem e feminino-adulto (p-valor=0,677);
2. na velarização, quando o contexto seguinte é consoante, também não há diferença estatisticamente significativa entre os efeitos dos grupos feminino-jovem e feminino-adulto (p-valor=0,139).

Com base na análise acima, podemos dizer que a interação entre a variável contexto seguinte e a variável grupo social não afeta os resultados dessas variáveis quando analisadas separadamente nem traz resultados significativos do ponto de vista linguístico. Assim, a melhor opção, neste caso, seria analisar as variáveis separadamente, desconsiderando, portanto, a interação.



### 3. Considerações finais

Neste trabalho apresentamos uma análise da interação entre variáveis independentes, tomando como base um estudo variacionista: a variação na sílaba final átona IV na cidade de Itaúna/MG. Constatamos a importância da análise da interação entre variáveis sociais, na medida em que ignorar a interação leva-nos a resultados que não refletem a realidade observada. Concluímos que a análise da interação permite uma compreensão melhor da interferência social no fenômeno em análise. Vimos ainda que a interação identificada entre variáveis linguísticas e entre variáveis sociais e linguísticas não alteraram significativamente os resultados em relação à análise sem interação no processo variável analisado.

### Referências

- BAYLEY, R. The quantitative paradigm. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. and SCHILLING-ESTES N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, p. 117-141, 2002.
- CEDERGREN, H. J. *The interplay of social and linguistic factors in Panama*. Dissertation. Ithaca? Cornell University, 1973.
- GUY, G. R. Advanced VARBRUL analysis. In: FERRARA, K.; BROWN, B.; WALTERS, K., and BAUGH J. (Ed.). *Linguistic Contact and Change*. Austin: University of Texas Department of Linguistics, p. 124-136, 1988.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia., University of Pennsylvania Press, 1972.
- MORRISON, G. S. Dat is What the PM Said: A Quantitative Analysis of Prime Minister Chrétien's Pronunciation of English Voiced Dental Fricatives. *Cahiers linguistiques d'Ottawa*, 33. Ottawa, Ontario: University of Ottawa, Department of Linguistics, p. 1-21, 2005.
- OLIVEIRA, Alan Jardel. *Variação em itens lexicais terminados em // V na cidade de Itaúna/MG*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PAOLILLO, John C. *Analyzing Linguistic Variation*. CSLI Publications, Stanford CA, 2002.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N., and MATTHEIER, K. J. (Ed.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*, v. 2, p. 984-997. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.

SPSS Inc. SPSS 13.0 [Computer software]. Chicago. (2005).

TAGLIAMONTE, S. A. *Analyzing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, A. J. Apagamento da vogal em sílaba // V átona final em Itaúna/MG e atuação lexical. *Revista da ABRALIN*, v. 2, p. 119-138, 2008.

VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, Alan Jardel. Apagamento de //v em sílaba átona final em Itaúna - Minas Gerais.. In: AGUILERA, Vanderci (Org.). *Para a história do português brasileiro: vozes, veredas, voragens*. Londrina: Eduel, 2009, v. VII.

# Velarização da lateral alveolar no falar de Itaúna/MG

Alan Jardel de Oliveira  
UFMG

## Introdução

Diversos trabalhos têm se detido na análise da lateral na coda silábica no português brasileiro (OLIVEIRA, 1983; QUEDNAU, 1993; VANDRESEN, 1999; CRISTÓFARO-SILVA; OLIVEIRA, 2001; TASCA, 2002; ESPIGA, 2003; HORA, 2006; HAHN; QUEDNAU, 2007, entre outros). A maior parte dessas pesquisas tem mostrado uma realização categórica da lateral como semivogal [w] ou um processo de mudança linguística em curso em direção à semivogal [w].

Nos trabalhos sobre o português do sul do Brasil encontramos ainda uma porcentagem alta de ocorrência da consoante lateral na coda e de velarização de tal consoante. Entretanto, esses estudos não tratam da velarização da lateral em itens lexicais terminados em /l/ seguido de vogal, em casos como *ele, tranquilo, falo, aquela, asilo*, entre outros. Tal processo, foco deste trabalho, ocorre em Itaúna, cidade localizada na região centro-oeste de Minas Gerais.

Com base em uma observação assistemática do falar de Itaúna, identifiquei que a realização da variante velarizada parecia estar mais presente na fala dos jovens do que dos adultos, especialmente entre os homens. Essa foi a motivação inicial para a realização de uma pesquisa sobre

a variação na sílaba IV final átona em Itaúna. Caso a relação entre a idade e a velarização fosse constatada, teríamos indícios de um fenômeno de mudança linguística em progresso em direção à velarização da lateral. Ao contrário do que parecia ocorrer em Itaúna, diversos estudos sobre o português brasileiro têm concluído que a realização velarizada da lateral (na posição de coda) trata-se de uma variante conservadora com uso em decréscimo, dando lugar em especial à variante vocalizada (como em mal: [maɫ] - [maw]).

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise da velarização da consoante lateral na cidade de Itaúna/MG, buscando identificar e explicar os fatores sociais e linguísticos que condicionam a realização de tal variante. A velarização da lateral nessa região é parte de um processo de variação em itens terminados em sílaba átona formada pela consoante lateral alveolar mais vogal (de agora em diante *sílaba IV*) e ocorre posteriormente ao processo de apagamento da vogal da sílaba IV final átona.

Tal processo compreende quatro formas concorrentes, constituindo assim uma variável linguística composta de quatro variantes, sendo elas:

- a) A realização plena da sílaba IV. Ex.: “[eli] (ele) não é bom profissional” (CH33).
- b) O apagamento da vogal na sílaba IV. Ex.: “não arrepende não ... [‘pel] (pelo) contrário” (LM17).
- c) A velarização de /l/ ocorrida após o apagamento da vogal na sílaba IV. Ex.: “cortou o [ka‘bet] (cabelo) [‘det] (dele).” (AH18).
- d) O apagamento da sílaba IV. Ex.: “mas muitas vezes [e] (ele) tem que trabalhar junto com os alunos” (EM39)

Utilizando o método de análise proposto pela sociolinguística variacionista, chegamos à distribuição das variantes no falar de Itaúna. A variante que apresenta maior percentual de realização é o apagamento da sílaba IV (35,6%). A análise desse fenômeno foi apresentada em Viegas e Oliveira (2009). O apagamento da vogal apresentou um percentual de 29,3%. A análise de tal variante foi apresentada em Viegas e Oliveira (2008). A velarização apresentou um percentual de 3,6% dos casos e é objeto de análise deste artigo.

## 1. Aspectos acústicos dos segmentos envolvidos

Nesta seção, serão analisados aspectos acústicos e articulatórios da lateral alveolar velarizada em relação à lateral alveolar no intuito de fornecer parâmetros acústicos para a identificação das formas variantes nos dados coletados para o estudo. Como a velarização da lateral é um processo posterior ao apagamento da vogal na sílaba IV, os segmentos serão analisados nos casos em que a vogal da sílaba IV é apagada.

Em Ladefoged e Maddieson (1996), os autores afirmam que o segmento lateral é caracterizado acusticamente pela presença de formantes bem definidos; o primeiro formante apresenta frequências muito baixas e o segundo formante apresenta frequências mais centrais, variando de acordo com o ponto de oclusão ou com a posição da língua. O terceiro formante apresenta amplitude forte e frequências altas. Assim, podemos dizer que a diferenciação entre as laterais é dada, principalmente, pela altura do segundo formante. Ladefoged (1974) afirma que, nas laterais, a diferença entre F2 e F1 está diretamente relacionada à posteriorização nesses segmentos.

Espiga (2003, p. 258) caracteriza o segmento lateral velarizado em relação à lateral alveolar no português brasileiro. Segundo o autor, na velarização,

- ✓ F2 é mais baixo do que em [l]
- ✓ F1 é mais alto do que em [l]
- ✓ A diferença F2 – F1 é menor do que em [l]

Tendo como aparato as informações em Ladefoged (1974), Ladefoged e Maddieson (1996) e Espiga (2003), é possível diferenciar acusticamente as variantes envolvidas. Para isso, serão analisados alguns espectrogramas da fala natural, coletada por meio de entrevistas. Serão analisadas as ocorrências das variantes nos itens *ele* e *escola*. Os espectrogramas apresentados foram gerados pelo *software* Praat, versão 4.4.06.<sup>1</sup> Os recortes feitos nas entrevistas e a redução do ruído foram feitos com o auxílio do *software* Cool Edit 2000 v.1.1. As amostras analisadas têm duração de 2 segundos e frequências entre 20Hz e 8000Hz.

---

<sup>1</sup> Disponível gratuitamente em <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

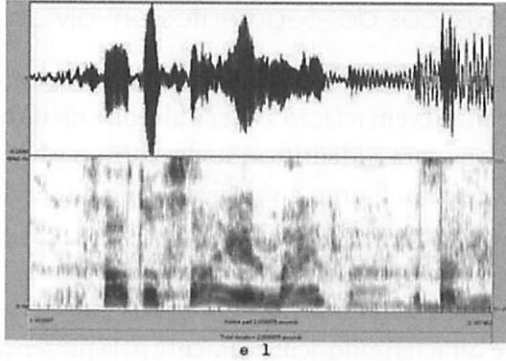


FIGURA 1 – Espectrograma: “assaltou só ele mais nada” - [el]-DM16

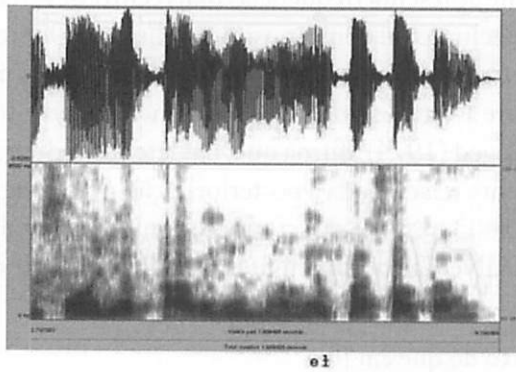


FIGURA 2 – Espectrograma: “não sei aonde ele tava indo não ele foi assaltado” - [lɛ]-WH38

Na figura 1, vemos os formantes da lateral, mas os formantes da vogal seguinte não são produzidos. Neste exemplo, os formantes posteriores aos da lateral correspondem ao início da consoante [m] seguinte. As médias das frequências da lateral na figura 1 são F1=502Hz e F2=1.171Hz. Na figura 2, as médias das frequências dos formantes são F1: 512Hz e F2: 962Hz. Na figura 2, pode-se perceber a ausência de formantes para o segmento vocálico [i] e um abaixamento da frequência do segundo formante no segmento lateral em relação à figura 1, o que está de acordo com as características da velarização descritas em Ladefoged e Maddieson (1996).

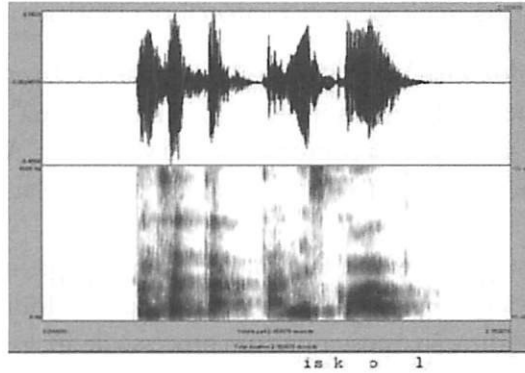


FIGURA 3 – Espectrograma: “onde ce tava, tava na escola” - [is'kɔl] -AH18

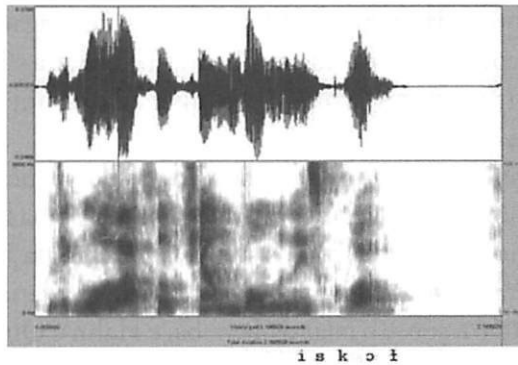


FIGURA 4 – Espectrograma: “ligou lá, falou que tinha uma bomba na escola” - [is'kɔt] -TH18

No espectrograma da figura 3 vemos os formantes do segmento lateral, mas não há formantes para o segmento [ə]. As médias das frequências da lateral na figura 3 são  $F1=462\text{Hz}$  e  $F2=1.103\text{Hz}$ . Na figura 4, assim como na figura 2, pode-se perceber um abaixamento na frequência do segundo formante da lateral em relação à lateral na figura 3, o que caracteriza a presença de um segmento velarizado. As médias das frequências da lateral velarizada na figura 4 são  $F1=490\text{Hz}$  e  $F2=910\text{Hz}$ .

Os espectrogramas analisados indicam que é possível diferenciar acusticamente os segmentos [t] e [l]. Neste trabalho, a codificação da variável dependente foi feita por meio da análise acústica dos segmentos envolvidos seguindo os parâmetros descritos em Ladefoged (1974), Ladefoged e Maddieson (1996) e Espiga (2003) conforme apresentados nesta seção.

## 2. Estudos sobre variação da lateral no português

De acordo com Maia (1986, p. 498), a variante velarizada está presente no português “desde a fase mais antiga da história da língua” e é proveniente do latim, que já possuía uma consoante lateral velarizada. A vocalização da lateral, segundo a autora, provém de uma realização velar da lateral já no século XVI.

A análise dos dados de fala coletados em Itaúna indica que nessa região a velarização se restringe à posição final de palavra. Indica também que o processo de velarização é posterior a um processo de apagamento da vogal seguinte, já que foram identificadas ocorrências do tipo ['el] para *ele*, em que havia apagamento da vogal final sem velarização da lateral, mas não foram identificadas ocorrências do tipo ['eti]. O processo de apagamento da vogal final com /l/ alveolar ou velarizado também se restringe a sílabas átonas, já que formas oxítonas com vogal final apagada também não foram identificadas nos dados.

Não foram encontrados trabalhos sobre o português brasileiro que tratassem do fenômeno de velarização da lateral na sílaba IV. Entretanto, diversos trabalhos foram realizados sobre a variação da lateral na coda silábica. Nesses trabalhos, frequentemente encontra-se a variante velarizada.

Hora (2006), sobre o falar da Paraíba, e Hahn e Quednau (2007), sobre o falar de Londrina, demonstram que a vocalização da lateral na coda é praticamente categórica nessas regiões, não havendo mais a variante velarizada. Vandresen (1999), num estudo sobre as consoantes pós-vocálicas na região Sul do Brasil, afirma que “a vocalização do /l/ nas capitais é quase categórica ao passo que nas cidades de etnia alemã e italiana é maior o uso da consoante” (p. 142). No falar de Itaúna, não há variação na lateral em coda, como nos itens *mal*, *sal*, *celta* e *sul*, como ocorre em certas regiões do Sul do país. Assim como descrito em Oliveira (1983), num estudo sobre a variação nas líquidas na cidade de Belo Horizonte, e Cristófaros-Silva e Oliveira (2001), num estudo sobre a vocalização da lateral no português do Brasil, há, nesses itens, uma realização categórica da lateral como glide posterior.

Considerando, entretanto, que a velarização da lateral no falar de Itaúna ocorre somente quando a vogal é apagada, podemos dizer que tal fenômeno assemelha-se à lateral na coda, já que o apagamento da vogal levaria a uma ressilabificação que colocaria a lateral na posição de coda



silábica. Diante da ausência de relatos e estudos sobre a velarização na sílaba IV, partiremos de estudos sobre a variação da lateral na coda a fim de que possam contribuir para a análise da velarização em Itaúna.

Quednau (1993), Tasca (2002) e Espiga (2003) tratam da variação da lateral na coda silábica no estado do Rio Grande do Sul, região do Brasil que ainda apresenta porcentagens consideráveis de realização da lateral velarizada.

Quednau (1993) apresenta um estudo da lateral pós-vocálica no Rio Grande do Sul analisando as variantes velarizada e vocalizada [maʔ] - [maw]. Com relação às variáveis independentes sociais, a autora conclui que a faixa etária jovem e o sexo masculino favorecem a variante velarizada em detrimento da variante vocalizada. Com relação às variáveis linguísticas, a autora conclui que:

1. em relação ao acento, a sílaba átona final favorece a realização da variante velarizada;
2. em relação ao contexto seguinte, a presença de uma vogal favorece a realização da variante velarizada (a autora não subdividiu as vogais);
3. em relação ao contexto precedente, as vogais [i] e [u] precedentes favorecem a lateral velarizada.

Espiga (2003) apresenta uma análise da variação da lateral pós-vocálica em Chuí/RS. O autor identifica três variantes que apresentam a seguinte distribuição nos dados: lateral alveolar (54%), lateral velar (39%) e vocalização da lateral (7%). Com relação à idade, os dados apresentados pelo autor mostram que, apesar da ocorrência da variante vocalizada ser bem inferior às demais variantes, em Chuí parece haver um fenômeno de mudança linguística em progresso (cf. LABOV, 1972) em favor dessa variante, na medida em que há uma relação inversamente proporcional entre a idade e a realização da variante vocalizada (quanto menor a idade, maior o uso da variante). Com relação ao contexto fonético seguinte, o autor conclui que segmentos coronais favorecem a realização da lateral alveolar, e segmentos dorsais e labiais favorecem a velarização e a vocalização da lateral. A ausência de segmento seguinte reduz a vocalização da lateral.

Em Tasca (2002), a autora identifica um percurso histórico da variação do segmento lateral na coda silábica em dialetos do Rio Grande do Sul e caracteriza a velarização como parte desse percurso. Nesses dialetos, a variável linguística compõe-se de quatro variantes para o segmento lateral,

caracterizadas como *alveolar, velar, velarizada-labializada e vocalizada*. No estudo em questão, Tasca identifica o fenômeno como um possível processo de mudança linguística em progresso.

Espiga (2003), num estudo sobre o português de fronteira do Rio Grande do Sul, amplia a variável analisada em Tasca (2002), inserindo-lhe uma variável em que a lateral não se realizava, caracterizando assim um zero fonético. Dessa forma, tem-se em Espiga (2003, p. 255) uma variável com as seguintes variantes: /l/ → [l] - [ɫ] - [ɫʷ] - [w] - Ø. O autor analisa aspectos articulatórios, acústicos e fonológicos das variantes e apresenta evidências de que as alterações entre as variantes são foneticamente graduais. Com base em uma análise variacionista, o autor apresenta indícios de que há um processo de mudança linguística em progresso no sul do Rio Grande do Sul tendendo, assim como em outras regiões do Brasil, à variante vocalizada.

### 3. Fundamentação teórica e aspectos metodológicos

Este trabalho utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, desenvolvidos a partir da década de 1960 por Willian Labov. Labov desenvolveu um modelo de descrição e interpretação da variação linguística, o que possibilitou a explicação de tal variação, colocando-a como inerente ao componente linguístico.

A sociolinguística variacionista concebe a língua como um sistema heterogêneo e a variação e a mudança linguística como inerentes a esse sistema (LABOV, 1972, p. 223). Além disso, considera que o aparente caos gerado pela variação é influenciado por fatores internos ao sistema e por fatores de natureza social. Assim, o estudo da variação linguística, nessa perspectiva, objetiva determinar que fatores são os responsáveis pela variação e pela mudança numa determinada língua e que fatores sociais são responsáveis pela propagação da mudança.

Uma análise variacionista permite identificar a relação entre a produção de uma variante associada probabilisticamente a fatores linguísticos e sociais. A variação é, *a priori*, um processo motivado por um conjunto de fatores identificáveis e mensuráveis estatisticamente e, portanto, não é aleatório. A variável sociolinguística é, por sua vez, dependente de outras variáveis e é, por isso, chamada variável dependente. As variáveis que influenciam a variável dependente são chamadas de variáveis independentes. Para mensurar a influência das variáveis independentes na variável dependente, grande parte

dos estudos variacionistas tem utilizado um método estatístico chamado de regressão logística, que possibilita investigar a mudança na variável dependente correspondente à mudança nas variáveis independentes.

A opção por métodos quantitativos está em consonância com modelos de análise linguística que consideram a língua em uso e a variação linguística encontrada em dados reais como objetos de estudo importantes para os estudos linguísticos. Na sociolinguística variacionista, o estudo da variação linguística se dá por meio da observação e análise de como os fenômenos linguísticos realmente ocorrem, em situações reais de fala. A pesquisa quantitativa possibilita uma visão de um universo a partir de um subconjunto representativo da população como um todo. Por meio da pesquisa quantitativa é possível medir, com certa confiabilidade, que influência outros fatores exercem sobre o fenômeno que está sendo estudado. Nos estudos de variação linguística, a análise quantitativa contribui para avaliar se os fatores, selecionados previamente, segundo hipóteses de trabalho do pesquisador, interferem na realização de uma determinada variante em detrimento de outra.

Para este trabalho, a composição da amostra que forneceu os dados de fala foi feita de forma controlada, com base em características sociais previamente definidas. A opção por uma amostra estratificada se deve ao fato de que, dentro do universo pesquisado, uma seleção totalmente aleatória poderia aumentar a chance de enviesamento dos resultados. Assim, foi feita uma distribuição equitativa dos informantes.

As pesquisas em sociolinguística variacionista têm mostrado que a implementação de uma variável linguística segue, inclusive, padrões socialmente determinados, seja pela idade, pela classe social, pelo grau de escolaridade, pelo gênero, ou por outros fatores de natureza social. Diante disso, torna-se importante fazer um controle amostral que considere um número exaustivo de estratos sociais, já que eles podem exercer influência sobre a implementação do fenômeno em análise e podem contribuir no enviesamento dos resultados, caso eles não sejam considerados e controlados. A formação dos estratos deve ser feita de forma que todos os indivíduos estejam neles alocados e que não haja nenhum indivíduo em dois estratos diferentes dentro de um mesmo grupo de fatores.

Nesta pesquisa, os informantes entrevistados são moradores do Bairro das Graças, em Itaúna. Esse bairro pertence à região central da cidade

e tem 2.731 habitantes, o que corresponde a 3,5% da população total do município. As entrevistas foram realizadas em julho de 2005.

Itaúna está localizada na região oeste de Minas Gerais, a 82km de Belo Horizonte. Limita-se com os municípios de Pará-de-Minas, Igaratinga, Itatiaiuçu, Mateus Leme e Carmo do Cajuru.

Com relação aos aspectos históricos do povoamento da cidade, segundo Nogueira (2003), a região começou a ser povoada no início do século XVIII à beira do Rio São João. Na década de 1750, já contava com aproximadamente 100 habitantes, entre portugueses, seus descendentes e escravos. Em 1765 foi construída a primeira igreja, cuja padroeira, Senhora de Santana, deu o primeiro nome ao lugar, Povoação Nova de Santana do São João Acima. Só no início do século XX, em 1901, o povoado foi emancipado da cidade vizinha, Pará de Minas, e em 1915 foi elevado à categoria de cidade.

De acordo com dados do censo demográfico realizado pelo IBGE, em 2000, a cidade tinha 76.862 habitantes, sendo 38.138 homens e 38.724 mulheres. A população urbana corresponde a 93,38% do total da população.

Para a composição da amostra, dois níveis foram estratificados: gênero e faixa etária. A seleção do grupo de informantes se deu tendo em vista um conjunto predeterminado de características, conforme descrito a seguir:

#### Fatores considerados:

- ✓ Faixa etária: foram selecionados informantes de duas faixas etárias assim distribuídas: 8 jovens – entre 15 e 20 anos – e 8 adultos – entre 30 e 40 anos;
- ✓ Gênero: foram selecionadas 8 mulheres e 8 homens.

#### Fatores não considerados

A seleção dos informantes deveria ser feita de modo que as variáveis sociais não pesquisadas fossem controladas. Dessa forma, foram selecionados informantes de apenas um estrato dos grupos de fatores não pesquisados, conforme descrito a seguir:

- ✓ Grupo social: todos os entrevistados pertencem ao mesmo grupo social (este fator foi avaliado em termos da condição de vida dos informantes);
- ✓ Escolaridade: todos os entrevistados têm o segundo grau completo ou segundo grau em curso, no caso dos mais jovens;
- ✓ Região: todos os entrevistados são nascidos no Bairro das Graças e nunca moraram em outra cidade.

Além das variáveis sociais *gênero* e *faixa etária*, foram consideradas as seguintes variáveis independentes linguísticas:

1. Contexto seguinte: consoante, vogal e pausa (refere-se ao som inicial da palavra imediatamente posterior à palavra em análise). Exemplos: ele caiu (consoante), ele entrou (vogal), falei com ele (pausa).
2. Contexto anterior: vogal alta, vogal baixa e vogal média (refere-se à vogal imediatamente anterior à sílaba IV). Exemplos: bula (alta), bala (baixa), bela (média).
3. Classe da palavra: nome, pronome e verbo (refere-se à classe da palavra em análise). Exemplos: janela (nome), aquela (pronome), fala (verbo).
4. Classe da palavra seguinte: auxiliar, não auxiliar, nome e pausa (refere-se à classe da palavra imediatamente seguinte à palavra em análise). Exemplos: ela está cantando (auxiliar), ela canta (não auxiliar), aquele menino (nome), falei com ele (pausa).
5. Vogal da sílaba IV: [u], [i], [ə] (refere-se à altura da vogal na sílaba IV). Exemplos: aquilo u, aquele i, aquela ə.
6. Tonicidade: paroxítona, proparoxítona (refere-se à tonicidade da palavra que contém a sílaba IV). Exemplos: tranquilo (paroxítona) e ângulo (proparoxítona)
7. Tonicidade seguinte: átona, tônica, pausa (refere-se à tonicidade da sílaba imediatamente seguinte à palavra em análise). Exemplos: ele cantou (átona), ele foi (tônica), falei com ele (pausa).
8. Presença de /S/: ausente, presente. (refere-se à presença ou ausência de /S/ na sílaba IV.) Exemplos: ele (ausente), eles (presente).

#### 4. Resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise quantitativa da velarização da lateral na variável dependente composta pelas variantes

[l]+vogal - [l] - [t] - Ø. Dois trabalhos já se detiveram sobre a variação na sílaba IV em Itaúna, um sobre o apagamento da vogal (Viegas e Oliveira, 2008) e outro sobre o apagamento da sílaba (Viegas e Oliveira, 2009). Posteriormente será apresentada uma descrição sumária dos resultados desses trabalhos. Os resultados foram obtidos com o uso do modelo de regressão multinomial com variável dependente composta por quatro variantes, sendo a variante *sílaba plena* a variante de referência. O *software* utilizado para a análise foi o SPSS (v.13).

Vejam os dados da distribuição das variantes nos dados analisados:

TABELA 1  
Distribuição das variantes da sílaba IV final átona

Variantes	n	%
[l]+vogal	1071	31,6
[l]	993	29,3
[t]	121	3,6
Ø	1209	35,6
Total	2294	100,0

A variante que apresenta maior porcentagem de ocorrência é o apagamento da sílaba IV, seguida da sílaba IV plena, do apagamento da vogal e, com um valor de aplicação bem inferior aos demais, a velarização da lateral. Uma análise mais aprofundada da implementação social da velarização em Itaúna nos dará respostas para esse baixo percentual.

A tabela a seguir apresenta o resultado da análise dos dados da variação da sílaba IV em Itaúna a partir do modelo de regressão multinomial (que possibilita a análise de variáveis dependentes com mais de duas variantes) e relação da variável dependente com um conjunto de variáveis independentes (conforme descritas na seção anterior). As variáveis independentes inseridas na tabela são aquelas que formam o conjunto das variáveis que melhor explicam estatisticamente a variação na sílaba IV final átona.

Na tabela 3, a coluna “n” representa o total de dados para cada um dos fatores nas variáveis independentes. Para os fenômenos analisados, a coluna “%” refere-se ao percentual de ocorrência de cada uma das variantes em relação a um fator na variável independente, considerando as quatro possibilidades de ocorrência da variável dependente (forma plena,

apagamento da vogal, velarização da lateral e apagamento da sílaba). A coluna “sig.” expressa a significância da diferença entre o efeito do fator de referência (aquele que não apresenta preenchimento na coluna “sig.”) e os efeitos dos demais fatores (valores maiores do que 0,05 não são estatisticamente significativos). A coluna RC (razão de chances) indica a chance de um fator em relação ao fator de referência (RC=1,0) na variável independente. Uma RC de 3,0 para um fator, por exemplo, indica que a chance de esse fator favorecer a realização da variante é três vezes a chance do fator de referência favorecer tal realização.

TABELA 2  
Cruzamentos e regressão multinomial  
das variáveis independentes significativas

Var. ind.	Fatores	n	[l]			[ɫ]			∅		
			%	sig.	RC	%	sig.	RC	%	sig.	RC
gênero x faixa etária	masculino-jovem	935	33,8	<0,01	4,4	8,0	<0,01	18,7	39,5	<0,01	3,5
	masculino-adulto	672	36,8	<0,01	2,7	3,6	<0,01	4,8	32,6	0,013	1,4
	feminino-adulto	852	27,0	<0,01	1,6	1,2	0,416	1,4	36,7	0,966	1,0
	feminino-jovem	935	21,4	-	1,0	1,2	-	1,0	32,9	-	1,0
vogal da Sílaba IV	[u]	301	55,1	<0,01	4,4	6,3	<0,01	6,0	5,6	0,477	0,8
	[i]	1888	30,2	<0,01	3,7	3,3	<0,01	3,2	45,7	<0,01	2,4
	[a]	1205	21,4	-	1,0	3,2	-	1,0	27,3	-	1,0
presença de /s/	ausente	2876	32,8	<0,01	3,5	4,1	<0,01	6,3	30,5	<0,01	0,5
	presente	518	9,8	-	1,0	0,6	-	1,0	64,1	-	1,0
contexto seguinte	pausa	603	31,7	0,064	0,8	12,1	<0,01	6,0	9,1	<0,01	0,1
	vogal	637	49,6	<0,01	2,0	3,8	<0,01	3,0	17,7	<0,01	0,4
	consoante	2154	22,6	-	1,0	1,1	-	1,0	48,3	-	1,0
classe da palavra	nome	582	38,0	0,743	1,1	4,5	0,357	2,0	7,9	0,231	0,7
	pronome	2672	27,1	0,151	1,4	3,4	<0,01	7,2	42,9	<0,01	3,6
	verbo	140	34,3	-	1,0	1,4	-	1,0	11,4	-	1,0

Na tabela 2 estão incluídas as variáveis independentes *gênero x faixa etária*, *vogal da sílaba IV*, *presença de /s/*, *contexto seguinte* e *classe da palavra*. As variáveis *contexto anterior*, *classe da palavra seguinte*, *tonicidade* e *tonicidade seguinte* não foram consideradas estatisticamente significativas. A tabela 3 apresenta a distribuição dos dados para essas variáveis.

TABELA 3  
Cruzamentos das variáveis independentes não significativas

Var. ind.	Fatores	n	[l]+vogal	[l]	[ɫ]	∅
			%	%	%	%
contexto anterior	Vogal alta	261	41,0	44,4	7,3	7,3
	Vogal baixa	294	50,0	29,9	3,4	16,7
	Vogal média	2839	28,8	27,8	3,2	40,2
classe da palavra seguinte	Verbo auxiliar	192	17,8	22,2	0,5	59,5
	Verbo não auxiliar	1321	23,6	24,9	1,1	50,4
	Nome	1277	35,1	32,8	2,7	29,5
	Pausa	603	44,7	33,2	11,2	10,9
tonicidade	Paroxítona	3368	31,5	29,4	3,5	35,5
	Proparoxítona	26	34,6	7,7	7,7	50
tonicidade seguinte	Átona	1378	29,6	28,8	2,1	39,5
	Tônica	1413	27,5	27,4	1,6	43,6
	Pausa	603	44,2	34,1	10,8	10,8

Apesar dos fatores na variável *contexto anterior* apresentarem valores consideravelmente distintos, tal variável não foi considerada estatisticamente significativa na análise multivariada. Isso também ocorreu com a variável *tonicidade*. A análise das variáveis *classe da palavra seguinte* e *tonicidade seguinte* permite-nos suspeitar que o que parece estar influenciando a realização da variante velarizada é a ausência de segmento seguinte à sílaba IV (fator pausa para ambas as variáveis). O fator pausa seguinte, como será mostrado posteriormente, revela-se um importante elemento para explicar a realização da variante velarizada, especialmente se analisarmos a influência desse fator em conjunto com outros fatores, o que nos dará pistas sobre a implementação da velarização em Itaúna.

Sobre o apagamento da vogal final, Viegas e Oliveira (2008) concluem que esse processo é favorecido pelos homens, em especial pelos homens jovens. Em contraposição, as mulheres jovens formam o grupo que mais desfavorece tal processo. Esse resultado indica que há interação entre as variáveis gênero e faixa etária na medida em que o grupo composto pelos jovens, quando subdividido em masculino e feminino, ocupa as posições extremas em uma variável que agrupa essas duas variáveis: entre os jovens, os homens são os que mais apagam a vogal e as mulheres são as que menos apagam. Concluiu-se ainda, com base em testes de avaliação das variantes,



que não há estigma social atribuído ao apagamento da vogal. Em relação aos fatores internos, concluiu-se que o apagamento da vogal é favorecido quando a vogal final é alta e quando a palavra seguinte se inicia por vogal – fenômeno de juntura caracterizado como apócope da vogal final. Há indícios de um processo de etiologia articulatória, podendo ser caracterizado como pós-lexical devido à gradualidade fonética (constatada por análise acústica) e devido à ausência da atuação morfológica no processo (não há significância estatística entre as classes de palavras).

Sobre o apagamento da sílaba IV, Viegas e Oliveira (2009) concluíram que o gênero masculino e a faixa etária jovem favorecem o processo. Também são fatores favorecedores a vogal alta [i] da sílaba IV, a presença de segmento seguinte consonantal, a presença de /S/ junto à sílaba IV e a classe pronominal. Foi possível concluir ainda que o apagamento de IV é um fenômeno fonético-fonológico que pode estar interagindo com um fenômeno sintático, na medida em que tal processo ocorre mais entre pronomes.

Passemos então à análise da velarização da lateral com base nas variáveis independentes que contribuem para explicar a realização de tal variante.

#### 4.1. Gênero e faixa etária

Desde os primeiros estudos variacionistas, o gênero e a faixa etária têm sido considerados como fatores importantes para análise da implementação de fenômenos linguísticos variáveis. Fisher (1974) [1958], em um estudo sobre o *ing* formador de gerúndio do inglês, observou que a variante velar, considerada a forma prestigiada, era mais frequentemente utilizada na fala das crianças do sexo feminino. Com base nesse estudo, Fisher concluiu que as formas mais prestigiosas deveriam ser mais escolhidas pelas mulheres. Desde então, diversos estudos variacionistas têm discutido a hipótese levantada por Fisher e, frequentemente, encontrado uma relação direta entre gênero e prestígio social, identificando uma tendência das mulheres ao favorecimento de variantes de maior prestígio.

Sobre esse aspecto, Labov (1972, p. 243) afirma que mulheres tendem a utilizar menos as variantes mais estigmatizadas socialmente. Em Labov (1994, p. 292), o autor afirma que nos fenômenos de mudança “from below” (abaixo do nível da consciência social) a tendência maior é de que as mulheres estejam à frente do processo.

A análise da faixa etária pode permitir a identificação de possíveis fenômenos de mudança linguística em progresso. Isso pode ser feito por meio do estudo da mudança em tempo aparente (cf. LABOV, 1972).

Observemos, a seguir, a distribuição percentual dos dados referentes ao gênero e à faixa etária.

TABELA 4  
Tabela de contingência para a variável gênero

Variantes	Masculino		Feminino		Total	
	n	%	n	%	n	%
[l]+vogal	356	22,2	715	40,0	1071	31,6
[l]	563	35,0	430	24,1	993	29,3
[ʃ]	100	6,2	21	1,2	121	3,6
∅	588	36,6	621	34,8	1209	35,6
Total	1607	100,0	1787	100,0	3394	100,0

$$\chi^2 = 181,595 \text{ df}=3, \text{ p-valor}<0,001$$

TABELA 5  
Tabela de contingência para a variável faixa etária

Variantes	Jovem		Adulto		Total	
	n	%	n	%	n	%
[l]+vogal	591	31,6%	480	31,5%	1071	31,6%
[l]	516	27,6%	477	31,3%	993	29,3%
[ʃ]	86	4,6%	35	2,3%	121	3,6%
∅	677	36,2%	532	34,9%	1209	35,6%
Total	1870	100,0%	1524	100,0%	3394	100,0%

$$\chi^2 = 16,824 \text{ df}=3, \text{ p-valor}<0,001$$

Analisando as tabelas 4 e 5, podemos supor que a velarização seja um fenômeno que ocorre mais entre os homens (6,2%) do que entre as mulheres (1,2%) e mais entre os jovens (4,6%) do que entre os adultos (2,3%).

Como já foi dito na introdução deste texto, a motivação para o estudo da variação na sílaba IV em Itaúna foi uma observação assistemática da ocorrência da velarização da lateral nos homens jovens. Esse foi o primeiro questionamento levantado para a realização do trabalho. Observando-se as tabelas 4 e 5, vemos que há uma diferença considerável

entre homens e mulheres com relação à produção da lateral velarizada. Como cada um dos fatores da faixa etária é composto por homens e mulheres, pode ser que esteja havendo uma subestimação dos efeitos associados a ambas as variáveis sociais.

Vejamos a tabela de cruzamento da variável dependente com as variáveis gênero e faixa etária.

TABELA 6  
Tabela de contingência para as variáveis gênero e faixa etária

		Masculino		Feminino		Total	
		n	%	n	%	n	%
Jovem	[l]+vogal	175	18,7%	416	44,5%	591	31,6%
	[l]	316	33,8%	200	21,4%	516	27,6%
	[ʎ]	75	8,0%	11	1,2%	86	4,6%
	∅	369	39,5%	308	32,9%	677	36,2%
	Total	935	100,0%	935	100,0%	1870	100,0%
Adulto	[l]+vogal	181	26,9%	299	35,1%	480	31,5%
	[l]	247	36,8%	230	27,0%	477	31,3%
	[ʎ]	25	3,6%	10	1,2%	35	2,3%
	∅	219	32,6%	313	36,7%	532	34,9%
	Total	672	100,0%	852	100,0%	1524	100,0%

$\chi^2$  jovem= 177,478 df=3, p-valor<0,001 /  $\chi^2$  adulto= 31,836 df=3, p-valor<0,001

A análise da velarização na tabela 6 leva-nos a importantes conclusões:

- A velarização não é um fenômeno característico de falantes mais jovens, mas de falantes jovens do sexo masculino, já que o grupo masculino-jovem apresenta uma porcentagem de 8% de realização da variante velarizada e o grupo feminino-jovem apresenta uma porcentagem de 1,2%.
- A velarização é um processo mais utilizado pelos homens, mas seu uso é consideravelmente mais elevado entre os homens jovens.
- Entre as mulheres, jovens e adultas se comportam de maneira semelhante quanto ao uso da variante velarizada (1,2%).

Essas conclusões são indícios de que há interação entre as variáveis gênero e faixa etária no processo de velarização da lateral. Incluindo no

modelo de regressão o termo de interação<sup>2</sup> entre as variáveis independentes envolvidas, obtemos um p-valor de 0,0014, menor do que o nível de significância de 0,05, o que indica que as variáveis gênero e faixa etária interagem.

A análise de variáveis sociais que interagem deve ser feita por meio de agrupamentos dos fatores das variáveis. Como já foi mostrado na tabela 3, o modelo final para a análise da variação na sílaba IV em Itaúna inclui o agrupamento das variáveis gênero e faixa etária. Vejamos os resultados:

TABELA 7

Resultados para a variável *gênero x faixa etária* na velarização da lateral

Gênero x faixa etária	total	[t]	%	sig.	RC
masculino-jovem	935	75	8,0	<0,01	18,7
masculino-adulto	672	25	3,6	<0,01	4,8
feminino-adulto	852	10	1,2	0,416	1,4
feminino-jovem	935	11	1,2	-	1,0

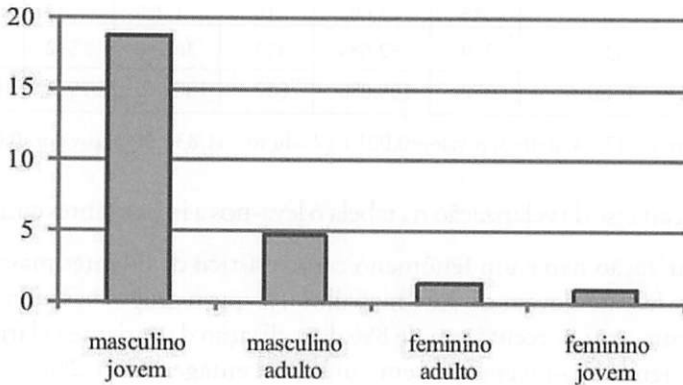


GRÁFICO 1 – Razão de chances entre os fatores da variável *gênero x faixa etária*

<sup>2</sup> Sobre a análise da interação, consulte o capítulo *Identificação e análise da interação entre variáveis independentes em estudos variacionistas* neste livro.

Os resultados apresentados no gráfico 1 e na tabela 7 indicam que a variante velarizada é principalmente escolhida pelo grupo formado pelos homens jovens. Tal resultado é indício de que a velarização constitui um marcador do grupo social formado por homens jovens.

Como pode ser visto na tabela 3, a probabilidade de realização da variante velarizada aumenta entre os pronomes (a variável classe da palavra será analisada com mais profundidade em um momento subsequente). Em Viegas e Oliveira (2009), mostramos que, no fenômeno de apagamento da sílaba IV em Itaúna, os pronomes têm percentuais mais altos de apagamento. Isso também parece estar acontecendo com a velarização. Um resultado que corrobora a afirmação de que a velarização é um marcador do grupo masculino-jovem pode ser obtido quando analisamos somente os itens não pronominais (aqueles que estão sendo menos atingidos pelo processo):

TABELA 8

Resultados para a variável *gênero x faixa etária* em itens não pronominais

Gênero x Faixa Etária		[l]			[ʔ]			∅			
		n	%	sig.	RC	%	sig.	RC	%	sig.	RC
masculino-jovem		252	48,0	<0,01	4,0	9,5	<0,01	38,1	9,9	<0,01	3,4
masculino-adulto		124	39,5	<0,01	2,0	1,6	0,239	4,4	8,9	0,082	2,2
feminino-adulto		206	26,2	0,203	1,4	0,5	0,790	1,5	6,3	0,198	1,7
feminino-jovem		140	32,1	-	1,0	0,7	-	1,0	9,3	-	1,0

Na tabela 8, quando analisados somente os itens não pronominais, vemos claramente que o grupo masculino-jovem está muito à frente no processo de velarização em relação aos demais grupos. A partir da coluna sig., podemos ainda constatar que entre os demais grupos não há diferença significativa entre seus efeitos (sig. é maior do que 0,05). Esse resultado permite a relação masculino-jovem x outros, o que reafirma a velarização como marcador de grupo em Itaúna.

#### 4.2. A classe da palavra

Em Viegas e Oliveira (2008) mostramos que o fenômeno de apagamento da vogal é um fenômeno pós-lexical. Um dos critérios para tal classificação, juntamente com a gradualidade fonética, foi o de que a classe da palavra não influi no apagamento da vogal. Já em Viegas e Oliveira

(2009), mostramos que a classe da palavra influi no apagamento da sílaba IV, sendo os pronomes a classe que mais favorece o processo. Vejamos agora os resultados para a velarização:

TABELA 9

Resultados para a variável *classe da palavra* na velarização da lateral

Classe da palavra	Total	[ɫ]	%	sig.	RC
Nome	582	26	4,5	0,357	2,0
Pronome	2672	92	3,4	<0,01	7,2
Verbo	140	2	1,4	-	1,0

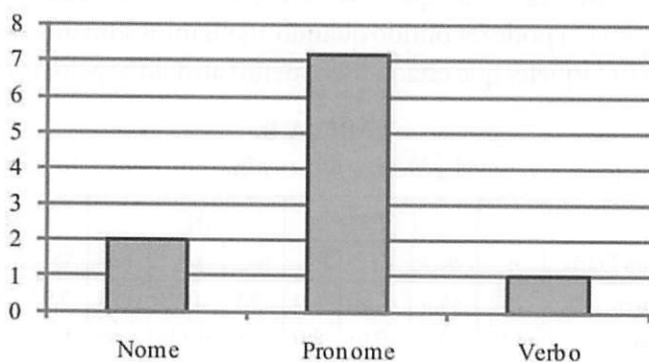


GRÁFICO 2 – Razão de chances entre os fatores da variável *classe da palavra*

A análise da tabela 9 permite-nos concluir que, assim como no apagamento da sílaba IV, a classe dos pronomes também favorece a velarização da lateral. Apesar de o fenômeno da velarização pressupor o apagamento da vogal, tais fenômenos são diferenciados pela interferência da classe da palavra, já que a classe não influencia no apagamento da vogal, mas influencia na velarização. Em Oliveira e Viegas (2009), concluímos que os pronomes, especialmente os pronomes do caso reto, favorecem o apagamento de IV. Tal favorecimento apresenta características atribuídas ao próprio pronome (indícios de cliticização do pronome *eles*) e a aspectos fonológicos após o apagamento da vogal.

Vejamos a seguir a lista de palavras que apresentam velarização:

TABELA 10  
Lista de palavras que apresentaram velarização

Classe da palavra	Palavra	Total	Velarização	%
Nome	ângulo	2	2	100,0
	chinelos	1	1	100,0
	janela	1	1	100,0
	gaiola	3	1	33,3
	tranquilo	38	7	18,4
	asilo	48	6	12,5
	cabelo	9	1	11,1
	melo	9	1	11,1
	tranquila	14	1	7,1
	bola	34	2	5,9
	escola	101	3	3,0
Pronome	nela	16	5	31,3
	nele	26	5	19,2
	dela	100	13	13,0
	dele	195	25	12,8
	aquilo	31	1	3,2
	ele	1112	32	2,9
	ela	575	10	1,7
eles	380	1	0,3	
Verbo	desfila	3	2	66,7

Observando-se os pronomes, podemos verificar que os pronomes retos apresentam baixo índice de velarização. A explicação para isso poderia ser o fato de tais pronomes, que ocupariam mais a posição de sujeito, ocuparem posições que apresentam segmentos seguintes (consonantais ou vocálicos), visto que esses fatores são favorecedores aos outros processos – a vogal seguinte favorece principalmente o apagamento da vogal e a consoante seguinte favorece o apagamento da sílaba. Vejamos a tabela a seguir, que contém somente os casos que apresentam pausa como contexto seguinte:

TABELA 11  
 Lista de pronomes que apresentaram velarização  
 seguida de contexto seguinte *pausa*

Pronomes	total	seguido de pausa	%	velarização	%
aquilo	31	11	35,5	1	9,1
ela	575	66	11,5	7	10,6
ele	1112	112	10,1	14	12,5
dela	100	43	43,0	7	16,3
dele	195	64	32,8	13	20,3
nela	16	9	56,3	4	44,4
nele	26	13	50,0	2	15,4

Como podemos atestar na tabela 11, a porcentagem de realização dos pronomes *ela* e *ele* é quando seguidos de pausa, e a porcentagem de velarização em tais pronomes ainda é inferior quando comparada aos demais pronomes. Como mostrado em Oliveira e Viegas (2009), entre os pronomes retos, há um favorecimento do apagamento da sílaba IV. Isso explica o fato de a incidência da velarização ser menor nesses pronomes, visto que a velarização e o apagamento da sílaba fazem parte da mesma variável linguística e são, portanto, formas concorrentes, mas isso não explica a velarização ser maior nos outros pronomes (*dela*, *dele*, *nela* e *nele*) do que em substantivos, por exemplo. Esse resultado precisaria ser investigado.

#### 4.3. A vogal da sílaba IV

Vejamos os resultados da variável *vogal da sílaba IV*

TABELA 12  
 Resultados para a variável *vogal da sílaba IV* na velarização da lateral

Vogal da sílaba IV	Total	[t]	%	sig.	RC
[u]	301	19	6,3	<0,01	6,0
[i]	1888	62	3,3	<0,01	3,2
[ə]	1205	39	3,2	-	1,0



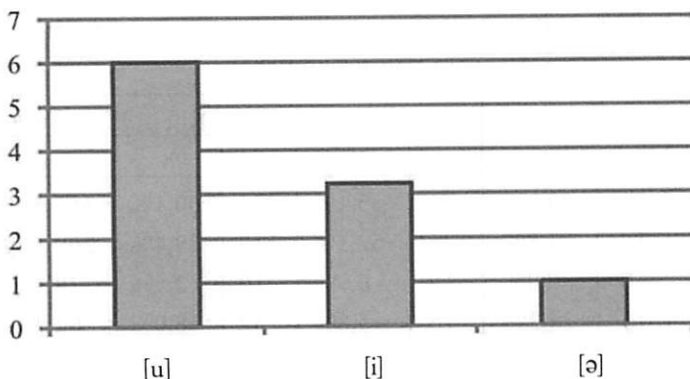


GRÁFICO 3 – Razão de chances entre os fatores da variável  
*vogal da sílaba IV*

Em Viegas e Oliveira (2008), mostramos que vogais altas [i] e [u], mais reduzidas, eram as primeiras a serem atingidas em um processo de redução e apagamento gradual das vogais. Os resultados apresentados na tabela 12 reafirmam os resultados para o apagamento da vogal, já que a velarização inclui também um fenômeno de apagamento da vogal. Se testarmos a significância entre os efeitos das vogais [i] e [u] para a variante velarizada (a significância da tabela 12 refere-se à diferença entre [ə] e cada uma das vogais [i] e [u]), teremos um valor de 0,112, o que mostra que nos dados não há diferença estatisticamente significativa entre as vogais [i] e [u].

Sabemos que: (1) a classe dos pronomes é a classe que mais apresenta velarização; (2) o único pronome terminado em IV com vogal [u] é o pronome demonstrativo *aquilo*; (3) não há casos de velarização dos pronomes *aquela* e *aquela*. Diante disso, uma estratégia interessante para verificar se não há, de fato, diferença entre os efeitos de [i] e [u] seria rodar novamente os dados excluindo-se os pronomes (o mesmo procedimento feito na análise dos grupos sociais). Vejamos a tabela de contingência para a variável *vogal da sílaba IV* para os não pronomes:

TABELA 13  
Tabela de contingência para a variável *vogal da sílaba IV*  
para não pronomes

Variantes	[i]		[u]		[ə]		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
[I]+vogal	31	50,0%	91	35,1%	241	60,1%	363	50,3%
[I]	16	25,8%	135	52,1%	118	29,4%	269	37,3%
[t]	0	0,0%	18	6,9%	10	2,5%	28	3,9%
∅	15	24,2%	15	5,8%	32	8,0%	62	8,6%
Total	62	100,0%	259	100,0%	401	100,0%	722	100,0%

$$\chi^2 = 74,455 \text{ df}=6, \text{ p-valor}<0,001$$

Como podemos observar na tabela 13, não há casos de velarização para a vogal [i]. A porcentagem de velarização em não pronomes aumenta para a vogal [u] e diminui para a vogal [ə].

Como pôde ser visto na tabela 10, o item lexical *tranquilo* apresenta a maior porcentagem de velarização entre os itens com vogal [u]. Pode ser que esse item esteja afetando os resultados. Em Oliveira e Viegas (2008) apresentamos uma análise do item lexical *tranquilo* em relação ao apagamento da vogal. Constatamos que no apagamento da vogal (fenômeno caracterizado no artigo citado como pós-lexical) havia indícios de atuação lexical, na medida em que a palavra *tranquilo* se apresentava mais reduzida em comparação com a palavra *asilo* devido à sua especialização (nos dados de Itaúna, *tranquilo* é utilizado como cumprimento). Tal constatação está de acordo com a proposta teórica da fonologia de uso (cf. Bybee, 2001), que prevê que pode haver atuação lexical em processos fonético-fonológicos caracterizados como pós-lexicais.

Para verificar se há o favorecimento da velarização pela vogal [u] ou pelo item lexical *tranquilo*, podemos analisar tal item em relação ao item *asilo*, que não é especializado e apresenta também a vogal [u] final. Seria interessante também controlar o contexto seguinte, na medida em que, como veremos posteriormente, a velarização é favorecida quando o contexto seguinte é *pausa*. Vejamos a tabela 14 para os itens *tranquilo* e *asilo* com contexto seguinte pausa:

TABELA 14

Velarização nos itens *tranquilo* e *asilo* com contexto seguinte *pausa*

Itens	Total	Velarização	%
tranquilo	23	7	30,4
asilo	21	6	28,7

$$\chi^2 = 0,018 \text{ df}=1, \text{ p-valor}=0,892$$

A tabela 14 mostra que não há diferença estatisticamente significativa entre os itens *tranquilo* e *asilo* e que, portanto, a velarização não atua mais em um item especializado (*tranquilo*) do que em um item não especializado (*asilo*).<sup>3</sup>

A velarização é favorecida também pela vogal [u], o que caracteriza tal processo como de natureza articulatória. Observemos a figura 5:



FIGURA 5 – Articulação da língua em [l], [u] e [ɫ]

Fonte: [www.cefala.org/fonologia](http://www.cefala.org/fonologia)

Como pode ser visto na figura 5, a lateral velarizada apresenta características articulatórias dos sons [l] e [u]. De acordo com Sproat e Fugimura (1993, p.291), a lateral velarizada é composta por gestos assíncronos, um gesto consonantal (apical) e um gesto vocálico (dorsal).

Diante disso, pode-se atribuir a velarização à assimilação do traço dorsal de uma vogal [u] seguinte. Podemos dizer então que a velarização da lateral é um fenômeno de natureza articulatória, e há indícios de ser favorecido por uma vogal [u] seguinte à lateral. A vogal é apagada mas deixa traços.

<sup>3</sup> Será preciso observar posteriormente a faixa etária dessas produções, dentre outros fatores.

#### 4.4. Presença de /S/ na sílaba

Esta variável refere-se à presença de /S/ na coda da sílaba IV, como em ele x eles. Vejamos o resultado da regressão para essa variável:

TABELA 15

Resultados para a variável *presença de /S/ na sílaba* na velarização da lateral

Presença de /S/	Total	[t]	%	sig.	RC
Ausente	2876	118	4,1	<0,01	6,3
Presente	518	3	0,6	-	1,0

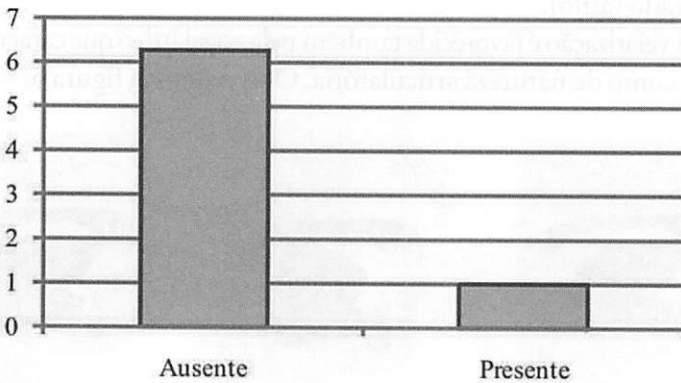


GRÁFICO 4 – Razão de chances entre os fatores da variável *presença de /S/ na sílaba*

Assim como demonstrado em Viegas e Oliveira (2008) para o apagamento da vogal, a presença de /S/ na sílaba IV inibe a velarização. Isso pode ser explicado pela tendência à preservação da escala de sonoridade na estrutura silábica que evitaria o apagamento da vogal de modo a não permitir a sequência [ls] ou [ts] na coda da sílaba.

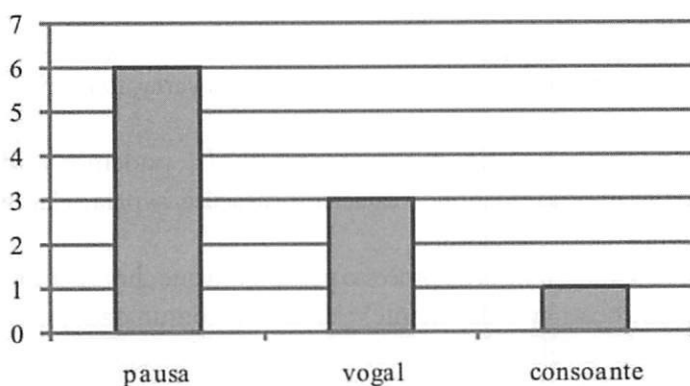
#### 4.5. Contexto seguinte

Vejamos os dados para a variável *contexto fonético seguinte*:

TABELA 16

Resultados para a variável *contexto seguinte* na velarização da lateral

Contexto seguinte	Total	[t]	%	sig.	RC
pausa	603	73	12,1	<0,01	6,0
vogal	637	24	3,8	<0,01	3,0
consoante	2154	24	1,1	-	1,0

GRÁFICO 5 – Razão de chances entre os fatores da variável *contexto seguinte*

Os resultados acima mostram que o contexto seguinte pausa favorece a velarização da lateral. Teremos assim, para os três processos (apagamento da vogal, apagamento da sílaba e velarização), uma distribuição complementar em relação aos efeitos dos fatores da variável contexto seguinte: o apagamento da vogal é favorecido pela vogal seguinte, o apagamento da sílaba é favorecido pela consoante seguinte e a velarização é favorecida pela pausa seguinte.

Vimos que o processo de velarização se assemelha, em alguns pontos, ao processo de apagamento da vogal, visto que se trata também de um processo de apagamento de vogal – mais a velarização da lateral. É favorecido por vogais altas e é inibido pela presença de /S/ na sílaba. Como poderíamos explicar o fato de que a pausa seguinte inibe o apagamento da vogal, mas favorece a velarização?

Como demonstrado na análise do efeito do grupo social, a velarização caracteriza-se como um marcador do grupo masculino-jovem. Assim, o fato de a velarização ser favorecida pela ausência de segmento seguinte é um argumento a favor da hipótese de que a velarização é um marcador de grupo, na medida em que a ausência de segmento após a velarização deixaria tal fenômeno em proeminência. A se verificar.

## 5. Conclusões

Este trabalho apresentou uma formulação do estudo da velarização da lateral na sílaba IV na cidade de Itaúna/MG. Vimos que tal processo está inserido em uma variável linguística composta por quatro variantes: a sílaba plena, o apagamento da vogal, a velarização da lateral em casos de apagamento da vogal e o apagamento da sílaba IV. A velarização apresenta-se como um fenômeno mais marginal (3,6%), mas, como demonstrado neste estudo, apresenta particularidades que contribuem para entendermos com mais clareza a variação na cidade de Itaúna e, por conseguinte, a variação no português brasileiro.

Após a análise acústica dos segmentos [l] e [ɫ], pudemos verificar a ocorrência da velarização e identificar características acústicas para a classificação das variantes nos dados coletados.

A análise variacionista do processo possibilitou que chegássemos a uma explicação para a ocorrência da variante velarizada na comunidade pesquisada. Utilizando-se o modelo estatístico de regressão multinominal, pudemos identificar que variáveis independentes exercem influência sobre a velarização.

Com relação aos aspectos sociais, demonstramos que as variáveis gênero e faixa etária interagem no fenômeno pesquisado e que, portanto, precisariam ser analisadas conjuntamente. Devido à acentuada diferença entre os gêneros na faixa etária jovem, a velarização não pode ser caracterizada como um fenômeno de mudança linguística em progresso. Concluímos que a variante velarizada é um marcador social do grupo formado por homens jovens, grupo que seria, portanto, o responsável pela implementação social da velarização em Itaúna/MG.

Com relação às variáveis independentes linguísticas, concluímos que a velarização parece ser favorecida também pela vogal [u] da sílaba IV, dada a demonstração do favorecimento de tal fator explicado pela assimilação do traço dorsal da vogal [u] pela consoante [l] transformada assim em [ɫ]. Vimos também que a velarização é coibida pela presença de /S/ na sílaba devido à tendência da língua portuguesa a não permitir sequências do tipo [ɫs] na mesma sílaba (preservação da escala de sonoridade na estrutura silábica). Com relação à classe da palavra, vimos que o processo de velarização é favorecido nos pronomes e, em especial, nos pronomes não retos, o que precisará ser investigado em estudos posteriores. A análise da interferência do contexto seguinte identificou a pausa como contexto favorecedor da velarização.

## Referências

- BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; OLIVEIRA, Marco Antonio de. Lateral Vocalization in Brazilian Portuguese. In: *3rd United Kingdom Language Variation Conference*, York – UK. Abstract booklet UKLVC3. York – UK: Department of Language and Linguistic Science, 2001.
- ESPIGA, J. W. R. Alofonia de / l / no sul do Rio Grande do Sul: aspectos fonéticos e fonológicos. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela (Org.). *Teoria Linguística – Fonologia e Outros Temas*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003.
- FISHER, John L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. Trad. Elba I. Souto. In: FONSECA, Maria Stella, NEVES, Moema F. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, p. 87-98, 1974 [1958].
- HAHN, Laura; QUEDNAU, L. R. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 100-113, 2007.
- HORA, Dermeval da. *Vocalização da lateral /l/*: correlação entre restrições sociais e estruturais. *Scripta (PUCMG)*, v. 9, p. 31-46, 2006.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Black Well, 1994.
- LABOV, Willian. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell, 1996.
- LADEFOGED, Peter. *Elements of acoustic phonetics*. Chicago; London: The Univ. of Chicago, 1974.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o Século XIII ao Século XVI. Coimbra, INIC, 1986.
- NOGUEIRA, Guaracy de Castro. Itaúna em detalhes: enciclopédia ilustrada de pesquisa. Itaúna: *Jornal Folha do Povo*, 2003.

- OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, 1983.
- QUEDNAU, Laura. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não linear*, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- SPROAT, R.; FUJIMURA O. Allophonic variation of English /l/ and its implication for phonetic implementation. *Journal of Phonetics*, 21, 1993.
- TASCA, Maria. Variação e Mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- VANDRESEN, Paulino. Variação e Mudança nas consoantes pós-vocálicas na região sul. In: CABRAL, L.G.; MORAIS, J. (Org.). *Investigando a linguagem*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, A. J. Apagamento da vogal em sílaba /l/ V átona final em Itaúna/MG e atuação lexical. *Revista da ABRALIN*, v. 2, 2008.
- VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, Alan Jardel. Apagamento de /l/v em sílaba átona final em Itaúna - Minas Gerais. In: Vanderci Aguilera (Org.). *Para a história do português brasileiro: vozes, veredas, voragens*. Londrina: Eduel, 2009, v. VII.



# A expressão não obstante: gramaticalização no português

Pâmella Alves Pereira  
UFMG

Maria do Carmo Viegas  
UFMG

## Introdução

Este estudo tem como objetivo a análise da expressão *não obstante* ao longo da história do português, tendo em vista a proposta de gramaticalização de Hopper & Traugott (1993). Para isso foi utilizado o banco de dados de Davies e Ferreira (2006), denominado *Corpus do Português* e disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Os dados foram coletados e analisados conforme critérios sintático, semântico e de frequência.

O presente artigo organiza-se como se segue: na seção 1, discutimos a questão teórica da gramaticalização, considerando um tratamento mais formal; na seção 2, apresentamos a coleta, organização e análise dos dados de *não obstante*. Na terceira seção, fizemos uma breve discussão a respeito da relação entre gramaticalização e variação linguística conforme Labov (1972). E, na última seção, constam nossas considerações finais.

## 1. Gramaticalização

Gramaticalização, segundo Hopper & Traugott (1993), é um processo por meio do qual itens lexicais e construções em certos contextos linguísticos passam a exercer funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver funções mais gramaticais ainda. São itens lexicais aqueles cujas propriedades fazem referência a dados do universo biopsíquicosocial, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades. Já os itens funcionais são aqueles cujas propriedades tratam de organizar os elementos de conteúdo no discurso, ligar palavras, orações e partes do texto, marcar noções de tempo, aspecto, modo, etc.

Ao se considerar o processo de mudança linguística em que o item passa a desempenhar uma função mais gramatical ao longo do tempo, Hopper & Traugott admitem que esse item em processo de gramaticalização segue um percurso de mudança, como o seguinte esquema:

- (1) “content item > grammatical Word > clitic > inflectional affix”  
(HOPPER & TRAUGOTT, 2003, p. 7)

### 1.1. Abordagem formal

Embora os estudos acerca da gramaticalização tenham crescido sobre o âmbito funcionalista, e apesar de haver, ainda hoje, muitos estudos nessa perspectiva teórica, existem também propostas de conceber a gramaticalização por meio de uma abordagem formal, isto é, por meio da busca pelas regularidades ou irregularidades do fenômeno em mudança dentro do sistema da língua. Como apontam Vitral & Ramos (2006), “o que fizemos então foi ‘interpretar’ propriedades da gramaticalização a partir dos pressupostos de um modelo formal que, no nosso caso, é o da gramática gerativa” (p. 19).

Nesse sentido, a distinção entre palavras lexicais e palavras gramaticais é feita, na perspectiva formal, da seguinte maneira: fazem parte da categoria lexical os nomes (N), os verbos (V), os adjetivos (A) e as preposições (P), e a categoria gramatical (ou melhor funcional) compreende os complementizadores (C), as flexões (I), os determinantes (D) e os auxiliares (Aux) (VITRAL, 2006, p. 172; MIOTO; SILVA; LOPES, 2000, p. 56-61). Vale ressaltar que, nesse âmbito formal, a determinação de item lexical e item gramatical não coincide com Hopper & Traugott (1993).

Assim, nessa perspectiva teórica, a gramaticalização seria um processo responsável pela mudança de categoria de uma forma, que passaria de lexical para gramatical.

Nos processos de gramaticalização, afirma-se que as alterações da natureza dos itens incidem sobre *três aspectos gramaticais*, que tornam os fenômenos de gramaticalização distintos ou, ontologicamente, identificáveis. Assim, quando um item se gramaticaliza, sofre alterações sintáticas, muda de classe de palavra; semânticas: “esvazia-se” semanticamente ou “perde conteúdo”; e morfônicas: ocorre ‘redução’ ou ‘diminuição’ de sílabas e/ou acento. (VITRAL; RAMOS, 2006, p. 19)

E as alterações da natureza de um item seriam previstas pelo ciclo (1) formulado por Hopper & Traugott (1993).

## 1.2. Proposta de gramaticalização da expressão não obstante

A primeira etapa do processo de gramaticalização do *não obstante* apresentaria a partícula não seguida do adjetivo *obstante* – forma originada do particípio presente do verbo *obstar* – que teria o sentido de “impedidor”, segundo a definição apresentada em Houaiss (2001). Na constituição da 2ª etapa, a formação da locução *não obstante*, temos significados distintos da expressão – concessão e adversidade, e diferentes contextos sintáticos em que a expressão pode ocorrer.

Ao adotarmos uma abordagem formal, a questão que surge é se se trata de um processo de gramaticalização de fato. Se considerarmos gramaticalização a passagem de um item de uma categoria lexical para outra gramatical, as duas etapas a serem observadas no percurso pelo qual o *não obstante* passou no português não corresponderiam, no âmbito formal, respectivamente, à etapa lexical e à etapa mais gramatical da expressão.

Como vimos, numa perspectiva formal, pertencem à categoria lexical da língua os nomes, os verbos, os adjetivos e as preposições; já à categoria gramatical (ou funcional), pertencem os complementizadores, as flexões, os determinantes e os auxiliares. Portanto, a respeito do *não obstante*, teríamos, num primeiro momento, elementos lexicais e, mais tarde, na constituição de uma locução conjuntiva, teríamos ainda itens lexicais desempenhando uma função também de uma forma lexical.

Vitral (2006, p. 157), ao apresentar uma versão estendida do esquema que representa o processo de gramaticalização, mostra uma gradação dentro da categoria gramatical, como podemos rever abaixo:

A. a. Lexical > b. Gramatical

B. a1. p. máxima > b1. p. máxima > b2. núcleo > b3. clítico > b4. Afixo

Nesse sentido, poderíamos dizer que um afixo (b4) é mais gramatical que um clítico (b3) e este, por sua vez, é mais gramatical que um núcleo (b2).

Haveria essa mesma gradação dentro da categoria lexical? Se houvesse essa gradação, a passagem de um item de uma categoria mais lexical para outra menos lexical poderia ser chamada de gramaticalização? Vamos em busca de respostas.

## 2. Não obstante: análise histórica

### 3.1. Coleta e organização dos dados

A busca no *Corpus do Português* (Davies & Ferreira, 2006) foi feita a partir da palavra *obstante*, resultando em 822 ocorrências válidas<sup>1</sup> de *não obstante*, e o total de ocorrências encontradas está dividido entre os séculos XV ao XX, ou seja, dos períodos da história do português disponíveis no CdP, apenas o século XIV não apresenta ocorrências de *não obstante*. Vejamos a tabela a seguir:

---

<sup>1</sup> Foram consideradas ocorrências válidas aquelas que estavam em textos de língua portuguesa. Excluímos, ainda, dados que se repetiam no resultado da busca.

TABELA 1

Ponderação das frequências de *não obstante* em relação ao número de palavras do *corpus* de cada século

Séculos	Número de ocorrências	Total de palavras do <i>corpus</i> <sup>2</sup>	Porcentagem de <i>não obstante</i> em relação ao total de palavras do <i>corpus</i> <sup>3</sup>
XV	2	2.875.653	7%
XVI	10	4.132.087	24%
XVII	30	2.147.240	140%
XVIII	63	2.234.951	282%
XIX	444	9.659.332	460%
XX	273	20.747.712	132%

Analisando a tabela 1, podemos dizer, inicialmente, que os percentuais de *não obstante* aumentam, gradativamente, do século XV ao século XIX, sendo esse século o mais produtivo quanto ao uso da expressão em análise. Já no século XX ocorre um decréscimo no percentual de *não obstante*.

Os dados obtidos foram separados por século e analisados conforme critérios sintáticos, semânticos e de frequência. No âmbito semântico, foi possível distinguir dois significados: concessão e adversidade. Para a interpretação do sentido de concessão, determinou-se a possibilidade de paráfrase, nos dias atuais, da expressão *não obstante* com *apesar de* ou com *embora*. O sentido de adversidade da expressão *não obstante* foi determinado pela possibilidade de substituição dessa expressão por *no entanto*. Para

<sup>2</sup> Como alguns casos de *não obstante* encontrados no CdP não estavam em língua portuguesa ou eram repetidos, eles foram excluídos do total de dados válidos e, por isso, o número de palavras dos textos de onde eles vieram também foi retirado do total de palavras do *corpus*.

<sup>3</sup> Essa é uma de nossas formulações. Preferimos trabalhar com números sem casas decimais para facilitar a análise, pois, considerando a quantidade de palavras do *corpus*, a porcentagem só poderia ser visualizada depois de cinco casas decimais. Portanto, o número que indica a frequência de *não obstante* ao longo dos séculos equivale à multiplicação da porcentagem por  $10^5$ . Esse cálculo será feito sempre que for ponderado o total de palavras de *corpus*, na formulação aqui apresentada.

análise dos dados no âmbito sintático, foram identificadas as seguintes situações:<sup>4</sup>

- A expressão *não obstante* seguida por um SN simples. Nessa situação, o *não obstante* pode ser parafraseado apenas por *apesar de*.
- A expressão *não obstante* antecedida por um SN simples, especificamente as palavras *isso* ou *isto*. Não foi possível estabelecer uma paráfrase que mantivesse o sentido concessivo que esses casos apresentam sem alterar a estrutura da frase.
- A expressão *não obstante* seguida imediatamente pelo elemento *que*. Nesses casos o *não obstante* só pode ser parafraseado por *apesar de*.
- A expressão *não obstante* seguida por uma oração (sem o elemento *que*) com verbo no modo infinitivo. Essa situação permite que o *não obstante* seja parafraseado apenas por *apesar de*, esteja o verbo flexionado ou não.
- A expressão *não obstante* seguida por uma oração (sem o elemento *que*) com verbo flexionado e no modo subjuntivo. Essa situação permite que o *não obstante* seja parafraseado apenas por *embora*.
- A expressão *não obstante* em uma posição destacada na frase, geralmente entre vírgulas, com possível mobilidade na sentença. Nesses casos, é possível a paráfrase com *no entanto*.

Para a análise da frequência de ocorrência da expressão *não obstante*, considerando a hipótese da gramaticalização, foi necessário determinar quais casos teriam uma função mais lexical e quais teriam uma função mais gramatical para podermos estabelecer a frequência de cada forma ao longo dos séculos. Como estamos diante de uma expressão que, na perspectiva formal, não é considerada, de fato, uma estrutura gramatical da língua, estabelecemos, então, o que seria a forma mais lexical (f.Lex+) e a forma menos lexical (f.Lex-) de *não obstante*.

---

<sup>4</sup> Além das seis situações listadas, no *corpus*, há casos em que a expressão *não obstante* aparece em uma lista de conjunções e locuções conjuntivas do Português, seja com sentido concessivo, seja com sentido adversativo. No século XVII há o seguinte exemplo: “Tametsi, conj. || Aindaque, postoque, **nam obstante**. 1.b. Cic.\* Tamia,ae,f.g. || A dispenseira, administradora da casa. 1.b.p.ac”. (BPereira:Pros8). E, no século XIX, foi encontrado o seguinte dado: “As conjunções adversativas, taes como: Mas, porém, comtudo, **não obstante**, ainda que, todavia, &c. servem para marcar opposição; [...]” (Ribeiro: Theoria).

Os casos em que a palavra *obstante* apresenta o sentido de “impedidor” foram considerados os mais lexicais, tendo em vista que se trata do sentido primeiro do adjetivo em língua portuguesa, conforme os dicionários, e será assim considerado o mais concreto. No entanto, não houve ocorrência desse tipo no CdP. Já os casos considerados menos lexicais são, por hipótese, aqueles que apresentam a expressão *não obstante* iniciando uma oração com verbo especificamente flexionado no modo subjuntivo e permitindo a paráfrase apenas com o conectivo *embora*. Podemos dizer que estamos diante da forma menos lexical do *não obstante* porque, nesses casos, a expressão desempenha um papel nítido de locução conjuntiva concessiva e rege o modo subjuntivo, ou seja, nessa função o *não obstante* apresenta maior limitação sintática. Nos dados disponíveis para análise, os casos de *não obstante* f.Lex+ são aqueles em que a expressão apresenta um sentido concessivo e permite a paráfrase apenas com apesar de, os primeiros encontrados no *corpus*. O *não obstante* que pode ser parafraseado por *no entanto* será considerado como indício da etapa de discursivização, conforme Hoper & Traugott (1993), do processo de gramaticalização.

Para aferirmos a frequência de ocorrência de *não obstante*, consideramos a proposta de Vitral (2006, p. 155). Os procedimentos são os seguintes:

- a) Estabelecemos a frequência de *não obstante* em f.lex+ e f.lex- em relação ao número de palavras que compõe o *corpus* de cada século e comparamos os valores encontrados nos vários períodos;
- b) Verificamos a frequência de *não obstante* em sua forma menos lexical (f.lex-) em relação à soma de *não obstante* f.lex+ e f.lex- e comparamos os valores nos vários períodos;
- c) Verificamos a frequência de *não obstante* em sua forma mais lexical (f.lex+) em relação à soma de *não obstante* f.lex+ e f.lex- e comparamos os valores nos vários períodos;
- d) Analisamos a produtividade de *não obstante* em sua forma menos lexical, verificando sua frequência comparativamente ao item *embora* como locução conjuntiva concessiva, isto é, um item que desempenha o mesmo sentido de *não obstante* em f.lex-.

Essa análise, segundo Vitral (2006, p. 155), pode mostrar o que o autor chama de percurso prototípico de gramaticalização, isto é, o aumento

gradativo da frequência de um item em sua função gramatical e a queda gradativa do item em sua função lexical. No caso de *não obstante*, a hipótese é que a frequência da expressão em sua forma menos lexical, com sentido de *embora*, deve aumentar ao longo dos séculos.

Como essa parte do estudo é voltada para análise de dados escritos, os aspectos fonético-fonológicos que podem estar relacionados ao processo de gramaticalização não foram considerados. Trata-se, no entanto, de uma análise que pretendemos realizar futuramente por meio de testes que permitam aferir se há redução da vogal da palavra *não*, entre outros aspectos, em *não obstante* na oralidade.

## 2.2. Análise dos dados

Para a análise da expressão *não obstante* na perspectiva da gramaticalização, é preciso estabelecer o suposto “caminho” ou *cline* pelo qual passa o processo. Ao lançarmos mão da hipótese de que existem itens mais lexicais e outros menos lexicais dentro da categoria lexical da língua, consideramos que o percurso de f.Lex+ para f.Lex- possa ser, também, uma das etapas do processo de gramaticalização. Nesse sentido, segue a análise do *não obstante* com base em critérios sintáticos, semânticos e de frequência da expressão ao longo dos séculos XV ao XX do português.

### 2.2.1. Critério semântico

No âmbito semântico, verificamos que o sentido inicial de “impedidor” da palavra *obstante* passou a dois sentidos distintos ao longo dos séculos quando forma a expressão *não obstante*: concessão e adversidade. Vejamos as tabelas a seguir:



TABELA 2  
 Frequência de *não obstante* conforme os sentidos da expressão:  
 concessivo e adversativo

Sentido do <i>não obstante</i>	Concessão		Adversidade	
	Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de palavras do <i>corpus</i>	Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de palavras do <i>corpus</i>
Séc. XV	2/1	7%	0/2	0%
Séc. XVI	10/10	24%	0/10	0%
Séc. XVII	27/30	126%	3/30	14%
Séc. XVIII	55/63	246%	8/63	36%
Séc. XIX	225/444	233%	219/444	227%
Séc. XX	173/273	83%	100/273	48%

TABELA 3  
 Comparação das ocorrências de *não obstante* concessivo  
 e adversativo ao longo dos séculos

	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX
<i>não obstante</i> concessivo	2/2	10/10	24/27	55/63	225/444	173/273
%	100%	100%	89%	87%	51%	63%
<i>não obstante</i> adversativo	0/2	0/10	3/27	8/63	219/444	100/273
%	0%	0%	11%	13%	49%	37%

Como se observa nas tabelas 2 e 3 e, a seguir, no gráfico 1, o sentido concessivo ocorre antes do sentido adversativo: o uso do *não obstante* concessivo inicia-se a partir do século XV e o do *não obstante* adversativo inicia-se a partir do século XVII. Diante disso, podemos afirmar que o sentido adversativo da expressão *não obstante* é mais recente que o sentido concessivo.

A frequência de *não obstante* com ambos os sentidos cresce ao longo da história da língua até determinado período – *não obstante* com sentido concessivo cresce do século XV ao século XVIII e *não obstante* adversativo cresce do século XVII ao século XIX.

Quando comparamos o sentido concessivo em relação ao adversativo, podemos dizer que, enquanto o primeiro decresce do século XVII até o século XIX, o sentido adversativo cresce do XVII até o XIX.

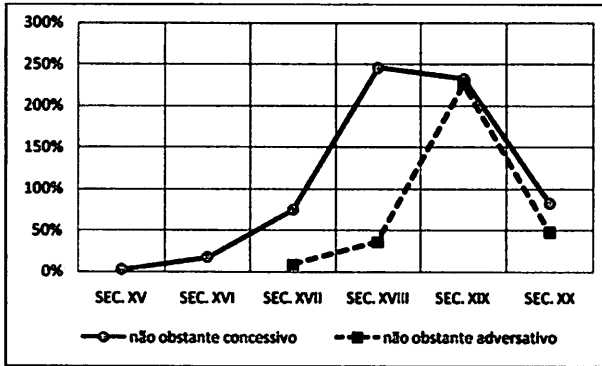


GRÁFICO 1 – Frequência em relação ao total de palavras do *corpus* de *não obstante* com os sentidos concessivo e adversativo considerando-se o fator tempo

Observamos que a expressão *não obstante* com sentido concessivo começou a diminuir sua frequência antes do sentido adversativo. E a queda de um ocorreu exatamente na época em que houve um aumento significativo do outro.

De acordo com o que analisamos semanticamente, podemos supor que o *não obstante* adversativo surgiu a partir do *não obstante* concessivo. As primeiras ocorrências do *não obstante*, concessivo, são aquelas em que a expressão se refere a um SN (simples ou oracional) e o *não obstante* engloba esse SN a que se refere, adquirindo o sentido adversativo. Vejamos os exemplos a seguir:

- (2) resoluções menos importantes e definitivas e não obstante mais difíceis de tomar. Apagou a luz e estendeu-se na cama. Lá fora (Texto: O Resto é Silêncio. Autor: Verissimo, Erico. Data: 1943)
- (3) Bem sei que é coisa mui odiosa a que vou dizer; mas, não obstante, hei-de dizê-la. Entre tantos milhares de pessoas, não pode haver um cento que se salve, e até destes duvido. (Texto: Nova Floresta. Autor: Manuel Bernardes. Data: 1688)

Nos exemplos (2) e (3), a expressão *não obstante* parece significar o mesmo que *apesar disso*, ou seja, o SN “isso” a que a expressão *apesar de* faria referência na sentença pode ser inferido na própria locução *não obstante*.

Assim, a polissemia verificada na análise semântica do *não obstante* pode ser entendida como um caso de “abrandamento” semântico. Se compararmos o sentido inicial do adjetivo *obstante* (o sentido de “impedidor”) aos sentidos que esse adjetivo adquire na locução *não obstante* ao longo da história da língua, percebemos que as ideias de concessão e adversidade são mais abstratas, pois não envolvem diretamente a negação de uma qualidade que seria expressa pelo adjetivo *obstante*. Quando se está diante de *não obstante* concessivo ou adversativo, a interpretação desses sentidos é feita acionando mecanismos de entendimento que envolvem mais aspectos do que está sendo referido. Trata-se de um “abrandamento” semântico exatamente porque o adjetivo perde, na expressão *não obstante*, o valor literal de “impedidor”, sentido considerado mais concreto, e incorpora noções consideradas mais abstratas que se relacionam ao contexto em que a expressão ocorre.

#### 2.2.2. Critério sintático

Seguindo a organização semântica dos dados, foi feita uma análise por meio de critérios sintáticos, estabelecendo os contextos em que a expressão *não obstante* ocorre. A tabela 4 a seguir mostra a frequência de *não obstante* conforme essa análise:

TABELA 4

Frequência de *não obstante* ponderando o número de palavras do *corpus* de cada século, tendo em vista aspectos sintáticos

		<i>não obstante</i> seguido por um SN simples	<i>não obstante</i> seguido por uma oração com verbo no modo infinitivo	<i>não obstante</i> imediatamente seguido pelo elemento "que"	<i>não obstante</i> seguido por uma oração com verbo no modo subjuntivo	<i>não obstante</i> em posição destacada, geralmente entre vírgulas, com certa mobilidade na sentença	<i>não obstante</i> antecedido por <i>isto</i> ou <i>isso</i>
		Sentido concessivo				Sentido adversativo	Sentido concessivo
Séc. XV	#	2	-	-	-	-	-
	%	7%	-	-	-	-	-
Séc. XVI	#	6	4	-	-	-	-
	%	14,5%	9,7%	-	-	-	-
Séc. XVII	#	13	6	8	-	3	-
	%	60,5%	27,9%	37,3%	-	14,0%	-
Séc. XVIII	#	32	12	10	1	8	-
	%	143,2%	53,7%	44,7%	4,5%	35,8%	-
Séc. XIX	#	139	81	-	1	219	4
	%	143,9%	183,9%	-	1%	226,7%	4,1%
Séc. XX	#	126	40	-	6	100	1
	%	60,7%	19,3%	-	2,9%	48,2%	0,5%
Total	#	318	143	18	8	330	5
	%	76,1%	34,2%	4,3%	1,9%	79,0%	1,2%

2.2.2.1. Não obstante seguido por um SN simples

O gráfico 2 mostra o percurso da frequência de *não obstante* seguido por um SN simples ao longo da história da língua:

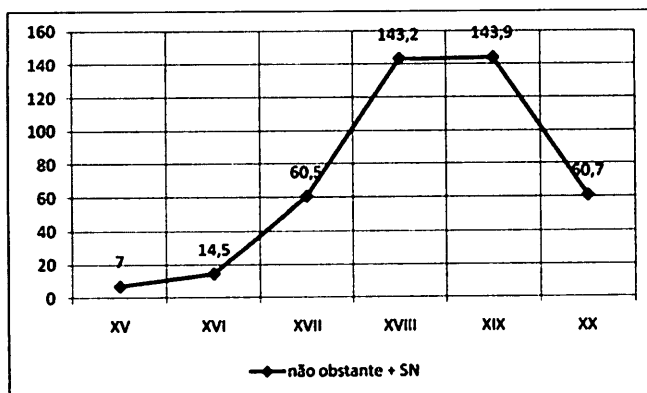


GRÁFICO 2 – Percurso de *não obstante* seguido por um SN simples considerando-se o fator tempo

Esses casos de *não obstante* apresentam apenas o sentido de concessão e só podem ser parafraseados por *apesar de*. Observe o exemplo (4) a seguir e a paráfrase feita em (5):

- (4) Perguntaraõ-lhe como lhe acontecera, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e naõ **obstante** isto, elle o disse a muytos, e os que entendiaõ, diziaõ, aquillo naõ (Texto: Crônica de D. Fernando. Data: 1431-1443)
- (5) Paráfrase do exemplo (4): Perguntaraõ-lhe como lhe acontecera, e foy mostrar aonde dormira, debayxo daquelle ataude, e fizeraõ-no callar; e **apesar [d]isto**, elle o disse a muytos, e os que entendiaõ, diziaõ, aquillo naõ

A expressão *não obstante* seguida por um SN simples seria a forma mais lexical de que temos registro no *corpus* analisado. Embora esses casos sejam de uma locução já cristalizada, e com o sentido concessivo, eles seriam mais lexicais, pois mantêm a referência a um SN.

#### 2.2.2.2. Não obstante seguido por oração com verbo no infinitivo e não obstante imediatamente seguido pelo elemento que

A partir do século XVI começam a aparecer casos da expressão *não obstante* seguida por oração com verbo no infinitivo: seriam casos de SNs em forma de oração nominal com sentido concessivo e que permitem a paráfrase com *apesar de*. O gráfico III mostra o percurso da frequência desses casos na história da língua:

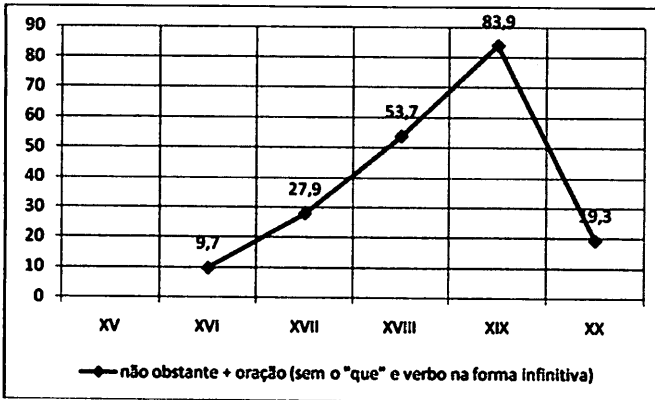


GRÁFICO 3 – Percurso de *não obstante* seguido por oração (sem o elemento *que*) com verbo no infinitivo considerando-se o fator tempo

É importante mencionar, ainda, os casos em que o *não obstante* é imediatamente seguido pela partícula *que*. Trata-se de um uso da expressão que contribui para o *status* de locução conjuntiva do *não obstante*, já que esta se encontra unida a uma conjunção, como ocorre com outras locuções conjuntivas do português, como: *apesar de que*, *mesmo que*, *ainda que*, etc. O uso de “*não obstante que*” iniciou no século XVII, aumentou sua frequência no século XVIII e, a partir daí, não mais se teve registro desses casos no *Corpus do Português*. Essa estrutura “*não obstante que*” permitiu, pela primeira vez, o uso do verbo flexionado no modo subjuntivo.

Vejamos a possibilidade de paráfrase desses casos de *não obstante*:

- (6) cuja inabilidade para tudo pode ter bem conhecido V. P. Rev.ma Não obstante que a singular honra que S. M. se digna fazer à Companhia não (Texto: Cartas. Autor: Padre Antônio Vieira. Data: 1626-1692)
- (7) Paráfrase do exemplo (6): cuja inabilidade para tudo pode ter bem conhecido V. P. Rev.ma Apesar de que a singular honra que S. M. se digna fazer à Companhia não
- (8) E daqui sem dúvida procedia que os Romanos, que não obstante ser a língua Latina a sua língua vulgar, aprendiam a Gramática dela (Texto: Regras da Língua Portuguesa. Autor: Jerônimo Contador de Argote. Data: 1724)
- (9) Paráfrase do exemplo (8): E daqui sem dúvida procedia que os Romanos, que apesar de ser a língua Latina a sua língua vulgar, aprendiam a Gramática dela

- (10) com seus companheiros à sua conta os exercícios espirituais daquela nadante povoação, não **obstante** irem outros Religiosos nela. Todas as tardes cantavam a Ladainha (Texto: A vida do Padre Antônio Vieira. Autor: André de Barros. Data: 1727)
- (11) Paráfrase do exemplo (10): com seus companheiros à sua conta os exercícios espirituais daquela nadante povoação, **apesar de** irem outros Religiosos nela. Todas as tardes cantavam a Ladainha

Esses casos poderiam compor um estágio intermediário entre as formas mais lexicais, isto é, *não obstante* seguido por um SN, e menos lexicais, pois haveria a referência a um SN oracional, o que contribui para o estabelecimento do caráter de locução conjuntiva da expressão em análise – seria o gatilho para o uso da expressão *não obstante* menos lexical, como locução conjuntiva (paráfrase com *embora* e verbo no subjuntivo).

#### 2.2.3.3. Não obstante seguido por oração com verbo no modo subjuntivo

O uso de *não obstante* diante de uma oração com verbo no modo subjuntivo parece ser o emprego menos lexical da expressão, uma vez que temos as seguintes características: trata-se de uma locução que inicia uma oração subordinada concessiva, apresenta uma posição sintática fixa; nesses casos a paráfrase só é permitida com a conjunção *embora* e há uma restrição quanto ao modo verbal, ou seja, a expressão *não obstante* rege, nesses casos, o modo subjuntivo do verbo da oração a que introduz, isto é, apresenta mais uma especificação gramatical, tornando-a, por hipótese, menos lexical em relação aos casos citados anteriormente, tendo em vista a abordagem formal adotada.

- (12) os anjos funcionam como agentes diretos da vontade de Deus, **não obstante** permaneçam anônimos e sem uma personalidade definida (Texto: Anjo. Século XX)
- (13) Paráfrase do exemplo (12): os anjos funcionam como agentes diretos da vontade de Deus, **embora** permaneçam anônimos e sem uma personalidade definida.

Vejam os gráficos 4 que mostra a trajetória da frequência dessa forma de *não obstante* ao longo dos séculos:

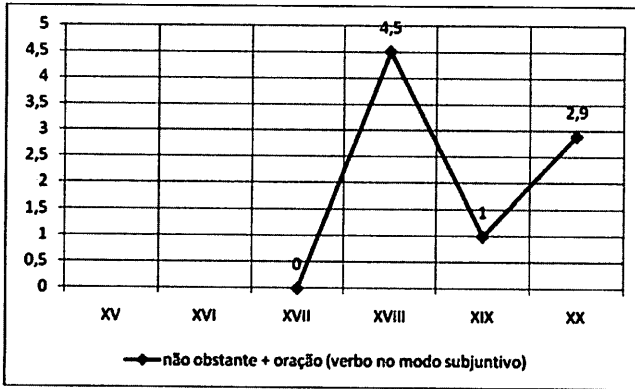


GRÁFICO 4: Percurso de *não obstante* seguido por oração (sem o elemento *que*) com verbo no modo subjuntivo considerando-se o fator tempo

Assim, no percurso da gramaticalização do *não obstante* teríamos:

- (14) (1ª etapa) part. presente > adjetivo > (2ª etapa) 2a. *não obstante* + SN > 2b. *não obstante* + SN oracional (sem *que* e com *que*) > 2c. *não obstante* + oração com verbo no subjuntivo

Nesse percurso, a etapa menos lexical da expressão teria iniciado no século XVIII, quando a expressão *não obstante* passa a desempenhar uma função de conectivo concessivo com maior limitação sintática.

#### 2.2.2.4. Não obstante com possível mobilidade na sentença

Esses casos de *não obstante* apresentam certa mobilidade, avaliada na contemporaneidade, que indica um uso diferenciado em relação aos casos anteriores. Observe os exemplos a seguir:

- (15) crêmos, não obstante, que a Arca de Noé, em que se salvou do Dilúvio o Genero (Texto: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Século XIX)
- (16) O grande Bossuet, não obstante, tem delineado o primeiro debuxo de huma Historia Univerversal, na qual elle mostra (Texto: Compendio. Autor: Padre José Amaro da Silva. Século XIX)
- (17) Muitos organismos usam a intensa e variável energia física como subsídio. Não obstante, todas estas mudanças impõem “stress” considerável nos organismos estuarinos como as grandes mudanças de (Texto: Estuário. Século XX)



Nos exemplos (15), (16) e (17) temos a expressão *não obstante* com sentido adversativo de *no entanto*, mas em cada caso ela encontra-se em uma posição diferente na frase: em (15), a expressão está entre o verbo e seu complemento; em (16), o *não obstante* encontra-se entre o sujeito e o predicado da frase; em (17), a expressão inicia o período. Veja nos exemplos (18) a (20) a seguir que em todos os casos acima a locução *não obstante* poderia ter sua posição alterada na sentença sem que houvesse alteração de sentido hoje:

- (18) não obstante cremos que a Arca de Noé, em que se salvou do Dilúvio o Genero...
- (19) O grande Bossuet tem, não obstante, delineado o primeiro debuxo de huma Historia Univerversal...
- (20) Muitos organismos usam a intensa e variável energia física como subsídio. Todas estas mudanças, não obstante, impõem “stress” considerável nos organismos estuarinos como as grandes mudanças de...

A trajetória dessa forma do *não obstante* pode ser visualizada no gráfico 5 a seguir:

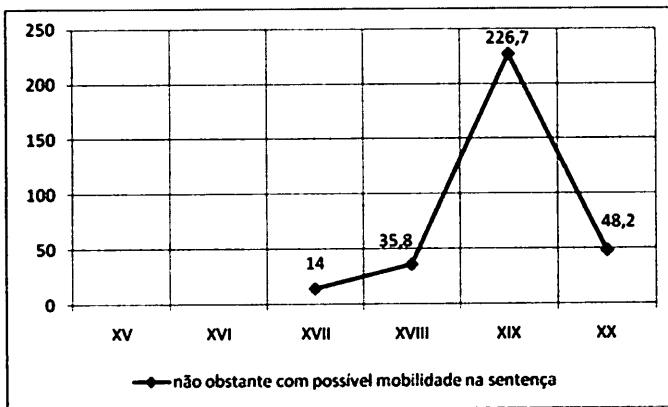


GRÁFICO 5 – Percurso de *não obstante* em posição destacada, com possível mobilidade na sentença considerando-se o fator tempo

Nesses casos, a expressão *não obstante* parece significar o mesmo que *apesar disso/disto*, ou seja, a própria expressão engloba o sentido do SN simples ou oracional a que se refere no contexto. Consideramos, então, que isso dá ao *não obstante* um caráter mais de operador discursivo, distinguindo-os daqueles que classificamos como locução conjuntiva.

Assim, considerando a perspectiva formal, esses casos de *não obstante* não indicam limitação sintática. Essa seria uma possível etapa de discursivização: esses casos mostram uma maior mobilidade na sentença.

#### 2.2.2.5. Não obstante antecedido por *isso* ou *isto*

Quando o *não obstante* é antecedido por *isso* ou *isto*, não conseguimos fazer uma paráfrase com o mesmo critério usado nos demais dados. Nesse tipo de ocorrência, a expressão *não obstante* parece ser concessiva, mas com o SN anteposto à expressão, a paráfrase com *apesar de* não pode ser feita de forma aceitável, e não há uma expressão que possa substituir o *não obstante* sem necessidade de alteração da estrutura da frase.

Se o SN anteposto ao *não obstante* for deslocado para a direita da expressão, a paráfrase com *apesar de* poderia ser feita, assim como os demais casos de *não obstante* seguido por um SN simples. Vejamos:

- (21) Isso não obstante, a ascensão foi lenta e penosa. (Texto: Maria Dusá. Autor: Lindolfo Rocha. Data: 1980)
- (22) Alteração na ordem das palavras do exemplo (19): Não obstante isso, a ascensão foi lenta e penosa.
- (23) Paráfrase do exemplo (21): Apesar disso, a ascensão foi lenta e penosa.

No *corpus* analisado, foram quatro ocorrências desses casos no século XIX e apenas uma ocorrência no século XX. Nos demais séculos não apareceu a expressão *não obstante* antecida por *isso* ou *isto*. Seriam esses usos resquícios do sentido *não impedidor*? As ocorrências refletiriam alterações na ordem do adjetivo no sintagma nominal?

#### 2.2.3. Critério de frequência

A respeito da frequência da expressão *não obstante* na história do português, seguimos a proposta de Vitral (2006), analisando a frequência do *não obstante* tendo em vista os casos em que a expressão se encontra em sua forma mais lexical (f.Lex+) e em sua forma menos lexical (f.Lex-). Ressaltamos que, embora o *não obstante* seguido por um SN simples tenha sido considerado a forma mais lexical da expressão, para a análise da frequência, incluímos nos casos f.Lex+ todos os casos de *não obstante* concessivo e que permitem a paráfrase com *apesar de* (as formas f.Lex+).

Verificamos a frequência de *não obstante* em f.Lex+, e de *não obstante* em f.Lex- em relação à soma de *não obstante* f.Lex+ e f.Lex-. Vejamos:

TABELA 5  
Frequência de ocorrência de *não obstante* em relação ao total de ocorrências da expressão em f.Lex+ e f.Lex-

Séculos	Total da soma de <i>não obstante</i> em f.Lex+ e f.Lex-	<i>não obstante</i> em f.Lex+ (apesar de)		<i>não obstante</i> em f.Lex- (embora)	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Séc. XV	2	2	100,0	0	0
Séc. XVI	6	6	100,0	0	0
Séc. XVII	13	13	100,0	0	0
Séc. XVIII	33	32	97,0	1	3
Séc. XIX	140	239	99,5	1	0,7
Séc. XX	132	126	95,5	6	4,5

Para aferir se há significância estatística em relação à diferença na frequência de *não obstante* em cada período, utilizamos o teste do *qui-quadrado*. Trata-se de um teste cujo princípio básico é comparar as proporções entre as frequências observadas e esperadas de certo fato. No nosso caso, estamos trabalhando com a ocorrência de *não obstante* em f.Lex+ e f.Lex- ao longo dos séculos. Quando as frequências observadas não são diferentes das frequências esperadas, temos, então, a hipótese nula. Quando as frequências observadas são diferentes das frequências esperadas, temos a hipótese alternativa. A respeito da análise do *não obstante*, a hipótese é nula se não há diferença significativa na ocorrência da expressão entre um século e outro. Assim, por meio desse teste, chega-se a um valor, também chamado de p-valor, que nos fornece o risco de estarmos errados ao declarar falsa a hipótese nula, ou seja, ao entendermos que existe diferença significativa na ocorrência de *não obstante* entre um século e outro. Por convenção em Ciências Humanas e Sociais, se o p-valor é menor que 0,05, então ele é estatisticamente significativo, se for maior, ele não mostra significância estatística.

Vejamos a aplicação do teste do *qui-quadrado* considerando os dados de frequência de *não obstante* em relação ao total de ocorrências da expressão em f.Lex+ e f.Lex-:

TABELA 6

Teste de *qui-quadrado* dos percentuais relativos de *não obstante*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
<i>não obstante</i> f.Lex+	970	993	955	2918
<i>não obstante</i> f.Lex-	300	70	450	820
Total	1270	1063	1405	3738

Séculos	P-Valor
Séc. XVIII e Séc. XIX	0,0000000000
Séc. XIX e Séc. XX	0,0000000000
Séc. XVIII e Séc. XX	0,0000013411

Por meio do teste do *qui-quadrado*, temos o p-valor menos que 0,05 na relação entre cada período considerado. Isso mostra que a diferença na frequência de *não obstante* f.Lex+ e f.Lex- é significativa em todos os casos. Assim, em relação ao total de ocorrências de *não obstante*, a forma mais lexical da expressão aumenta no século XIX e diminui no século XX, enquanto a forma menos lexical diminui no século XIX e aumenta no século XX.

Estabelecemos, também, a frequência de *não obstante* em f.Lex+, e depois em f.Lex-, ponderando o total de palavras que compõe o *corpus* de cada século. Dessa forma, podemos verificar a frequência total do *não obstante* e estabelecer uma melhor comparação entre os períodos da história da língua considerados. Chegamos, então, à seguinte tabela:

TABELA 7

Ponderação da frequência de *não obstante* em relação ao total de palavras do *corpus* de cada século

Séculos	Total de palavras do corpus de cada século	não obstante em f.Lex+		não obstante em f.Lex-	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Séc. XV	2.875.653	1	3	0	0
Séc. XVI	4.435.031	8	18	0	0
Séc. XVII	3.194.420	24	75	0	0
Séc. XVIII	2.234.951	54	242	1	4
Séc. XIX	9.659.332	219	227	1	1
Séc. XX	20.747.712	166	80	6	3

Como vimos na tabela 7, os casos de *não obstante* f.Lex+ diminuíram a partir do século XIX, e os casos de *não obstante* f.Lex- sofreram uma queda na frequência no século XIX, mas, no século XX, verifica-se um aumento em sua frequência. A princípio, não poderíamos falar em um processo prototípico de gramaticalização, conforme propõe Vitral (2006), já que não há um aumento contínuo da f.Lex- ao longo do tempo.

Vejamos a seguir o teste do *qui-quadrado* para os casos de *não obstante* f.Lex+ e f.Lex- ponderando o total de palavras do *corpus* de cada século:

TABELA 8

Teste de *qui-quadrado* dos percentuais de *não obstante* ponderando o número de palavras do *corpus* de cada século

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
<i>não obstante</i> f.Lex+	2420	2270	800	3480
<i>não obstante</i> f.Lex-	40	10	30	80
Total	1470	1450	640	3560

Séculos	P-Valor
Séc. XVIII e Séc. XIX	0,0000232981
Séc. XIX e Séc. XX	0,0000000008
Séc. XVIII e Séc. XX	0,0204241633

Como se observa na tabela 8, há significância da relação entre as formas em todos os séculos. O *não obstante* f.Lex- surge no século XVIII, mas, no século XIX, sua frequência de ocorrência diminui, depois cresce no século XX significativamente.

É possível que tenha ocorrido interferência de um processo de variação entre o *não obstante* f.Lex- e outro item com mesma função e valor semântico. A competição entre essas formas pode ter influenciado a queda na frequência do *não obstante* menos lexical no XIX.

Assim, analisamos a produtividade de *não obstante* em sua forma menos lexical, verificando sua frequência comparativamente ao item *embora* como locução conjuntiva concessiva, isto é, um item que desempenha o mesmo valor de *não obstante* em f.Lex-. Vejamos:

TABELA 9  
 Frequência de *não obstante* f.Lex- e do item *embora*<sup>5</sup>

Séculos	Total de palavras do <i>corpus</i> de cada século	<i>não obstante</i> em f.Lex-		<i>embora</i>	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Séc. XVII	3.194.420	0	0	0	0
Séc. XVIII	2.234.951	1	4	0	0
Séc. XIX	9.659.332	1	1	608	629
Séc. XX	20.747.712	6	3	4187	2018

TABELA 10  
 Teste de *qui-quadrado*: *não obstante* f.Lex- e o item *embora*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
<i>não obstante</i> f.Lex+	1	1	6	8
<i>não obstante</i> f.Lex-	0	608	4187	4795
Total	1	609	4193	4803

Séculos	P-Valor
Séc. XVIII e Séc. XIX	0,0000000000
Séc. XIX e Séc. XX	0,8984806987
Séc. XVIII e Séc. XX	0,0000000000

Diante do que se observa nas tabelas 9 e 10, podemos dizer que, no século XIX, há um aumento significativo do item *embora* como locução conjuntiva concessiva, enquanto o *não obstante* f.Lex- não apresenta alterações. Na comparação dos séculos XVIII e XIX, observamos que há significância estatística (p-valor menos que 0,05) nas ocorrências de *não obstante* f.Lex- e *embora*, ou seja, um indício de que havia variação significativa entre essas formas no XIX quando anteriormente no XVIII não havia, e que o item *embora* estivesse ganhando a competição nesse período. Isso explicaria a queda observada na produtividade do *não obstante* f.Lex- no século XIX.

Quando comparamos os séculos XIX e XX, observamos que o p-valor chegou a 0,89, indicando que não há significância estatística na variação entre *não obstante* f.Lex- e o item *embora* nesse período. De acordo

<sup>5</sup> A discussão do cômputo de *embora* está em Pereira, em andamento.

com esse dado, é possível dizer que, no século XX, a expressão *não obstante* menos lexical e o item *embora* encontram-se em um processo de competição que se mantém estável desde o XIX. A força do *não obstante* aí se equivale à do *embora* sem alteração significativa da proporção das formas, nenhuma delas pode ser considerada “vencedora”.<sup>6</sup>

### 2.2.3.1. Sobre a frequência de não obstante no século XX

Na análise da frequência do *não obstante* ao longo da história da língua, observamos que, mesmo diante do surgimento da forma menos lexical do *não obstante* no século XVIII, a forma mais lexical manteve-se em ascensão até o século XIX. De forma geral, os casos de *não obstante* apresentam uma queda no século XX, e isso não parece acontecer por acaso. Esse fato pode estar relacionado à concorrência do *não obstante* com outras expressões de mesmo valor semântico que cresceram no Português nos séculos XIX e XX. Entre essas expressões, podemos citar, exatamente, as conjunções e locuções conjuntivas *embora*, *apesar de (que)* e *no entanto*, também em possíveis processos de gramaticalização.

Como vimos, existe variação entre a forma menos lexical do *não obstante* e a conjunção *embora*. Segue, então, a análise do *não obstante* em relação às locuções *apesar de* e *no entanto*. Vejamos:

TABELA 11

Frequência de *não obstante* com valor de *apesar de* da expressão *apesar de*

Séculos	Total de palavras do <i>corpus</i> de cada século	<i>não obstante</i> com sentido de <i>apesar de</i>		Item <i>apesar de</i>	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Séc. XV	2.875.653	2	7	4	14
Séc. XVI	4.132.087	10	24	25	61
Séc. XVII	2.147.240	27	126	25	116
Séc. XVIII	2.234.951	54	242	31	139
Séc. XIX	9.659.332	221	229	2099	2173
Séc. XX	20.747.712	172	83	6199	2988

<sup>6</sup> Obviamente que, para uma análise mais interessante da variação, deveríamos incluir todas as formas variantes (ainda que, etc.).

TABELA 12  
 Teste de *qui-quadrado* de *não obstante* com valor de *apesar de* e a expressão *apesar de*<sup>7</sup>

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
<i>não obstante</i> (apesar de)	54	221	172	447
<i>não obstante</i> f.Lex-	31	2099	6199	8329
Total	85	2320	6371	8776

Séculos	P-Valor
Séc. XVIII e Séc. XIX	0,0000000000
Séc. XIX e Séc. XX	0,0000000000
Séc. XVIII e Séc. XX	0,0000000000

As ocorrências da expressão *não obstante* com o mesmo sentido de *apesar de* aumentam até o século XIX e caem no século XX. Já a locução *apesar de* apresenta um aumento significativo no século XIX e mantém o aumento em suas ocorrências no século XX. Pelo teste de *qui-quadrado* da tabela 12, verificamos que há relevância significativa no número de ocorrências das formas em questão entre cada século considerado. Podemos afirmar, portanto, que a locução *apesar de* “está ganhando”, no século XX, a competição com a expressão *não obstante*.

TABELA 13  
 Frequência de *não obstante* adversativo e da expressão *no entanto*<sup>8</sup>

Séculos	Total de palavras do <i>corpus</i> de cada século	<i>não obstante</i> com sentido de <i>no entanto</i>		<i>no entanto</i>	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Séc. XVII	3.194.420	3	14	0	0
Séc. XVIII	2.234.951	8	36	4	18
Séc. XIX	9.659.332	219	227	567	587
Séc. XX	20.747.712	100	48	4725	2277

<sup>7</sup> Ver Pereira, em andamento, para o cômputo de *apesar de*.

<sup>8</sup> Ver Pereira, em andamento, para o cômputo de *no entanto*.



TABELA 14

Teste de *qui-quadrado* de *não obstante* adversativo e a expressão *no entanto*

	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
<i>não obstante</i> (apesar de)	8	219	100	327
<i>não obstante</i> f.Lex-	4	567	4725	5296
Total	12	786	4825	5623

Séculos	P-Valor
Séc. XVIII e Séc. XIX	0,0031065960
Séc. XIX e Séc. XX	0,0000000000
Séc. XVIII e Séc. XX	0,0000000000

A respeito da análise do *não obstante* com sentido adversativo em comparação com a locução *no entanto*, verificamos que há significância na diferença da proporção do número de ocorrências das formas em questão nos vários séculos. Como o *não obstante* apresenta uma queda no século XX, enquanto o *no entanto* aumenta o número de ocorrências nesse mesmo período, podemos afirmar que o *não obstante* também “está perdendo” a competição nesse caso.

Observamos, enfim, que, na possível variação entre o *não obstante* e as locuções *apesar de* e *no entanto*, essas últimas estariam vencendo a competição, determinando, assim, uma queda na frequência de *não obstante* no século XX. Quanto à competição com o conetivo *embora*, vimos que há, ainda, um processo de variação no século XX. Há força ainda para o *não obstante* com sentido de *embora*, tornando-se menos lexical, apesar de o *embora* ser bastante produtivo.

### 3. Considerações Finais

Quando um item se torna mais gramatical, uma das consequências é a alteração em sua distribuição sintática, que passa a ser mais restrita, e essa restrição aumenta à medida que o item se torna ainda mais gramatical. Outra questão é a alteração no significado: a gramaticalização também traz consequências em relação ao conteúdo do item. Assim, se estamos diante de um processo em que uma forma passa a apresentar alterações no significado que podem ser entendidas como um “abrandamento” semântico e, além

disso, adquire certas restrições sintáticas, por que não chamar esse processo de gramaticalização? Mesmo que essa forma se mantenha dentro da categoria lexical, poderíamos dizer que houve, ao longo de um processo, alterações em direção a sua gramaticalidade, determinando, portanto, o surgimento de um item menos lexical.

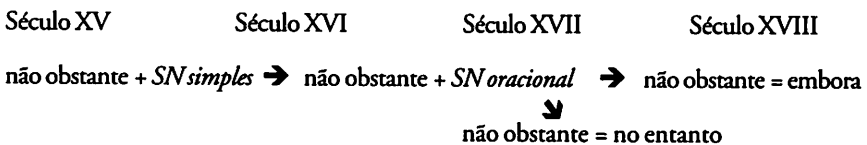
De acordo com a análise feita, estabelecemos o percurso da gramaticalização do *não obstante* conforme o esquema (14), apresentado novamente a seguir:

- (14) (1ª etapa) part. presente > adjetivo > (2ª etapa) 2a. *não obstante* + SN > 2b. *não obstante* + SN oracional > 2c. *não obstante* + oração com verbo no subjuntivo

A partir da segunda etapa desse processo, temos uma locução que, a princípio, apresenta um valor concessivo. Essa etapa parece iniciar no século XV, segundo os dados do *corpus* analisado. A etapa 2b. parece acontecer a partir do século XVI, quando a expressão *não obstante* é seguida por um SN oracional – nessa etapa, o *não obstante* parecer ser menos lexical que a anterior, pois introduz uma oração, o que contribui para o caráter de locução conjuntiva. E, a partir do século XVIII, a expressão passa a ocorrer em sua forma menos lexical, determinando a etapa 2c. do processo.

Observamos os casos em que a expressão *não obstante* se apresenta com uma possível mobilidade na sentença, em posição destacada, geralmente entre vírgulas. Nessa situação, o *não obstante* não parece desempenhar, exatamente, a função de conetivo, mas sim de operador discursivo: trata-se do *não obstante* com o mesmo valor de no entanto. Dessa forma, tratamos esses casos como uma possível etapa de discursivização. Seguindo uma abordagem formal, determinamos o processo de gramaticalização do *não obstante* tendo em vista o fato de que a expressão se torna menos lexical, ressaltando, principalmente, a questão da limitação sintática.

Assim, a trajetória do *não obstante* ao longo da história da língua pode ser ilustrada a partir do seguinte esquema:



Poderíamos afirmar que a expressão *não obstante*, após o século XVI, trilha caminhos distintos: no XVII, ela adquire um sentido adversativo ao englobar o SN a que se refere e, no XVIII, num caminho paralelo, da referência à oração com verbo em sua forma infinitiva, o *não obstante* passa a iniciar oração com verbo exclusivamente no modo subjuntivo, constituindo uma locução conjuntiva concessiva com maior limitação sintática.

É importante ressaltar que, à medida que o *não obstante* passa a ser empregado de maneiras distintas, os contextos sintáticos anteriores não deixaram de existir. De maneira geral, porém, a frequência de ocorrência da expressão caiu no século XX, e esse fato pode estar relacionado a uma possível concorrência do *não obstante* com outras formas de mesmo valor semântico e função: em alguns casos, o *não obstante* parece estar perdendo essa concorrência no século XX.

Sobre o *não obstante* f.Lex-, verificamos uma queda em sua frequência no século XIX e aumento no século XX, o que vai de encontro ao que Vitral (2006) chama de processo prototípico da gramaticalização, já que não registramos um aumento contínuo da f.Lex- do *não obstante* ao longo da história da língua. A variação com o item *embora* parece ter influenciado a produtividade do *não obstante*. Assim, temos um indício de que a gramaticalização de uma forma pode sofrer alguma interferência de um processo de variação, conforme Vitral, Viegas e Oliveira (2010).

## Referências

- DAVIES, M.; FERREIRA, M. J. *O corpus do Português* [on-line]. 2006. Disponível em: <[www.url:http://corpusdoportugues.org](http://corpusdoportugues.org)>.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].
- HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LABOV, W. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MIOTO; SILVA; LOPES. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2000.

PEREIRA, P. A. *Formações com NÃO em português*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte. (Em andamento)

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, v. 9, n. 18, 2006.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

VITRAL, L.; VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, M. A. Inovação *versus* mudança: a interseção gramaticalização/teoria da variação e mudança. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

# Análise do não em formações nominais do português

Pâmella Alves Pereira  
UFMG

Maria do Carmo Viegas  
UFMG

## Introdução

A partícula *não*, no português, quando está relacionada a nomes (doravante formações do tipo **não + nome**), pode fazer referência a um particípio, a um adjetivo ou a um substantivo, como em *não alinhado*, *não verbal* e *não sócio*, (dados extraídos de <http://www.corpusdoportugues.org>). O presente artigo propõe a análise dessas formações considerando-se os estudos das formações de palavras feitos por Schwindt (2000), Moreno (1997), Lee (1995) e por Silva & Miotto (2009).

O trabalho está organizado da forma que se segue: na próxima seção, avaliamos a hipótese do *não* como formador de compostos, nos pressupostos teóricos da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1983); posteriormente, apresentamos a proposta de análise dessas formações como compostos pós-lexicais; e, na última seção, trazemos as considerações finais.

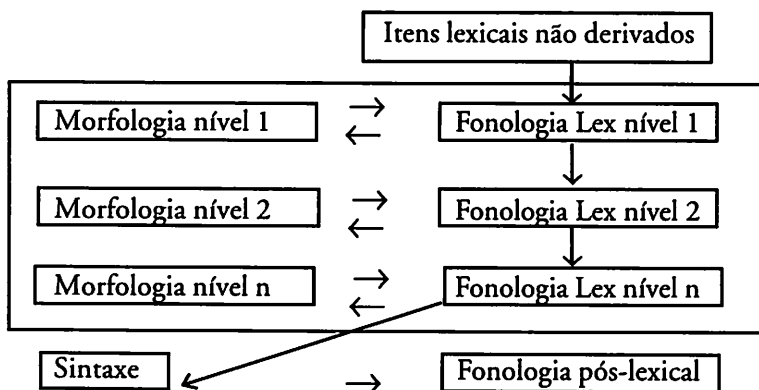
## 1. Formação em não: análise no âmbito da fonologia lexical

### 1.1. Fonologia Lexical

A Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982, 1983) estuda a interação entre a morfologia e a fonologia, ou seja, a relação existente entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que se aplicam a essa estrutura.

Segundo essa proposta teórica, o léxico está dividido em níveis e, em cada nível, atuam regras morfológicas e fonológicas. Veja o esquema (1)<sup>1</sup> a seguir:

(1)



A ideia fundamental dessa estrutura é a de que há uma relação cíclica entre os componentes morfológicos e fonológicos, isto é, regras morfológicas podem ser aplicadas sobre o *output* de regras fonológicas e vice-versa, e o *output* do último estrato alimenta a sintaxe. A partir daí, outras regras fonológicas podem ser aplicadas aos vocábulos no componente pós-lexical. Assim, Kiparsky (1983, p. 3-4) propõe a existência de regras lexicais e regras pós-lexicais caracterizadas, resumidamente, abaixo:

- As regras lexicais podem fazer referência à estrutura interna das palavras e as regras pós-lexicais não podem.
- As regras lexicais estão sujeitas ao ciclo apresentado em (1), porque podem ser reaplicadas em outros níveis da formação da palavra, contanto que sejam seguidas suas condições estruturais. As regras pós-lexicais não estão sujeitos ao ciclo.

<sup>1</sup> O esquema (1) foi adaptado de KIPARSKY (1983, p. 2).

- As regras lexicais estão sujeitas ao Princípio de Preservação da Estrutura,<sup>2</sup> ao contrário das regras pós-lexicais.
- As regras lexicais devem preceder todas as aplicações das regras pós-lexicais.
- As regras lexicais podem ter exceções, diferentemente das pós-lexicais.
- As regras lexicais estão sujeitas à ordem disjuntiva, enquanto as regras pós-lexicais sujeitam-se à ordem conjuntiva.

## 1.2. A prefixação, a composição e a organização do léxico no português

Em relação ao português e de acordo com os estudos de Lee (1995), Moreno (1997) e Schwindt (2000), o léxico apresenta dois níveis ordenados: o nível 1, que é o nível da raiz, e o nível 2, que é o nível da palavra. A respeito da prefixação, consideramos o trabalho de Schwindt (2000).

Em sua tese de doutorado, Schwindt estuda os prefixos do português do Brasil com base na Fonologia Prosódica e da Fonologia Lexical. Segundo o autor, os prefixos podem ser divididos em dois grupos: prefixos composicionais, ou seja, prefixos que se configuram como palavras independentes, e prefixos legítimos, que são aqueles que se estruturam como sílabas átonas antepostas a uma base.

Com base nos pressupostos da Fonologia Lexical, da organização do léxico segmentado em níveis, a prefixação corresponde, segundo Schwindt (2000), a um processo que se divide em prefixação de nível 1 (envolve prefixos que lidam com uma base em formação e ocorre no nível 1 do léxico) e prefixação de nível 2 (envolve prefixos que lidam com uma base em formação e ocorre no nível 1 do léxico) e prefixação de nível 2 (envolve prefixos que lidam com a palavra pronta e ocorre no nível 2 do léxico). Assim, os chamados prefixos legítimos são inseridos como sílabas pretônicas à esquerda de uma base, e esse processo pode ocorrer tanto no nível 1 do léxico quanto no nível 2, dependendo das características da base a que se juntam. Já os prefixos composicionais estariam envolvidos apenas no processo de prefixação de nível 2. Segundo o autor, esses prefixos

---

<sup>2</sup> O Princípio de Preservação da Estrutura proíbe a aplicação de regras das quais resultarão formas proibidas no sistema linguístico.

trilham um caminho como palavras fonológicas independentes até o nível pós-lexical, de onde sofrem um *loop*, voltando ao nível 2 do léxico para sofrerem prefixação e, conseqüentemente, ficam suscetíveis aos processos fonológicos do nível 2. Quando não há esse *loop*, a formação recebe um *status* de composto sintático.

Para delimitar os prefixos utilizados em seu estudo, Schwindt (2000) utiliza um levantamento realizado nas gramáticas de Celso Cunha (1980) e Napoleão Mendes de Almeida (1989) e nas formações novas apresentadas por Sandmann (1989). Após análise, os dados foram divididos e classificados conforme o quadro 1 a seguir :

QUADRO 1

Divisão e classificação dos prefixos conforme análise de Schwindt (2000)

PREFIXOS COMPOSICIONAIS	
Dissilábicos	auto-, ante-, contra-, extra-, hiper-, infra-, macro-, micro-, mono-, neo-, pseudo-, recéN-, semi-, ultra-, vice-
Monossilábicos	bem-, bi-, eS <sub>ant</sub> -, não-, paN-, pós-, pré-, pró-, tri-
PREFIXOS LEGÍTIMOS	
Monossilábicos	a-, ad-, an-, coN-, eN-, deS-, diS-, eS <sub>fora</sub> -, iN <sub>dentro</sub> -, iN <sub>neg</sub> -, re-, sub-, tranS-

Schwindt (2000), então, selecionou e dividiu os processos fonológicos que estão envolvidos nas formações prefixais em dois grupos:

“Processos do grupo I – ocorrem nos limites da palavra fonológica: neutralização da átona final e sândi vocálico externo.

Processos do grupo II – ocorrem no interior da palavra fonológica: neutralização da pretônica, harmonização vocálica e assimilação da nasal.” (p. 113)

Os prefixos composicionais, segundo o autor, estariam sujeitos aos processos do grupo I e não suportariam os processos do grupo II, ao passo que os prefixos legítimos comportar-se-iam de maneira inversa.

Na proposta de Moreno (1997) para a caracterização dos compostos no Português, podemos ver a semelhança entre o que o autor considera uma composição e o que Schwindt entende por formação com prefixos composicionais. Segundo Moreno (1997, p. 149), as formações compostas passam por uma série de estágios de evolução, destacando-se as seguintes etapas:



1. O germe do novo composto é formado na sintaxe, no momento em que dois elementos passam a ser usados, com grande regularidade, como um sintagma comum.
2. O composto entra no léxico: de sintagma passa a palavra sintática. Mantém intactos os dois domínios prosódicos e os dois domínios morfológicos.
3. O composto é alçado para a morfologia, no Nível do Vocábulo; ocorre a gradativa passagem dos dois domínios morfológicos a um só, transferindo a flexão, a derivação e o DIM para a direita do novo vocábulo. (MORENO, 1997, p. 149).

Nesse sentido, os compostos, na concepção de Moreno (1997), são palavras formadas no nível pós-lexical, fora do léxico, portanto, e, por constituírem uma só unidade, a formação pode ser alçada para o léxico.

Na análise dos compostos do português feita por Lee (1995), o autor propõe que haja dois tipos de compostos no português do Brasil: os compostos lexicais e os compostos pós-lexicais.

Os compostos lexicais funcionam como unidades independentes nas operações morfológicas e seriam considerados os “compostos verdadeiros”. Esse tipo de composição ocorreria no nível 1 do léxico, junto aos processos de derivação e flexão irregular. Já os compostos pós-lexicais são palavras sintáticas reanalisadas e que permitem os processos morfológicos entre seus constituintes (são sintaticamente transparentes), por isso eles são chamados “pseudocompostos”. Os compostos pós-lexicais seriam formados no componente pós-lexical e constituiriam uma unidade semântica, mas cada constituinte desse tipo de composto funcionaria independentemente nas operações sintáticas.

Lee (1995, p. 54-56) determina, então, os tipos de compostos do português, apresentados, a seguir, resumidamente:

Compostos lexicais:

$N + N \rightarrow$  rádio-táxi

$A + A \rightarrow$  ítalo-brasileiro

$V + N \rightarrow$  guarda-chuva

Compostos pós-lexicais

$N + (\textit{preposição}) + N \rightarrow$  pé-de-moleque / sofá-cama

$N + A \rightarrow$  boia-fria

$A + A \rightarrow$  surdo-mudo

$A + N \rightarrow$  curto circuito

### 1.3 – As formações em não

Orientando-nos pelo modelo da Fonologia Lexical, uma formação do tipo **não + nome** constitui-se de dois vocábulos prontos que passam separadamente por toda derivação no léxico e, depois, no nível pós-lexical, começam a ser usados em forma de uma única expressão. Vejamos:

- (1) A medida é uma resposta ao **não pagamento** da dívida, em torno de R\$ 556,00 (Século XX. Notícia. Fonte: corpusdoportugues.org)
- (2) uma ação na Justiça para pleitear a regulamentação da Gratificação de Atividade Operacional, **não repassada** aos policiais desde de janeiro do ano passado. (Século XX. Notícia. Fonte: corpusdoportugues.org)

Em (1), a palavra *pagamento* parece ter adquirido o sufixo antes de formar a expressão *não pagamento*. Em (2) a palavra *repassada* adquiriu o prefixo *re-* e o sufixo *-ada* no léxico para, depois, fazer parte da formação com o *não*.

O sintagma formado, no nível pós-lexical, pelo elemento *não* e o nome a que ele se refere apresenta uma relação sintática que é fortemente refletida na interpretação do composto.

- (3) O preço da inscrição, semdireito a hospedagem fica por R\$ 75,00 (associados), R\$ 185 (filiado), R\$ 205 (**não sócio**) e R\$ 95 para estudantes. (Século XX. Notícia. Fonte: corpusdoportugues.org)
- (4) o período encontrado foi de 11 meses, apesar de **não significativo**. (Século XX. Texto acadêmico. Fonte: corpusdoportugues.org)

Em *não sócio*, pressupõe-se uma estrutura como *aquele que não é sócio*. Em (4), entendemos que há elipse do verbo *ser* entre o *não* e o adjetivo. O elemento *não* está mais próximo da negação sintática do que de um afixo e, por isso, as formações em *não* seriam formações ainda no componente sintático.

Essa hipótese pode ser corroborada pelos argumentos de Silva & Miotto (2009) a respeito da caracterização dos prefixos do português. Segundo esses autores, a prefixação caracteriza-se por cinco critérios: afixação ao lado esquerdo da base (LEB); o prefixo não é uma base N, V ou A (NVA); a recorrência (REC); a identidade fonética, semântica e funcional (FSF) dos prefixos associada às preposições, numerais ou advérbios; forma presa (PRE).

Nesse sentido, Silva & Miotto (2009, p. 10) apresentam um quadro em que são aplicados a alguns candidatos a prefixos esses critérios que, segundo os autores, definem a prefixação. Veja a seguir:

### QUADRO 2

Tabela extraída de Silva e Miotto (2009, p. 10) com os traços que definem alguns candidatos a prefixos

Traços	agronegócio	sempre-viva	porquê	extrapor	compor	não-fiel	infiel	reler
LEB	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
NVA	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
REC	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
FSF	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
PRE	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM

Os únicos elementos, entre aqueles apresentados no quadro 2, que contemplam todos os traços de um prefixo são *in-* e *re-*. As formas *extra*, *com* e *não* distinguem-se de *in-* e *re-* apenas por se apresentarem como formas livres na língua e, por isso, segundo Silva e Miotto (2009, p. 11-12), são excluídas da classe dos prefixos, e esta só compreende as formas presas, monossilábicas e que se agregam à esquerda de uma base que tem existência como palavra. Assim, o *re-* de *reprimir* não seria um prefixo, uma vez que *\*primir* não existe, sincronicamente, como uma palavra no português.

Os autores apresentam como critério para excluir da prefixação as formações com o *não* referente a um adjetivo, além da questão de o *não* ser uma forma livre, o fato de que esse tipo de formação não se dá no nível da morfologia, já que é possível perceber uma relação entre a formação da palavra e a sintaxe. Na negação sentencial, há um processo sintático de licenciamento de palavras negativas como *ninguém* ou *nenhum*: o *não* comanda essas palavras negativas na sentença. Quando se trata de formações do tipo *não* + adjetivo, Silva & Miotto (2009) apresentam os seguintes exemplos:

“Considero o João não-fiel a ninguém.

\*Considero o João infiel a ninguém.” (p. 11)

Conforme comentam os autores, o *não* é capaz de licenciar a palavra negativa *ninguém* após o adjetivo *fiel*, tornando gramatical a primeira frase

dos exemplos acima. Já a segunda frase é agramatical porque o prefixo *in-*, como qualquer prefixo legítimo, não tem relação com a sintaxe e, portanto, não c-comanda a palavra *ninguém*.

Em nota de rodapé, Silva & Miotto (2009, p.12) afirmam ainda que, devido ao fato de formações do tipo **não + adjetivo** se darem no componente sintático, elas não poderiam, sequer, ser classificadas como formações compostas, porque nestas também entra a questão da opacidade morfológica – o que parece diferir também essas formações com *não* daquelas com *com-* e *extra-*.

No modelo da Fonologia Lexical, as formações do tipo **não + nome** devem ser analisadas como elementos do componente sintático assim como as formações **não + adjetivo**, pois não mostram opacidade para as descrições e operações sintáticas, ou seja, são sintaticamente transparentes. Esta seria uma frase aceitável, conforme testes feitos por Pereira, P., em andamento:

(5) Os não sócios de nenhum clube preenchem o formulário rosa.

Frases como essa são produzidas e foram encontradas no corpus Davies e Ferreira (2006). Foram encontradas frases semelhantes em pesquisa feita na base de dados Google.

Outro aspecto a ser considerado é a aceitabilidade e a produção de casos em que há a coocorrência dessa formação com *nem*, conforme Pereira, P., em andamento:

(6) Os não sócios nem fundadores dos clubes devem preencher o formulário azul.

Aí parece evidente que houve a elipse dos verbos expressos a seguir:

(7) Os que não são sócios nem são fundadores dos clubes devem preencher o formulário azul

Comprovando com mais esse argumento que essas formações devem estar ainda no estágio 1 da citação de Moreno (1997), ou seja, no componente sintático.

## 2. Considerações finais

Mostramos que, num léxico organizado em níveis, conforme a proposta da Fonologia Lexical, as formações aqui apresentadas ocorrem fora do léxico, isto é, no componente sintático. Apresentamos o argumento da coocorrência dessas formações com *nem*. Assim como Silva e Miotto (2009), não corroboramos a hipótese de análise do *não* como prefixo nem como parte de um composto formado no nível lexical nas formações como *não sócio* e *não fiel*, pois essas apresentam transparência sintática que não existiria caso fossem formações prefixais ou composições no nível lexical.

## Referências

- DAVIES, M.; FERREIRA, M. J. *O corpus do Português* [on-line]. 2006. Disponível em: <www.url:http://corpusdoportugues.org>.
- KIPARSKY, P. Word-formation and the lexicon. In: INGERMAN, F. (Ed.). *Proceedings of the Mid America Linguistics Conference*. University of Kansas, 1983.
- KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: YANG, I.-S. (Ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- LEE, S.-H. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. 1995. Tese (Doutorado) - UNICAMP, Campinas, 1995.
- MORENO, C. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. 1997. Tese (Doutorado) – Porto Alegre: PUCRS, 1997.
- PEREIRA, P. A. *Formações com NÃO em português*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte. (Em andamento)
- SCHWINDT, Luiz Carlos. *O prefixo no Português brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. Tese (Doutorado) - PUCRS, Porto Alegre, 2000.
- SILVA, M. C. F.; MIOTTO, C. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, v. 7, n. 12, 2009. Disponível em: <www.revel.inf.br>.

ISBN 978-85-7758-095-8



9 788577 580958

ufmg  
fale  
letras

PosLin